

LINGUAGEM INTERNA E AFASIA

Edson Françaço

Tese apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Ciências.

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Edson Françaço e aprovada pela comissão julgadora em Campinas, 1987 14/10/87



Margelo Das Cal
PROF. DR. MARCELO DAS CAL

Agradecimentos

Apreendi muito ao escrever esta tese. Principalmente, aprendi que o que há de gratificante no trabalho acadêmico são os amigos. Por isso, agradeço a Marcelo Dascal, pela orientação, atenção e apoio em muitos momentos importantes. A Claudia Lemos, pelo exemplo e por sua confiança. A Maria Irma Hadler Coudry, que sempre me faz lembrar que o caminho não é solitário. A Sírio Possenti e João Wanderley Geraldi, por me ajudarem a ver melhor por entre as árvores da floresta linguística. A Carlos Franchi e Rodolfo Ilari, mestres. A Eleonora Albano, pela serenidade e entusiasmo de um saber fecundo. A Maria Laura Mayrink-Sabinson, Ester Miriam Scarpa, Jonas Araujo Romualdo e Tânia Maria Alkimin, porque sua amizade é importante. A Deise Tallarico Pupo, sem cujo auxílio a bibliografia deste trabalho seria mais pobre.

Por uma época mais distante, que deixou marcas, lembro ainda Newton Cesar Balzan, Wilson Camargo, João Adolfo Hansen e Marcos Cardoso Gomes.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio da CAPES, da FAPESP e do Departamento de Filosofia da Universidade de Tel-Aviv.

Para Fátima.

Para Mariana e Laura.

Para meus pais.

RESUMO

O presente trabalho analisa o conceito de linguagem interna como uma instância explicativa dos distúrbios afásicos. A análise concentrou-se em autores do período inicial da história da afasia (século XIX) e em autores mais modernos que se utilizam do conceito. Descobriu-se que, a depender do contexto histórico e teórico em que é usado, o conceito de linguagem interna exhibe variados estatutos ontológicos. Por exemplo, no contexto do empirismo que caracterizou o início da história da afasia, a linguagem interna é vista em termos da memória de imagens sensoriais; no contexto da psicologia soviética, ela é vista em termos de uma função cognitiva que resulta da internalização da linguagem (originalmente social). Apesar da variabilidade de seu estatuto ontológico, há um núcleo comum às diversas formulações desse conceito: a linguagem interna é uma representação mental da linguagem e desempenha um papel instrumental frente ao pensamento. Assim, conclui-se que a linguagem interna é um instrumento teórico fundamental no estudo da afasia apesar do fato de ela não ser explicitamente utilizada por boa parte dos pesquisadores contemporâneos. Além disso, conclui-se que conceitos que desempenham um papel teórico fundamental não são rígidos e imutáveis, e nem fluídos e ilusórios; ao contrário, eles obedecem a certos condicionamentos que somente uma análise que aborde a variação das propriedades desse conceito em diferentes contextos teóricos pode revelar.

Candidato: Edson Francozo

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Dascal

2.2. Linguagem Interna	101
2.3. Afasia e Linguagem Interna	114
3. Orientação	128
Notas	134
 Cap. Quatro - ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS: GOLDSTEIN E LURIA	146
1. Afasia e Inteligência	148
2. Goldstein: Uma Visão Holística da Linguagem Interna .	162
3. Luria: A Gênese da Linguagem Interna	181
3.1. Linguagem e Pensamento	184
3.2. Propriedades Distintivas da Linguagem Interna ...	194
3.3. Linguagem Interna e Afasia	202
4. Orientação	209
Notas	211
 Cap. Cinco - A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM INTERNA NA AFASIA:	
Conclusão	216
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	239

AFASIA E LINGUAGEM INTERNA:

Introdução

1. Problemas Conceituais na Investigação da Afasia

A afasia é um objeto de investigação estranho, senão altamente improvável, pelo menos para alguns membros da profissão médica, como atesta Goody:

"Aphasia is one of the most important and yet one of the most neglected subjects in neurology. In the present-day fashion for the instrumental dissection of the mind and the nervous system, aphasia is allocated only a very small space in the practice and teaching of neurology in the broadest sense. Frequently it is implied to undergraduate and post-graduate students that any study of aphasia (or agnosia and apraxia) is best left to those elderly and possibly infirm neurologists who can no longer keep up with the 'advances' which pour forth from the laboratories. In higher medical examinations, in which candidates are expected to be familiar with the most abstruse details of some recent product of a super-specialty, it is often thought 'unfair' for the candidate to be asked anything about aphasia or kindred disorders. It is thought to be 'too rare' or 'too difficult'" (Goody 1977:10)

Face a tal avaliação negativa dos estudos da afasia (nas ciências médicas) [1], pode-se tanto pensar que ela encontra-se nessa situação porque é geralmente tomada como objeto de estudos por pesquisadores 'malucos' ou senis, ou então que algo não vai bem no domínio das teorias subjacentes ao estudo da afasia e que isso é a causa da suposta negligência do assunto. Uma vez que o primeiro enfoque é obviamente um beco sem saída para qualquer investigação séria, tomarei o segundo caminho no presente trabalho, tendo como ponto de partida a idéia de que o que estaria impedindo maiores desenvolvimentos do estudo da afasia são problemas conceituais.

Que se trata de problemas conceituais pode ser visto, por exemplo, nas discussões [2] que concernem o sistema pelo qual médicos e pesquisadores classificam as várias manifestações da afasia em diferentes síndromes. A taxonomia clássica, que origina-se nas doutrinas de Broca e Wernicke, é vista hoje como inadequada para a tarefa de revelar os mecanismos que subjazem o processamento da linguagem. Pois, como diz Schwartz (1984), ela não é mais que uma listagem de características anatômicas juntadas a déficits linguísticos e difusas anormalidades comportamentais. A situação é essa porque, ao longo dos anos, as teorias anatômicas e psicológicas sobre as quais baseava-se essa doutrina perderam credibilidade e, como consequência, a estrutura da classificação foi alterada. Assim, a lista das características diagnósticas cresceu e mudou também, pelo menos em parte para acomodar as alterações de enfoque so-

bre a natureza do processamento de linguagem (cf. Schwartz 1984:6). Penso que em sua análise dos problemas conceituais da taxonomia, Schwartz tocou num ponto fundamental ao reconhecer que as mudanças históricas são um fator preponderante na pouca clareza dos sistemas de classificação em particular, e nas questões conceituais da afasia em geral.

Essas mudanças no quadro conceitual da afasia, contudo, tendem a ser esquecidas. Vejamos como Caramazza (1984) aborda as inadequações atuais e oferece uma saída para elas, por meio de uma distinção entre um sentido fraco e outro forte da noção de síndrome. No primeiro caso, uma síndrome é definida em termos da co-ocorrência estatisticamente significativa de um conjunto de sintomas, de tal forma que a escolha dos sintomas que se incluem em uma dada síndrome é uma questão empírica. No segundo caso, os sintomas co-ocorrem e formam uma síndrome por causa do comprometimento do(s) mecanismo(s) de processamento envolvidos na execução normal dos processos que caracterizam as funções comprometidas que integram a síndrome. Isto é, a co-ocorrência de sintomas nesse caso é (nomologicamente) necessária, e emerge da assunção de princípios como o da modularidade das funções cognitivas. Nesse contexto, as síndromes clássicas da afasia devem ser consideradas como do tipo psicologicamente fraco, e as classificações como 'afasia de Broca', 'afasia de Wernicke' ou 'afasia de condução' são definidas de modo pouco rigoroso como a co-ocorrência de distúrbios de funções definidas em termos muito pouco específicos (Caramazza 1984:18). Portanto, a utilidade de síndromes assim definidas para uma inves-

figação que objetive o desenvolvimento de uma teoria da estrutura e funcionamento da cognição em sujeitos normais deve ser vista como nula, embora essas síndromes possam ser úteis para agrupar pacientes com fins 'práticos' (o assim chamado 'método clínico' notoriamente apoia-se nessas razões práticas - ver Poeck 1983:80-81).

De certa forma, essa divisão entre dois sentidos da noção de síndrome equivale à distinção entre realismo e instrumentalismo. Essa distinção pode ser satisfatoriamente apreendida a partir da explicação do fenômeno do isomerismo. O isomerismo (cf. Harré 1972:144) é o fenômeno em que duas ou mais substâncias que tem a mesma composição química mostram grandes diferenças químicas e físicas. A explicação para isso é que os átomos, cujas proporções são idênticas em cada um dos isômeros, estão diferentemente organizados no espaço. Assim, a diferença entre os isômeros deve-se à organização e orientação inteiramente diferentes de seus constituintes atômicos. Numa perspectiva instrumentalista, a noção de uma organização espacial dos átomos é encarada apenas como uma 'ficção', como um instrumento de investigação, que pode ser bem ou mal sucedido na explicação (e predição) de fenômenos físicos. Numa perspectiva realista, essa organização é vista como uma estrutura cuja existência é real e, em virtude da qual, surgem as diferenças entre os isômeros. Dito de uma outra forma,

"...the structural account gives us an account of what isomers really are, and what the difference between them

really is. [...] it is the difference in structure which is responsible for, and is the cause of the differences between the isomers" (Harré 1972: 144, sublinhado pelo autor).

Isto é, as entidades teóricas não são apenas tidas como reais, mas também como dotadas de um poder causal que é o fundamento da possibilidade de explicação do fenómeno ao qual a teoria se aplica. No caso da perspectiva instrumentalista, ao contrário, a noção de arranjos espaciais de átomos não é passível de julgamento como uma entidade dotada de poder causal.

Dentro desse quadro, uma síndrome no sentido *icazo* do termo deve ser vista como instrumento de investigação bem ou mal sucedido. Ao contrário, a interpretação forte é realista, no sentido em que algumas das entidades referidas pelos termos teóricos que subjazem à definição da síndrome são bons candidatos à existência, isto é, poder-se-á, presumivelmente, demonstrar que são reais e dispõem de poder causal. O compromisso com uma visão realista das teorias da afasia aparentemente dispensa a taxonomia clássica como um amontoado de rótulos descritivos não relacionados entre si - ou, no melhor dos casos, apenas estatisticamente relacionados. Aliás, esta é também a posição de Schwartz (1984) quando pede 'ordem' nos pressupostos e métodos de classificação da afasia. No entanto, esta é uma generalização apressada; as taxonomias clássicas não devem ser tão prontamente deixadas de lado.

Aceitemos que a explicação das síndromes afásicas é construída com base numa visão realista (veja Manicas & Secord 1983, sobre as implicações do realismo na psicologia). Nessa visão, certas propriedades de estruturas causais são tomadas como não redutíveis ou emergentes. Tome, por exemplo, o sal que adicionamos aos alimentos. Em um certo nível de explicação, ele é identificado ao composto NaCl . Mas esse composto tem propriedades causais que não são verdadeiras quer do sódio quer do cloro: a propriedade disposicional do sal de dissolver-se em contato com a água somente pode explicar-se pelas propriedades emergentes do composto NaCl (e da água, também um composto).

Contudo, as propriedades emergentes do composto NaCl constituem-se com base nos elementos da ordem hierarquicamente inferior, isto é, Na e Cl . Assim, o problema ontológico do reductionismo pode ser formulado da seguinte forma:

"The principles of a higher-order science are explained in terms of a lower order science; at least a partial translation is possible. For example, certain perceptual capacities may be explained in terms of the neurophysiological properties of the visual system" (Manicas & Secord 1983: 402)

Note que essa formulação do princípio reductionista não postula que a percepção é explicada e prevista com base em princípios bioquímicos apenas (como seria o caso no reductionismo físico-lista). No caso da afasia, o realismo permitiria então aceitar

propriedades causais emergentes como a dissociação, que apenas parcialmente explica-se em termos da especialização do tecido cortical. Portanto, uma visão realista da afasia permite, como aliás defende Caramazza (1984), um equacionamento (mas não uma solução definitiva, dado, digamos, o processo ainda insuficiente de desenvolvimento desse campo de pesquisas) de questões ontológicas e epistemológicas fundamentais.

Porém, essa não é a história toda. Mesmo os textos introdutórios de filosofia da ciência (e.g. Harré 1972: 90-94) fazem notar que os conceitos não são introduzidos e permanentemente fixados com um certo estatuto lógico e epistemológico. Um novo termo pode ser considerado como referindo-se a uma entidade cuja existência é postulada - isto é, sua existência poderia ser seriamente admitida numa perspectiva realista - e então uma mudança na organização das teorias científicas em um determinado domínio poderia privá-lo desse estatuto. Portanto, não é apenas o caso de que desenvolvimentos históricos poderiam explicar a presente confusão teórica em que a taxonomia clássica da afasia está colocada como resultado da mera adição de, digamos, novos e teoricamente distinto critérios de classificação. Mais importante do que isso, questões epistemológicas e ontológicas fundamentais (como vimos acima) estão também envolvidas: a relação entre mudança conceitual e mudança de paradigma e os pressupostos ontológicos (como a questão do reducionismo). Estas questões podem ser abordadas se for possível reconstruir a 'organização' do campo de investigação da afasia através de suas várias fases ou mudanças, de modo a tornar possível ava-

liar a variação no estatuto relativo das várias entidades postuladas por diferentes teorias.

É nessa perspectiva que se insere este trabalho. Consideremos, por exemplo, a própria interpretação feita do conceito de síndrome, proposto por Caramazza. Essa interpretação assenta-se sobre a possibilidade de uma justificativa empírica, a saber, que um distúrbio do sistema nervoso central geralmente resulta num padrão diferenciado de distúrbios de linguagem - pode-se comumente referir-se a isso, na investigação da afasia, sob o nome de dissociação das funções da linguagem. Sobre esse terreno empírico, uma hipótese de fracionamento é adotada: "brain damage can result in the selective impairment of components of cognitive processing" (Caramazza 1984:10). Duas condições adicionais devem ser admitidas, para que se possa trabalhar com a hipótese do fracionamento: primeiro, que funções complexas são representadas em termos de componentes ou módulos mais simples; e, segundo, que o desempenho patológico pode fornecer uma maneira de discernir qual o módulo do sistema que foi comprometido (e a esta ele chama de condição de 'transparência'). Claro, esse conjunto de assunções pode ser tomado como um objeto de estudos em si mesmo, como exemplificado em Chomsky (1984) ou Fodor (1983). Para nossos propósitos atuais, notemos apenas que, de acordo com Caramazza, uma das pedras de toque da utilização de dados afasiológicos na investigação neurocognitiva é o conceito de dissociação de funções psicológicas.

Mas, o conceito de dissociação não é novo na pesquisa afasiológica. É interessante notar que Ellis, Miller e Sinn (1983), em seu estudo de caso sobre a afasia de Wernicke no interior de um quadro teórico muito semelhante, senão idêntico, ao proposto por Caramazza - isto é, a neuropsicologia cognitiva - dizem

"Specificity and dissociability of functions, then, tell us something about which cognitive subsystems are independent from which others, and also possibly something about how those subsystems might interconnect. This, of course, was exactly the position espoused by those late nineteenth century neurologists who pioneered the study of aphasia, but who were later scorned by Henry Head as (mere) 'diagram makers' (e.g. Bastian, 1897; Broadbent, 1872; Lichtheim, 1885; Wernicke, 1874)" (Ellis, Miller & Sinn 1983:113).

Penso ser muito instrutivo que pesquisadores que pretendem estar na fronteira da investigação psicológica (veja Ellis et al. 1983:112) tenham o trabalho de relacionar suas idéias aos 'pioneiros' da história da afasia. Ainda mais se lembrarmos que precisamente esses pioneiros tem um papel considerável no estabelecimento da taxonomia clássica, contra a qual se voltam tanto Schwartz quanto Caramazza. É revelador porque nos força a reconhecer que houve, mesmo que de forma rudimentar, posições teóricas de peso (e do mesmo tipo defendido por Caramazza) por trás das doutrinas clássicas da afasia. Portanto, não há necessidade de encarar a taxonomia clássica como uma instância do

instrumentalismo e, portanto, de descartá-la como um mero conjunto de rótulos descritivos. Ao contrário, ela deve ser levada mais a sério, pois embora seja certamente 'desengonçada', como diz Schartz (1984:6), um exame mais cuidadoso dela poderá resultar num melhor entendimento dos movimentos de pensamento dos quais nossas atuais teorias sobre a afasia originaram-se e, eventualmente, indicar o que espera as investigações atualmente em curso.

Em resumo, os esquemas classificatórios que se desenvolveram a partir das doutrinas clássicas, como sugerido acima, fizeram uso de certas entidades e postulados teóricos, alguns dos quais ainda são operantes em teorias atuais (mesmo naquelas que se declaram insatisfeitas com esquema 'clássico'). O conceito de dissociação é um exemplo.

2. O conceito de linguagem interna

Outro exemplo é o conceito de linguagem interna, que me proponho analisar no presente trabalho.

Minha motivação para escolher a linguagem interna como objeto de estudo está em linha com os problemas conceituais que indiquei acima. É fácil concluir (como veremos logo abaixo) que embora esse conceito tenha sido consistentemente empregado pelos fundadores do estudo da afasia, ele é hoje empregado em escala moderada por pesquisadores do campo. Uma questão interessante, embora talvez 'menor' (no sentido de ser exclusivamente

histórica), a ser levantada em vista disso é a de se exatamente o mesmo conceito que já teve um papel no estudo da afasia sobreviveu nas teorias ou explicações atuais do fenômeno afásico. A visão alternativa, isto é, que não estamos lidando exatamente com a mesma 'linguagem interna' nas duas instâncias, acarreta a aceitação de que algum tipo de mudança conceitual ocorreu.

Naturalmente, se aceitamos a posição de Schwartz (1984) sobre o papel da mudança histórica na taxonomia da afasia, seremos forçados a adotar a segunda perspectiva. Se, porém adotarmos a re-interpretação da visão de Caramazza que esboçamos acima, então estaremos aceitando que, pelo menos aproximadamente, o mesmo tipo de explicação teórica que o empregado pelos estudiosos do século XIX é atualmente utilizado. Isto é, estou propondo que não apenas o conceito de dissociação é operante em toda a tradição de estudo da afasia; também o conceito de linguagem interna deve ser assim considerado. Esse postulado introduz uma diferença fundamental em relação às críticas à taxonomia 'clássica' da afasia tanto de Caramazza (1984) quanto de Schwartz (1984). A adoção de uma perspectiva realista estrita (e a-histórica, no caso de Caramazza) não nos fornece um meio adequado de lidar com os problemas 'conceituais' (isto é as postuladas inconsistências e vaguidades) que tornam pouco atraente o estudo da afasia. Pela 'reconstrução' dos diversos contextos epistemológicos e ontológicos que marcaram o estudo da afasia poderemos mais adequadamente lidar com esse problema e notar que o conceito de linguagem interna tem um papel central na explicação dessa entidade nosológica.

Podemos então colocar nos seguintes termos uma hipótese relativa ao uso do conceito de linguagem interna na investigação da afasia:

- 1 - O conceito de linguagem interna está presente na explicação da afasia no início de sua história e também atualmente (embora frequentemente de maneira não explícita).
- 2 - Da mesma forma que o conceito de dissociação, o de linguagem interna liga-se ao núcleo da definição de afasia enquanto uma entidade nosológica.

Certamente, esta hipótese, assim enunciada, é extremamente simplificada, e deverá ser recolocada de maneira mais detalhada no curso deste trabalho. Como um primeiro passo nessa direção, vamos rever brevemente alguns usos do conceito, de modo a ter pelo menos uma idéia aproximada de seu significado.

3. O que é a Linguagem Interna

Antes de prosseguir, alerto para que muito do que é discutido especificamente em relação à linguagem interna, nesta seção, tem como objetivo primeiro introduzir o leitor ao assunto, e assim apontar para alguns dos tópicos que merecerão nossa atenção futura. Como consequência, os assuntos são tratados de forma apenas superficial, e serão novamente trazidos à tona quando for apropriado. Além disso, vou limitar-me nesta exposição (e no desenvolvimento subsequente deste trabalho) apenas

aos casos em que o conceito de linguagem interna é explicitamente utilizado. Adoto esse procedimento porque o trabalho de mostrar como o conceito de linguagem interna figuraria em trabalhos que dele não fazem uso explícito é posterior ao de mostrar sua centralidade no estudo da afasia. [3]

Mesmo a leitura mais ligeira de material histórico sobre a investigação da afasia mostra que o conceito de linguagem interna está associado ao início do estudo dos distúrbios de linguagem causados por lesão do sistema nervoso central. Em geral, o famoso artigo de Broca (1861) é tomado como o marco inicial do estudo da afasia como uma entidade clínica autônoma, apesar da longa 'pré-história' de observações de comprometimentos de linguagem como resultado de dano cerebral (veja Benton & Joynt 1960). Assume-se que um dos predecessores imediatos de Broca é Bouillaud (1825) que, de acordo com Riese (1947: 324), foi o primeiro a distinguir entre uma linguagem interna e uma externa nos estudos da afasia.

Bouillaud faz uma distinção entre dois centros neurais relacionados a linguagem: um que preside a produção dos movimentos articulatórios, e outro, um verdadeiro centro intelectual, que é responsável pelas idéias e sua relação. Assim,

"Il y a pour ainsi dire une parole intérieure et une parole extérieure: celle-ci n'est que l'expression de la première" (Bouillaud 1825:30).

Portanto, para Bouillaud, a linguagem interna é algo que faz parte das capacidades intelectuais da mente humana (a memória das palavras), e que pode tornar-se aparente por meio da linguagem externa.

Mas a importância de Bouillaud não é apenas a de ter sido, talvez, o primeiro a usar o conceito de linguagem interna no estudo da afasia. O postulado (introduzido por Bouillaud com base na frenologia de Gall) de que o distúrbio da linguagem pode resultar na perda seja da 'memória para a palavra' seja dos movimentos necessários para a produção da fala, é o fundamento dos sistemas de classificação mais tarde desenvolvidos por Broca, Wernicke e Lichtheim (cf. D. Marx 1966:337). Portanto, embora o conceito de linguagem interna nem sempre apareça na doutrina clássica da afasia, no sentido de não ter um papel explícito como no artigo de Bouillaud, não se pode negar que ele pertence ao quadro conceitual no qual essa doutrina desenvolveu-se.

Um outro exemplo do uso do conceito de linguagem interna no início da história da afasia pode ilustrar não apenas a extensão na qual esse conceito estava envolvido em construções teóricas, mas também uma maneira diferente de concebê-lo. Hughlings Jackson (1874) escreveu que a afasia poderia ser explicada como um comprometimento da representação interna da linguagem:

The utterance of any number of words would not constitute speech. Speaking is 'propositionising'. [...] That the speechless patient cannot propositionise aloud is obvious - he never does. But this is only the superficial part of the truth. He cannot propositionise internally. [...] The proof that he does not speak internally is that he cannot express himself in writing' (Jackson 1874: 30-31).

Deixando de lado as idéias linguísticas de Jackson (por exemplo o seu conceito de 'propositionising'), é claro nessa passagem que, para ele, tanto a fala quanto a escrita originam-se da mesma e profunda fonte que é perturbada no caso da afasia.

Mas, qual a profundidade dessa fonte? No caso de Bouillaud, ela estava relacionada às habilidades intelectuais, às idéias. No caso de Jackson, a única diferença entre a linguagem interna e a externa é que esta última significa 'proposicionar em voz alta', enquanto a primeira é simplesmente 'proposicionar sem articulação'. De fato, Jackson (1874:131) diz que: "...there is no essential difference betwixt internal and external speech". Portanto, parece que a linguagem interna de Jackson não é tão profunda quanto a Bouillaud, no sentido em que qualquer coisa que tenha a ver com 'idéias' deve ser vista como profunda em relações aos fenômenos mais superficiais concernentes à expressão linguística. Em outras palavras, vê-se que o conceito de linguagem interna pode ser (e historicamente foi) colocado nos domínios seja de fenômenos mentais seja lin-

guísticos, o que indica que esse conceito tem a ver com a questão da relação entre pensamento e linguagem.

Mas não é apenas no início dos estudos da afasia que a linguagem interna teve um papel; ela ainda hoje é utilizada por alguns pesquisadores. Vamos rever brevemente o uso desse conceito por dois autores contemporâneos. Começemos com o trabalho do psicólogo soviético Alexandr R. Luria. Ele tem uma reputação não apenas por ter concebido uma classificação *sui generis* da afasia (e que origina seus famosos 'testes'), mas também, e talvez mais significativamente, por ter desenvolvido um enfoque teórico novo que é atualmente o padrão clínico e científico na União Soviética. Suas idéias são, é claro, bastante conhecidas nos países ocidentais, onde são às vezes incorporadas pelos pesquisadores (especialmente a classificação das afasias - veja Akhutina & Tsevetkova 1983). No sistema de Luria, um tipo de afasia, a saber a 'afasia dinâmica', é de interesse imediato para nós. Pode-se descrevê-la dizendo que os pacientes que pertencem a esse grupo podem facilmente repetir palavras e frases, nomear objetos, compreender a fala a eles endereçada, mas são absolutamente incapazes de falar espontaneamente sem ajuda (Luria e Hutton 1977:146).

A interpretação dessa síndrome é efetuada com base nas idéias psicológicas de Vygotsky (1962, 1978):

"The basic deficits in cases of dynamic aphasia seems to us to be a disturbance of the predicative function of speech."

It has been suggested years ago [i.e. by Vygotsky - EF] that the process which is initiated by a thought and which ends in an extended phrase has a transitional link, *inner speech*, abbreviated in its form and predicative in its structure [...]. This inner speech is supposed to be a mechanism used by the subject for a transition from a preliminary idea to the extended verbal proposition. We hypothesize that this inner speech with its predicative function, which takes part in forming the structure or scheme of a sentence, is disturbed in cases of dynamic aphasia" (Luria & Tsevetkova 1968:297).

Por um lado, a passagem acima permite vislumbrar as muitas peculiaridades do pensamento de Luria - por exemplo, sua preferência pelo termo *fala* interna ou interior, ao invés de *linguagem* interna ou interior. Mas vamos nos restringir a um par de propriedades desse conceito. Note, em primeiro lugar, a caracterização do conceito como uma transição entre o pensamento e sua expressão verbal. Recordemos que um dos pontos sobre os quais vínhamos insistindo era sobre a 'profundidade' da linguagem interna. Vimos que, no caso de Bouillaud, a linguagem interna tinha uma localização profunda, ao lado dos mecanismos responsáveis pelas idéias. Também vimos que no caso de Jackson a linguagem interna era 'rasa', no sentido de ser bastante similar à linguagem externa. Em relação a isso, a linguagem interna de Luria (e, portanto, de Vygotsky) localiza-se numa terceira posição, mais ou menos intermediária nessa 'escala de profundidade'.

Um segundo ponto em relação ao uso do conceito de linguagem interna por Lúria concerne a natureza desse construto. Como nota Akhutina (1978:10), a visão de Lúria sobre a linguagem interna evoluiu de uma concepção na qual ela era vista como um processo unitário para uma concepção em que a transição do pensamento à palavra se faz por meio de múltiplos níveis. Apesar disso, a função da fala interna, para usar o termo de Lúria, é em ambos os casos a imposição de um esquema verbal abreviado a um pensamento indiferenciado e primário, que mais tarde vai ser desenvolvido integralmente no 'ato de fala'.

Por um lado, notemos que não apenas Lúria, mas os psicólogos soviéticos em geral, postulam que esse 'esquema verbal' desenvolva-se no curso da aquisição da linguagem por meio de um processo de internalização da linguagem externa e social (cf. Vygotsky 1962). Isso, é claro, suscita algumas questões - por exemplo se a linguagem interna deve ser vista como uma imagem especular da língua nativa, isto é, se alguma versão de uma tese whorfiana não estaria sendo postulada. Por outro, Lúria (e.g. 1966, 1974a, 1974b, 1979), outra vez não separadamente de outros psicólogos soviéticos, sustenta, junto com Vygotsky e contra Piaget (pelo menos contra os primeiros escritos piagetianos), que a assim chamada 'fala egocêntrica' das crianças é um fase na transição gradual da fala social para a fala interna, que é invariavelmente uma parte do processo de pensamento (Lúria 1979: 22). Em particular, ele postula que a linguagem, uma vez internalizada, tem um papel na regulação do comporta-

mento, o que lhe permite sustentar que quase todas as formas de atividade mental superior são "socially generated, structurally built upon language, and volitional in nature" (idem, *ibidem*). Mas, isso equivale a postular que o pensamento, ou algumas de suas formas, tem um caráter verbal. Ou, para colocar a questão de modo mais direto, a relação entre linguagem e pensamento, de acordo com Luria e outros pesquisadores soviéticos, deve ser concebida em termos de uma determinação (parcial) do pensamento (e portanto do comportamento) pela linguagem. Portanto, no enfoque 'genético' de Luria a essa questão, um distúrbio no sistema nervoso central que afete a linguagem interna não perturba o pensamento (o pensamento indiferenciado, ao menos) e nem a habilidade de produzir sons da fala - o distúrbio bloqueia a relação entre o pensamento e a fala, um fato que tem consequências específicas em termos da linguagem e do comportamento do afásico, e, pois, em termos do diagnóstico e classificação da afasia.

Vamos agora voltar nossa atenção para um estudo de caso de Nebes (1975), que descreveu uma paciente totalmente incapaz de produzir, seja espontaneamente ou por imitação, qualquer palavra ou sílaba reconhecíveis como tal, mas que podia escrever com relativa facilidade (e portanto comunicar-se com outras pessoas mesmo durante a fase aguda de seu mal). Mostrando uma notável semelhança com Jackson, Nebes argumenta que a habilidade de escrever na ausência da habilidade de falar é indicativa de "some sort of internal language" (Nebes 1975: 490). Ele se coloca então a investigar a natureza dessa linguagem interna

por meio de testes psicológicos, de modo a verificar se ela é internamente representada por meio de um programa acústico-articulatório do sistema nervoso central, mesmo quando os mecanismos periféricos para a fala - aos quais essa representação estaria primariamente relacionada - tenham sido totalmente desarranjados pela doença. Para ser breve, sua principal conclusão é que uma das características da linguagem interna é algo como um programa central, ou uma representação acústico-articulatória da fala, que pode ser comprometida em alguns casos de afecção do sistema nervoso central.

Um aspecto interessante do artigo de Nebes está tanto em seu título quanto nos parágrafos finais, e tem a ver com questões de classificação de pacientes. Embora de um ponto de vista estritamente neurológico o caso relatado não possa ser inequivocamente classificado (por causa da falta de dados neuroanatômicos) como uma síndrome que envolva uma lesão na parte do sistema nervoso central responsável pela articulação, o autor fornece evidência para indicar que provavelmente o distúrbio dessa paciente pode ser visto como uma afemia. [4] Se é assim, então

"...it is evident that this system is not essential for internal speech, that is, the representation of words internally does not rely on the same neural mechanisms which represent them overtly as muscular movements" (Nebes 1975:496.

Até agora, ao discutir abordagens da linguagem interna, indicávamos que o conceito poderia ser visto a partir da relação entre linguagem e pensamento. Na passagem acima, porém, pode-se ver que há uma assunção adicional, a saber, a de que esse construto relaciona-se a certas bases neurológicas. Portanto, para Nebes, a linguagem interna é de alguma forma relacionada a ('rely on') um mecanismo neural que é diferente daquele que responsabiliza-se pela representação dos movimentos musculares. Temos aqui portanto outro problema filosófico: a relação da linguagem/mente com o corpo (o cérebro, em nosso caso). Historicamente, nos estudos da afasia, essa questão filosófica faz-se mais presente nas controvérsias relacionadas à 'localização' de funções (veja Riese 1936) que são, de fato, consequência direta das doutrinas de Gall. Claro, o que é filosoficamente uma questão complicada nesse contexto é o reducionismo; isto é, devemos estar alertas para a proximidade de um estilo científico em que a linguagem, bem como outras funções mentais, são explicadas em termos de arranjos de matéria - neuroanatomia e fisiologia, e, em última instância, biologia molecular, em nosso caso.

Em conclusão, da breve inspeção da parte da literatura sobre a afasia podemos ver que não apenas o conceito de linguagem interna é às vezes explicitamente empregado pelos pesquisadores, mas também que, quando usado, ele tem um papel explicativo na teoria da afasia, isto é, entre os possíveis resultados de danos ao sistema nervoso central, naquilo que concerne dis-

túrbios de linguagem, um deles tem a ver com o comprometimento da linguagem interna e, como consequência, com o aparecimento de síndromes afásicas específicas. Resumidamente, o conceito de linguagem interna é empregado para distinguir uma (ou mais) síndrome(s) de outras. Vale a pena considerar isso com mais detalhes pois esse fato coloca a linguagem interna como um conceito central entre as ferramentas teóricas da explicação da afasia e suas taxonomias. Mas, observemos, este papel explicativo varia de autor para autor e nem sempre é claro no trabalho de cada um deles. Outro ponto a ser observado é que o conceito também funciona explicativamente mesmo quando não é explicitamente utilizado (ver nota 3). Finalmente, observemos a suposta natureza da linguagem interna. Por um lado, 'linguagem interna' é tomada como uma representação de um tipo de comportamento (social) humano. Por outro, na medida em que é concebida em termos de representação mental, diz-se que tem um papel no pensamento ou nos processos cognitivos.

Penso que é razoável inferir dessas diferentes questões relacionadas ao conceito de linguagem interna que diferentes compromissos teóricos (isto é, diferentes estatutos ontológicos) estão em jogo. Procurarei mostrar ao longo deste trabalho que perceber isso pode ser uma maneira de explicar uma característica marcante do conceito de linguagem interna, isto é, sua posição pouco clara e, às vezes, contraditória. Em outras palavras, procurarei mostrar que é porque essa questão não recebeu a atenção devida que o conceito de linguagem interna não pode receber uma interpretação não ambígua ou contraditória, e

portanto tem sido a fonte de muita confusão - tanta que a mera menção desse conceito (para não falar em seu uso efetivo) é muito pouco encontrado na literatura afasiológica nas décadas passadas. Isto é, procurarei mostrar que ignorar esse problema (das diferentes ontologias relacionadas ao conceito) equivale a adotar uma postura muito restritiva ao progresso científico. Talvez pudéssemos chamar a isso de 'política do avestruz'. O objetivo final deste trabalho, então, não é normativo, isto é, não estarei preocupado em estabelecer qual a melhor definições de linguagem interna. Antes, estarei preocupado em desenvolver uma visão do conceito que tenha como linha mestra uma certa 'consciência histórica': é a falta dela que cria confusões conceituais e impede, em grande medida, o progresso de um empreendimento científico.

4. Orientação

O quadro geral sugerido pelas considerações acima indica que o conceito de linguagem interna é uma ferramenta teórica central na investigação da afasia. Mais ainda, tal como apresentado, esse conceito é confuso e vago, seja porque nele estão implicados problemas filosóficos como o do reducionismo, seja porque, tendo sido utilizado em contextos histórica e teoricamente diferentes, nem sempre é possível comparar distintas definições. A solução para um tal estado de coisas (que certamente dá ensejo a manifestações 'lastimosas' como a de Goody (1977) citada no início deste capítulo) leva a um estudo de natureza conceitual é também possivelmente histórica, é disso que se devera tratar nesta monografia.

Uma investigação conceitual e histórica dessa natureza, porém, traz problemas que, no presente, não posso resolver. Por exemplo, não se dispõe de algo como uma história das idéias na afasia que pudesse servir de guia no estabelecimento dos vários contextos teóricos em que o conceito de linguagem interna tem sido empregado nos últimos cem anos. Não se dispõe sequer de uma boa 'história' da afasia - na verdade, mesmo aquela que é considerada a mais detalhada visão histórica do desenvolvimento dessa entidade clínica (Head 1926) não passa de um conjunto de notas introdutórias às idéias do próprio autor. Esses problemas, no entanto, não são um completo impedimento para a construção de uma análise do conceito de linguagem interna na afasia ainda que, por isso, ela seja apenas parcial. O procedimento metodológico a adotar num caso (caos?) desses é o de operar certos cortes ou restrições cujo fim é reduzir o escopo, e portanto tornar possível a análise pretendida, na expectativa de que os resultados a que se chegarem possam ser generalizados ulteriormente.

No próximo capítulo, exponho e procuro justificar o corte que delimita o presente trabalho. Procurarei mostrar que não se pode abordar o conceito de linguagem interna sem tocar, principalmente, no problema da relação entre linguagem e pensamento. Portanto, o corte que delimita o escopo deste trabalho é sua inserção na questão pensamento vs. linguagem. Outras facetas do conceito, como sua relação com o reducionismo também serão abordadas, porém com menor ênfase.

NOTAS

1. A negligência para com o estudo da afasia não é privilégio da profissão médica. Os linguistas também o tem ignorado em grande medida. Jakobson (1969:35-36) escreve: "Esse estado de coisas é bastante surpreendente, pois, de um lado, os espantosos progressos da Linguística estrutural dotaram os pesquisadores de instrumentos e métodos eficazes para o estudo da regressão verbal e, de outro, a desintegração afásica das estruturas verbais pode abrir, para o linguista, perspectivas novas no tocante às leis gerais da linguagem".
2. Como o atesta um número recente da influente publicação *Brain and Language*, que traz dois artigos [Caramazza (1984) e Schwartz (1984)] apresentados por uma nota editorial especial de Whitaker (1984). Veja, também, Poeck (1983).
3. A direção que toma a questão da linguagem interna nos autores que não a usam explicitamente pode ser avaliada a partir do seguinte trecho de Goldstein (1948:93), que expõe a posição de Wernicke como uma reação à visão de que a linguagem interna é composta de imagens auditivas ou motoras: "Wernicke - dissatisfied with this concept - tried, on the

basis of new experiences with aphasic patients, to define inner speech as a special association complex composed of motor and sensory images. He distinguished this complex from the motor and sensory processes in language and termed it 'Wortbegriff' (concept of the word). Since that time, the problem of inner speech has usually been discussed in the form of 'concept of word'. Na tradição inaugurada por Wernicke, não apenas ocorre uma mudança na concepção da linguagem interna, como ela passa a ser referida por outro nome.

4. O termo afemia foi introduzido por Broca (1861) para nomear o distúrbio articulatorio que observou em seu paciente. Subsequentemente, Trousseau (1864) propôs a substituição desse nome pelo de afasia, que foi generalizado pela adição de epítetos como afasia motora (antiga afemia de Broca), afasia sensorial, etc. Modernamente, o termo afemia é às vezes utilizado (por exemplo, Nebes [1975]) para designar a síndrome afásica caracterizada exclusivamente por distúrbios articulatorios. Nem todos os autores concordam com esse uso do termo.

Capítulo Dois

PARA UMA ANÁLISE CONCEITUAL DA LINGUAGEM INTERNA

1. As bases neuroanatomicas da afasia: reducionismo e 'unidade da ciência'

Como vimos no capítulo anterior, o estudo da linguagem interna diz respeito à relação entre a linguagem e o pensamento (quando se fala de 'idéias' e correlatos) e a relação entre a linguagem/mente e a matéria (as bases anatômicas ou neurológicas da linguagem interna). Esta última relação é concebida em termos de uma adesão ao programa da 'unidade da ciência' (unity of science program) na psicologia (ver Manicas & Secord 1983, para uma avaliação da influência das diversas correntes da filosofia da ciência na psicologia). Para a unidade da ciência, a física é o paradigma normativo

"... in the sense, broadly speaking, that: (1) its investigative and explanatory canons were taken to be normative to all sciences, and (2) the range of terms or predicates sufficient to its descriptive and explanatory work were taken to be, in principle, sufficient for all would-be science as well". (Margolis 1984:9).

Isto é, a unidade da ciência é um programa reducionista tanto ontologicamente (no sentido em que todas as entidades científicas são tomadas como entidades físicas) como epistemologicamente (no sentido em que explicações científicas *bona_fide* são aquelas expressas em termos das ciências físicas). É razoável sustentar, por exemplo (cf. Margolis 1984:10) que as correntes mais influentes e poderosas da psicologia e da filosofia anglo-americanas até as primeiras décadas do século XX foram fortemente atraídas por algo como o programa da unidade da ciência.

No contexto da filosofia da psicologia, as teorias tendiam a ser avaliadas por quanto conseguiam evitar toda e qualquer forma de dualismo cartesiano e por quanto desviavam-se dos cânones da física. Uma instância desse reducionismo estrito, em nosso caso, é encarar a linguagem interna como 'fala *mggs* som'. De acordo com a tese periferalista extrema de Watson (1919) [1], episódios mentais não são mais que movimentos do aparato vocal; pensar consiste em hábitos subvocais. Na medida em que se pensa na patologia cerebral, logo vem à mente as doutrinas localizacionistas. [2] O localizacionismo é geralmente tomado como o compromisso com alguma forma da tese reducionista pela qual o comportamento linguístico deve ser, em última análise, explicado em termos de especializações anatômicas do tecido cerebral. O trabalho pioneiro de Broca (1861), no qual ele 'localiza' a assim chamada 'faculdade da linguagem articulada' ao pé da terceira circunvolução frontal esquerda (hoje conhecida como *área_de_Broca*), é uma das primeiras manifestações de tal modo de encarar o fenômeno afásico.

O dualismo cartesiano, ou a doutrina que diz que seres humanos são compostos de duas substâncias diferentes (matéria e espírito) é claramente um anátema na ciência moderna, que decididamente faz uma opção pelo materialismo. Mas isso não precisa ser tomado como uma adesão a algo como o fisicalismo de Watson ou como as versões mais fortes da tese localizacionista (i.e., dizer que o comportamento linguístico nada mais é que resultado de uma certa organização do tecido cerebral). Devemos ver que questões ontológicas e epistemológicas são independentes: pode-se concordar com a afirmação de que os humanos não passam de entidades materiais, e ao mesmo tempo reconhecer que há dificuldades em substituir expressões psicológicas por expressões derivadas da física (cf., e.g., Fodor 1968, 1975). Isto equivale a aceitação de um materialismo não reducionista (Putnam 1960).

2. A afasia e o materialismo não reducionista

Na filosofia da psicologia, uma maneira de evitar o reducionismo fisicalista consiste em apelar para o funcionalismo, que pode ser tomado como uma teoria acerca das diferenças entre o físico e o mental [em vez de uma teoria sobre a explicação psicológica - cf. Margolis (1984: 49)]. De acordo com essa doutrina, os estados mentais são definidos por um conjunto de relações funcionais entre seus componentes, e não podem ser identificados a qualquer estado físico em particular porque podem, como os programas de computador, ser implementados em di-

ferentes 'máquinas' (físicas). Mas isso não deve ser tomado como tendo a implicação de que as propriedades psicológicas são apenas propriedades abstratas:

"The idea is that a psychological property designates a certain distinctive way in which a system functions:

1. the system must have physical properties;
2. its functioning as it does cannot be described solely in terms of its physical properties;
3. it cannot be said to function as it does except through the physical properties that it has"

(Margolis 1984:52).

Diz-se que propriedades concebidas dessa forma são tanto emergentes, isto é, não redutíveis a propriedades físicas, como incorporadas no sentido em que, enquanto emergentes, tais propriedades estão indissoluvelmente ligadas ao físico. A vaguidade da palavra *ligada* nesse contexto, como aponta Margolis (1984:10), simplesmente indica que podemos conceber várias relações ontológicas diferentes da identidade (e.g. a *incarnação*), de tal forma que admitir coisas não inteiramente compostas de matéria não precisa implicar na negação do materialismo - de fato, implica apenas negar o reducionismo fisicalista.

Mas podemos ir mais adiante e, ao mesmo tempo que aceitamos o materialismo não reducionista, deixar de lado questões relacionadas ao substrato orgânico (material) dos fenômenos afásicos. Logicamente, o argumento desenvolve-se da seguin-

ta forma (cf. Caramazza 1984:10): as pressuposições que devem ser feitas para justificar o uso de dados da patologia para desenvolver teorias neuroanatômicas e suas relações com os processos cognitivos subjacentes no cérebro normal logicamente englobam as que são necessárias para usar esses mesmos dados para desenvolver teorias sobre processos cognitivos. Portanto, pode-se usar a análise de dados provenientes de portadores de lesão cerebral na investigação de processos cognitivos independentemente de afirmações concernentes a relação entre o cérebro e os próprios processos cognitivos.

Esse passo pode ser ulteriormente elucidado pela distinção de Fodor (1968:107ss) entre duas 'fases' na explicação psicológica. Na primeira fase o objetivo primordial é com a determinação do caráter funcional de estados e processos envolvidos na etiologia do comportamento, enquanto na segunda o objetivo é a especificação dos sistemas bioquímicos que de fato exibem as características funcionais determinadas na primeira fase. Por exemplo, uma simulação por computador de algum comportamento humano teria a mesma explicação psicológica, na primeira fase, que o próprio comportamento humano. Mas as diferenças físicas entre as 'máquinas' envolvidas (computador e organismo humano, respectivamente) impedem que se determine qualquer explicação da segunda fase à simulação por computador. Portanto, se escolhermos caracterizar funcionalmente e processos cognitivos na primeira fase, ou, se escolhermos não caracterizar a cognição em e processos, mesmo assim teríamos que fazer

idênticas em relação a cognição na primeira e na segunda fase. Isto é, afirmações concernentes a processos cognitivos em sujeitos com lesão cerebral (e também sujeitos normais) são independentes de afirmações sobre a relação entre o cérebro e a cognição.

A discussão acima mostra a possibilidade (metodológica) de deixar de lado questões relacionadas ao substrato físico da linguagem por meio de argumentos cujo objetivo é rejeitar o reducionismo. Isto é, podemos dizer que propriedades mentais significativas podem ser caracterizadas sem compromisso com estados físicos específicos, o que, em nosso caso, quer dizer que propriedades significativas da afasia, digamos, aquelas englobadas pela expressão 'linguagem interna', são estabelecidas sem vinculação com as estruturas corticais subjacentes. Mais especificamente, ao lidar com o conceito de linguagem interna nas pesquisas sobre a afasia estamos lidando com um conceito típico da análise de 'primeira fase' como definida por Fodor, isto é, um conceito que diz respeito por exemplo a relação entre linguagem e pensamento (e não ao seu substrato neural). Além disso, podemos abandonar os compromissos ontológicos do programa da unidade da ciência sem ter que ignorar um traço crucial da afasia, isto é, que déficits linguísticos e cognitivos são de alguma forma ocasionados por danos físicos ao tecido cerebral.

De qualquer forma, o conceito de linguagem interna tem um papel epistêmico: por meio dele explicamos, pelo menos parcialmente, a afasia. Portanto, reduções ontológicas não podem

ser invocadas para resolver um problema que é, antes de mais nada, epistemológico. Isto é, os postulados materialistas que se podem aceitar a partir da 'unidade da ciência' não contribuem para resolver a questão da natureza de um conceito como o da linguagem interna. Eliminá-lo por meio do reducionismo é praticar a 'política do avestruz' com a fênix: ele (o conceito) sempre ressurgirá. [3]

3. 'Linguagem interna' e a relação linguagem vs pensamento

A partir da constatação que o conceito de linguagem interna vincula-se principalmente à relação entre linguagem e pensamento, a metáfora da 'profundidade' que esboçamos no capítulo precedente adquire uma maior importância, pois revela, ou indica, as propriedades do conceito em tela. Recordemos que a linguagem interna, qualquer que fosse sua definição, podia ser tanto concebida como similar ao pensamento ou a linguagem; na medida em que o pensamento é uma atividade não observável, chamamos a tendência de relacionar a linguagem interna ao pensamento como uma maneira 'profunda' de concebê-la - inversamente, uma vez que a linguagem, ou pelos menos a fala, é uma atividade observável, tomar a linguagem interna nesse sentido significaria adotar uma perspectiva 'rasa' em relação ao conceito. Para melhor entender essa metáfora e seu papel no plano geral de nossa investigação, vamos agora nos deter um pouco mais sobre alguns traços da relação que se estabelece entre linguagem e pensamento.

Ao apresentar uma visão sobre que ele chama de 'heyday of ideias' (aproximadamente o período que vai de Hobbes a Destutt de Tracy), Hacking escreve:

"...what is the point of language? In 1651 Hobbes wrote, 'the general use of speech, is to transfer our mental discourse, into verbal; or the train of our thoughts into a train of words (Leviathan, I.4). He certainly had a plausible theory. In each of us there is a chain of thoughts. That is prelinguistic, but it is handy to be able to express it in words" (Hacking 1975:15-6).

Dessa passagem podemos depreender que, para Hobbes, algo há de mental, suficientemente parecido com a linguagem para ser chamado de discurso. Poder-se-ia argumentar que o 'discurso mental' é a linguagem interna, com base na observação que o primeiro é linguisticamente, ou gramaticalmente, determinado na teoria. Isto é, na medida em que o pensamento é determinado pela linguagem, então devemos estar frente a alguma forma de linguagem interna. Mas isso não é verdade. Deve-se reconhecer que o que é primitivo na teoria é o pensamento e, mais ainda, é a gramática da mente que determina a estrutura e funcionamento das línguas (como é o caso da gramática universal de Port-Royal; cf. Hacking 1975:167), e não ao contrário. Portanto, o discurso mental é o pensamento - por isso, prosseguindo com uma redução ao absurdo, se a linguagem interna é o discurso mental, então ela é o pensamento, e se ela é igual ao pensamento, então é apenas um artefato de nossa teoria, uma mera 'façon

de parler'. O que está envolvido nessa questão é o estatuto ontológico que se atribui tanto à linguagem quanto ao pensamento, e suas consequências para o conceito de linguagem interna.

Mas há mais coisas envolvidas na relação entre linguagem e pensamento; por exemplo, a questão epistêmica de determinar qual membro desse par é primitivo. A prioridade tem a ver com o que Dascal (1982, 1983:5) chama direção de explicação. A relação entre a linguagem e a mente, de um ponto de vista lógico, pode ser examinada tomando-se como ponto de partida seja 'linguagem' seja a 'mente'; a escolha entre elas depende do que se considera problemático, ou que de alguma forma requer explicação, por oposição àquilo a que se dá o estatuto de claro ou não problemático. Portanto, como nota Dascal, um cartesiano toma a mente e seu conteúdo como imediatamente acessível, enquanto a linguagem é o membro desse par que necessita explicação. O reverso é verdadeiro de, digamos, um cognitivistas para quem a necessidade de explicação passa da linguagem para a mente (note-se que relações ontológicas não estão envolvidas na questão da direção de explicação).

O discurso mental, que estamos tomando como exemplo, não era apenas primitivo mas também (ao menos parcialmente) determinante da expressão verbal - o fluxo das palavras era determinado pela gramática universal do fluxo dos pensamentos. Da mesma forma, mas com uma direção contrária de explicação, o periferalismo de Watson não apenas toma a linguagem como primitiva, como também identifica o pensamento com uma dos traços des-

se comportamento, a saber, movimentos silenciosos do aparato vocal. Neste último caso, também parece absurdo considerar a linguagem interna como movimentos musculares pois estes são, afinal, pensamento - e a linguagem interna seria apenas outra maneira de referir-se à mesma entidade. Portanto, no que concerne a metáfora da profundidade, falar em similaridade da linguagem interna ao pensamento ou a linguagem não implica, por um lado, em nenhum compromisso ontológico acerca do pensamento, da linguagem ou da linguagem interna. Por outro, porém, a questão abre-se para futuro exame: conceber a linguagem interna por exemplo em termos 'profundos' implica que a direção de explicação é do pensamento para a linguagem?

Em resumo, vimos que é possível abordar a questão da linguagem interna sem adotar o reducionismo fisicalista. Uma consequência dessa perspectiva é que a questão da relação entre a linguagem e o pensamento passa a ser vista como o contexto teórico e filosófico em que se 'instala' o conceito de linguagem interna. A análise desse conceito, porém, não é uma tarefa simples. E nem sempre é o caso que pesquisadores da afasia e da linguagem interna percebam isso:

"Es wir darauf verzichtet, die philosophischen und sprach-philosophischen Kontroversen in grosserer Form einzubringen, zugunsten eines klar artikulierten Interesses an einem rein empirischen Zugang zum Problem des inneren Sprechens. Dabei steht die sowjetische Theorie des inneren Sprechens im Vordergrund" (Wahmhoff 1980:1). [4]

Isto é, Wahnhoff adota o que ela chama de 'teoria soviética sobre a fala interna' e deixa de lado as 'controvérsias filosóficas'. Isto poderia parecer uma boa solução: os estudos empíricos, neuro-anatômicos, deveriam *inso facto* resolver a questão da linguagem interna e portanto eliminar a necessidade de discussões e debates filosóficos. Mas essa é uma pseudo-solução para o problema de definir a linguagem interna e usá-la para explicar a afasia. Ela, na verdade, é reflexo da ilusão materialista de que uma redução ontológica pode resolver problemas de ordem epistemológica, e também é uma expressão do que temos chamado de 'política do avestruz': pretende-se resolver um problema ignorando-o.

4. Para construir uma análise da linguagem interna

Uma instância notável da pouca clareza que molesta o estudo da linguagem interna é a questão da terminologia. Como deve chamar-se o conceito: linguagem interna ou interior? ou talvez fala silenciosa ou subvocal? linguagem ou fala interna? ou talvez linguagem do pensamento? [5] Obviamente, algumas dessas variações são questão de gosto pessoal ou tradição, como a escolha entre *interna* e *interior*, que parece ser mais problema de estilo. Outras, contudo, são introduzidas para dar conta, e realçar, características (e teorias) que os diversos autores avaliam diferentemente. Ballet (1888), por exemplo, distingue entre '*la langue intérieure*' e '*la parole intérieure*': o primeiro é o termo pelo qual ele se refere à concepção de que o comportamento linguístico é mediado por imagens mentais (vi-

suais, motoras, e assim por diante), enquanto o último refere-se a apenas um tipo dessas imagens, ou seja, as imagens acústicas de natureza verbal. Compare isso ao enfoque de Luria (1974a, 1974b, 1980), para quem a 'fala interior' aparece, na ontogênese, como uma representação internalizada da linguagem que, por sua vez, somente pode ser explicada pelo recurso à noção de necessidades funcionais do contexto comunicativo (cf. Vygotsky 1962). Portanto,

"...by retaining the word *speech* here, Soviet investigators have been able to emphasize that this phenomenon is best viewed as an internalized version of what was social interaction at a previous stage" (Wertsch nd:29).

Isto é, uma distinção que para Ballet refletia assunções sobre as características dos processos mentais subjacentes à 'faculdade' da linguagem, para Luria implica num compromisso epistemológico, isto é, que a linguagem e o pensamento são explicados em termos de restrições comunicativas e sociais que operam durante a aquisição da linguagem. Portanto, o uso de uma expressão como 'fala interna' na explicação de fenômenos afásicos significa coisas diferentes caso se esteja seguindo Ballet ou Luria. No caso do primeiro, significaria que a síndrome afásica em questão é concebida como o resultado do comprometimento de uma das modalidades da representação interna da linguagem. No caso do segundo, é a representação interna da linguagem que foi comprometida. Como consequência, a menos que se esteja alerta para essas controvérsias, a decisão de seguir um ou outro esti-

lo terminológico ou, é claro, uma ou outra formulação teórica, é simplesmente uma escolha arbitrária. É certo que se pode agir assim, mas nesse caso não se pode esperar, a não ser como resultado do acaso, que os resultados empíricos obtidos possam de alguma forma contribuir para o avanço dos conhecimentos científicos sobre a afasia. O caminho contra a arbitrariedade da decisão é definitivo, por exemplo, por Chomsky:

"It is precisely when we find ourselves in such intellectual straits that philosophical analysis is called for, as a preliminary to any meaningful empirical study" (Chomsky 1973:v).

Em resumo, a 'linguagem interna' é um conceito que necessita ser clarificado. Temos portanto a nossa frente uma clássica tarefa filosófica:

"The task of making more exact a vague or not quite exact concept used in everyday life or in an earlier stage of scientific or logical development, or rather of replacing it by a newly constructed, more exact concept, belongs among the most important tasks of logical analysis and logical construction. We call this the task of explicating, or giving an explication for, the earlier concept..." (Carnap 1965:5-6).

Em relação a isso, vamos considerar o conceito de linguagem interna como o *explanandum* ao qual se deve relacionar um *expla-*

naos, uma formulação 'mais exata'. A metáfora que usei acima, isto é, a imagem da 'profundidade' da linguagem interna, é um passo nessa direção.

Vimos que alguns autores (e.g. Bouillaud) definem a linguagem interna em termos das capacidades intelectuais, o que consideramos uma maneira 'profunda' de concebê-la; outros (e.g. Nebes) viam-na em termos de categorias que se aplicam, antes de mais nada, à fala, o que implica numa maneira 'rasa' de concebê-la. Essa 'escala de profundidade' equivale a uma maneira de arranjar metaforicamente as possibilidades lógicas concernentes a dependência entre pensamento e linguagem, pois envolve aceitar que ou a linguagem ou o pensamento é um conceito claro e não problemático, em relação ao qual o outro deve ser explicado. Portanto, colocar o conceito de linguagem interna em relação com essa 'escala' envolve aceitar que se a linguagem deve ser explicada por um recurso ao pensamento, então a linguagem interna também vai ser explicada dessa forma; inversamente, se o pensamento é explicado em termos da linguagem, então a linguagem interna será explicada primariamente a partir da linguagem.

Essas diferenças implicam diferentes características ou propriedades do conceito de linguagem interna, em relação às quais uma explicação deve ser concebida como o exame das teses epistemológicas e ontológicas que elas acarretam. Para dar apenas um exemplo, vamos tomar a afirmação de Nebes (veja o capítulo anterior) de que a realização neural dos mecanismos de

'feedback' da fala não faz parte do substrato anatômico ao qual relacionar-se a linguagem interna. Temos aqui duas possíveis 'propriedades', a saber, um 'feedback' funcionalmente definido e a realização neuroanatômica desse 'feedback'. A afirmação de Nebes pode ser interpretada (se 'relaciona-se' puder significar 'nada mais é que') como uma tese reducionista do tipo adotado, por exemplo, pelos behavioristas. Então, a afirmação de Nebes diz que a linguagem interna não se reduz, entre outras coisas, ao substrato neuroanatômico dos mecanismos da fala. Mas, concebivelmente, ela poderia ser reduzida a algum outro substrato material, relacionado a algum outro mecanismo funcionalmente definido. Se conseguíssemos estabelecer quais são esses mecanismos e seu substrato material, teríamos um quadro do que significa utilizar o conceito de linguagem interna na perspectiva de uma ontologia reducionista.

Portanto, o problema pelo qual procuramos tomará (possivelmente) a forma de vários conjuntos de propriedades epistemológica e/ou ontologicamente relacionadas, que permitiriam uma avaliação do papel do conceito de linguagem interna nas teorias sobre a afasia. Mas há algumas dificuldades que devem ser ultrapassadas antes de se efetuar essa avaliação. Uma delas tem a ver com os procedimentos necessários para 'isolar' as propriedades componentes do conceito

Em outras palavras, nossos problemas são os critérios por meio dos quais decidir se e como uma dada propriedade é realmente parte do conceito de linguagem interna - isto é, mes-

mo propriedades com o mesmo nome e similarmente definidas podem encaixar-se diferentemente em contextos teóricos diferentes, o que torna difícil decidir se estamos lidando com uma mesma entidade. A necessidade de tais critérios emerge da natureza de nossa tarefa de clarificar o conceito de linguagem interna, e da maneira que escolhemos fazê-lo, i.e., por meio de uma lista de propriedades do conceito em tela. De certa forma, isso equivale a uma típica análise componencial do significado desse conceito que nos permitisse dizer de cada propriedades e também de sua conjunção que elas são logicamente suficientes e necessárias para a definição do conceito. Mas é exatamente isso que não podemos fazer, pois muitas das supostas propriedades da linguagem interna parecem impedir uma decisão lógica nessas bases. Por exemplo, Nebes (1975) - como vimos acima - sustenta que um 'feedback' cinestésico da musculatura oral está supostamente implicado na linguagem interna em um grau menor que uma representação acústico-articulatória. Em vista disso, poderíamos afirmar que as propriedades da linguagem interna que se podem 'descobrir' pelo exame da escrita do paciente (como é o caso do 'feedback' no artigo de Nebes) tem um papel periférico, não tão central, na definição do conceito. Se isto é verdade, então há pouco sentido em falar nesse caso em condições necessárias e/ou suficientes e, pior ainda, teremos de abandonar nossas pretensões, porque o conceito de linguagem interna não se deixa analisar nesses termos.

Mas entre esses dois extremos, isto é, entre analisar a linguagem interna por meio de categorias lógicas ou então

'jogá-la fora' porque não se deixa apreender por meio dessas categorias, há uma via intermediária. Podemos supor que o núcleo desse conceito, isto é as propriedades que lhe são mais centrais, mantém uma certa coerência ao longo do seu desenvolvimento (e conseqüente variação) histórico. Mostramos que isso é possível quando discutimos a concepção realista da noção de síndrome por Caramazza (1984). Então, uma análise histórica permitirá detectar essa coerência. Além disso, se em vez de adotar categorias como necessária e/ou suficiente, adotarmos uma metodologia de análise semântica que dê conta de 'graus de pertinência' ou 'relevância' de uma propriedade na definição do conceito, então poderemos prosseguir com nosso trabalho. A análise histórica que vou adotar inspira-se em Fleck (1979), e a análise semântica em Achinstein (1968).

5. A gênese e desenvolvimento de um conceito

Fleck (1979) examina a história da sífilis e o surgimento da reação de Wasserman como um caso especial de sua teoria geral acerca da gênese e desenvolvimento do conhecimento (seja ele científico ou não).

Em linhas gerais, quando a sífilis apareceu na Europa no século XV, ela foi vista como um castigo trazido pelo pecado. Mas, conforme modos de tratamento foram sendo desenvolvidos, ela passou a ser associada mais aos métodos de cura; isto é, um conceito científico gradualmente emergiu associado ao agente causativo da doença. O sangue foi desde logo a ela asso-

ciado, sob a forma da idéia de que o sífilítico apresenta um 'sangue ruim'. Foi, contudo, somente com a descoberta do agente causativo no sangue que essa associação ficou cientificamente estabelecida. Essa associação emergiu apenas gradualmente de uma matriz de generalidade e tabús, que na certa eram social e culturalmente condicionados.

A descoberta de Wasserman, nesse contexto, pode ser vista como um refinamento e especificação do conceito. Fleck escreve:

"Seen from this point of view, the Wasserman reaction in its relation to syphilis constitutes the modern, scientific expression of an earlier pre-idea which contributed to the concept of syphilis" (Fleck 1979:23).

Na sua expressão mais geral e simplificada, o argumento de Fleck diz que um conceito, por mais preciso e logicamente constituído que seja em sua atual expressão, pode ter como origem uma primeira versão vaga e inexata, uma pré-ideia. Para tornar esse argumento mais preciso, é necessário responder a duas questões: o que é uma pré-ideia? e, como 'progride' uma pré-ideia até o estágio de, digamos, um conceito científico?

Exemplos de pré-ideias levantado por Fleck (1979:23-27) incluem as idéias atomistas de Demócrito como precursoras da moderna física atômica, ou a de que pequenos e invisíveis agentes vivos eram causadores de doenças muito antes

que a moderna teoria da infecção ou o microscópio tivessem aparecido. Por outro lado, as vezes uma pré-ideia é introduzida no pensamento científico através do acaso; segundo Fleck (1979:24) não se pode pensar em ancestrais remotos para a ideia de isomerismo ou de diferenciação entre bactérias gram-positivas e gram-negativas. Pode ser o caso, ainda, que ideias mais antigas, embora semelhantes às modernas, não mantenham com ela nenhuma relação; isso aplica-se ao caso da ideia medieval de que se poderia diagnosticar a virgindade ou a gravidez a partir da urina, que provavelmente não se relaciona aos testes de gravidez de Aschheim-Zondek.

A noção de pré-ideia na teoria de Fleck é apresentada como a(s) forma(s) rudimentar(es) de modernas teorias. Assim, no caso da sífilis, a pré-ideia é a ideia vaga e inexata de que haveria mudanças causadas no sangue pela doença, muito antes que qualquer prova científica desse fato estivesse disponível. Portanto, a noção de pré-ideia pode ser, pelo menos de um certo ponto-de-vista, definida como uma noção 'post-hoc': é somente a partir de um conceito moderno e de uma pesquisa histórica acerca de seu desenvolvimento que se pode chegar a determinar uma pré-ideia.

Mas abordar a pré-ideia apenas como uma noção post-hoc não é adequado, porque seu valor não está meramente em seu conteúdo objetivo ou em sua lógica interna, mas em sua função heurística (cf. Fleck 1979:25) para a comunidade que utiliza. Isto é, Fleck postula como necessária a invocação do contexto em que ela é utilizada:

"In comparative epistemology, cognition must not be construed as only a dual relationship between Knowing subject and the object to be Known. The existing fund of Knowledge must be a third partner in this relation as a basic factor of all new knowledge" (Fleck 1979:38).

O ponto crucial dessa afirmação é, naturalmente, verificar o que Fleck entende por 'fund of Knowledge'. Para ele (Fleck 1979:39), um fundo de conhecimento é o conhecimento que se dispõe por ser membro de um certo contexto ou ambiente cultural. Portanto, a relação triádica de conhecimento tem um caráter social inegável, na medida em que qualquer conhecimento, segundo ele, é mediado e condicionado pelos produtos da atividade social (por exemplo, a cultura).

Mas na teoria de Fleck esse fundo de conhecimentos é articulado por meio de dois construtos, ou seja, a coletividade de pensamento e o estilo de pensamento. Uma coletividade de pensamento é constituída por um grupo de pessoas que mantém uma troca mútua de idéias e, portanto, mantém uma interação intelectual. Esse é um critério essencialmente funcional de definição, e, de acordo com ele, basta que duas pessoas interajam intelectualmente para que haja uma coletividade de pensamento. Mas há coletividade mais estáveis e permanentes, como as da ciência; e a essas coletividades mais estáveis Fleck chama 'comunidades de pensamento'.

Um estilo de pensamento, por sua vez, é tanto um veículo comunitário para uma coletividade de pensamento e também para o trabalho por ela produzido, como o veículo para o desenvolvimento histórico de uma coletividade de pensamento. Dessa forma, a nível de sua influência individual, o estilo de pensamento restringe e dirige a maneira de pensar dos indivíduos que pertencem a uma coletividade de pensamento, de tal forma que um ou apenas uns poucos conceitos podem cristalizar-se como expressão de uma pré-ideia. O caráter social do trabalho científico assim concebido implica no enfoque (que dá título ao livro de Fleck) de que um fato científico na verdade origina-se de noções que pertencem ao domínio coletivo. Para usar, temerariamente, um aforismo: um fato não é um fato, mas uma invenção. Assim, cada tema na sequência de idéias sobre a sífilis origina-se de noções coletivas:

"Disease as punishment for fornication is the collective notion of a society that is religious. Disease caused by the influence of the stars is a view characteristic of the astrological fraternity. Speculations of the medical practitioners about therapy with metals spawned the mercury idea. The blood idea was derived by the medical theoreticians from the vox populi, 'Blood is a humor with distinctive virtues'" (Fleck 1979:41).

Em cada coletividade de pensamento, pode-se distinguir a idéia ou pré-ideia, de um agente causativo da sífilis. Portanto

to, o conceito de sífilis pode ser traçado desde a moderna etiologia médica até concepção da existência de um demônio responsável pela doença, isto é, a pré-idéia está presente em vários e diferentes estilos de pensamento sobre a doença, sejam eles científicos ou não, e todos eles vinculados à mesma coletividade de pensamento.

Mas, como a pré-idéia, esse conceito inicial vago e inexato, pode estar presente e, de certa forma, fazer a continuidade, de estilos de pensamento diferentes? A uma coletividade de pensamento estável, isto é, uma 'comunidade' de pensamento, corresponde uma estrutura que, na sua forma mais geral, consiste em um círculo exotérico e outro esotérico (Fleck 1979:105ss). Obviamente este último é o dos especialistas, e o primeiro é o do público em geral. [6] Há dois tipos de comunicação de idéias nessa estrutura. Por um lado existe a comunicação intracoletiva, isto é, existe não apenas o fluxo de idéias do círculo externo em direção ao interno (o condicionamento social do conhecimento), mas também uma retro-alimentação das idéias produzidas no círculo esotérico que, aceitas e legitimadas no círculo exterior, passam a fazer parte do fundo comum de conhecimento de uma coletividade de pensamento. Por outro lado, existe também a comunicação intercoletiva, que acontece entre estilos de pensamento ou coletividades esotéricas. A condição essencial para que haja esse tipo de comunicação é que os estilos de pensamento envolvidos não sejam radicalmente diferentes. Assim, é possível pensar na adoção, pela química, de 'fatos' originários da alquimia; ao contrário, é muito mais difícil

pensar na integração de 'fatos' originários digamos da assim chamada parapsicologia na ciência atual.

Mas a comunicação intercoletiva tem consequências:

"Words as such constitute a special medium of intercollective communication. Since all words bear a more or less distinctive coloring conforming to a given thought style, a character which changes during their passage from one collective to the next, they always undergo a certain change in their meaning as they circulate intercollectively" (Fleck 1979:109).

Portanto, uma comunicação intercoletiva implica na alteração do significado que um conceito possa ter. Mas, cada passagem de um conceito de uma coletividade a outra implica em metamorfoses e mudanças no estilo de pensamento da nova coletividade; isto é, um conceito, ao 'penetrar' nos domínios de um novo estilo de pensamento, entra em relação com as idéias aí presentes e disso resulta um novo arranjo de idéias, portanto em novas descobertas e novos fatos.

Essa é a importância da comunicação intercoletiva de pensamentos pois, pelo menos no que diz respeito à ciência,

"...every thought style contains vestiges of the historical, evolutionary development of various elements from another style. Probably only very few completely new

concepts are formed without any relation whatsoever to earlier thought styles.[...] Just as the scientific concept of force originated from the everyday concept of force, so also the new concepts of syphilis descended from the "mystical" (Fleck 1979:100).

Assim, a história de um certo domínio de investigação científica pode ser visto como a sequência, ou ao menos o desenvolvimento paralelo, de estilos de pensamento em função de uma idéia geral, ou pré-idéia, comum. Esse é o quadro que procuraremos empregar em nosso estudo sobre a linguagem interna.

6. A análise semântica de um conceito

A análise semântica que pretendo utilizar baseia-se na elaborada por Achinstein (1968:6ss) em sua abordagem de relação entre uma lista de propriedades citadas numa definição científica e o termo definido. [Z] Embora não pretenda aqui adotar estritamente a formulação de Achinstein, a direção geral que pretendo seguir pode ser apreendida a partir de alguns de seus pontos.

Ele começa por notar que

"Different persons, even within the same linguistic community, may use the same term differently. They may differ over what they regard as standard cases to which it applies and over the criteria in virtue of which it is

applicable. The semantical categories I shall introduce for describing the various possible relationships between properties of X and the term X do not require agreement in use from speaker to speaker. What is required is that there be something to be called a use of the term ..."
 (Achinstein 1968:3).

Ele prossegue estabelecendo que, em tais circunstâncias, da forma que os termos são usados pelos cientistas, as propriedades atribuídas a um X não são, em sua maior parte, logicamente necessárias ou suficientes para que algo seja considerado um X. Fizemos observações similares sobre o estatuto do conceito de linguagem interna na investigação da afasia. Vimos que há diferentes usos do termo - quando se o aproxima do pensamento (uma definição 'profunda') ou da fala (uma definição 'rasa'). Da mesma forma, concluímos que critérios de suficiência ou necessidade lógicas não davam conta de questões interessantes (como a que mencionamos em relação ao 'feedback' cinestésico).

Dado então que critério lógico não nos serve para os casos que temos em vista, consideremos a seguinte definição de relevância:

"...if an item is known to possess certain properties and lack others, the fact that the item possesses (or lacks) the property in question normally will count, at least to some extent, in favor of (or against) concluding that it is an X ..."
 (Achinstein 1968:6).

Portanto, em nossa discussão por exemplo do papel do 'feedback' cinestésico na linguagem interna, devemos determinar o quanto ele importa (se importa) para classificar uma dada instância de perturbação da linguagem como explicável pelo conceito de linguagem interna. Para fazer isso, devemos examiná-lo em relação a várias outras propriedades que se sabe (ou supõe-se) importar, como por exemplo a representação acústico-articulatória. Além disso, suponha que fossemos capazes de determinar que o 'feedback' cinestésico tem importância (no sentido especificado acima), então sempre que se sabe que uma síndrome afásica apresenta um certo conjunto de outras propriedades relevantes, verificar que o 'feedback' cinestésico também está presente conta a favor de classificar essa síndrome como uma instância de perturbação da linguagem interna.

A noção de relevância é também interessante porque permite facilmente tomar decisões quando se compara propriedades umas com as outras: por exemplo, quando se vê que, apesar de o 'feedback' cinestésico e a representação acústico-articulatória serem relevantes para o conceito de linguagem interna, a relevância do último parece ser muito maior de acordo com Nabes (1975). Considere a seguinte proposição:

"With respect to two properties that are semantically relevant for X, to claim that one is more central for X than the other is to claim that the possession (or lack) of one by an actual or hypothetical item tends to count more in favor of (or against) classifying an item as an X than

does the possession (or lack of the second property by an item" (Achinstein 1968:20).

Isto é, porque estamos lidando com relevância, e não com necessidade ou suficiência, podemos admitir 'graus'. O fato de que em certa síndrome afásica o 'feedback' cinestésico está perturbado conta menos do que o distúrbio da representação acústico-articulatória ao se falar em distúrbio da linguagem interna. Aliás, é assim que devemos interpretar o título do artigo de Nebes: "A natureza da fala interna em uma paciente com afemia" poderia ser parafraseado como "O que é mais importante do que o 'feedback' sensorial da musculatura oral (i.e., o que está comprometido na afemia) para a fala interna da paciente?".

Achinstein fala também em relevância semântica. Com essa etiqueta ele distingue as propriedades que contam, por si só, para a classificação de um ítem como uma instância de X, das outras propriedades que também contam mas apenas em virtude de 'apontar' para as do primeiro tipo. Em relação a isso ele discute o exemplo dos compostos químicos: antes do século dezoito classificava-se os compostos em termos de propriedades físicas como odor, cor, sabor, etc.; depois de Lavoisier, contudo, a estrutura molecular passou a ser considerada mais relevante, e as propriedades físicas passaram a ser vistas como apenas indicativas da composição química das substâncias. Temos uma analogia no caso da escrita e do 'feedback' cinestésico em relação à linguagem interna. Antes que a fisiologia tivesse se desenvolvido o bastante para permitir o conhecimento do papel

dos diversos 'feedbacks' proprioceptivos no controle neural do movimento, a escrita era considerada relevante no primeiro sentido (i.e., ela contava por si mesma para determinar se havia distúrbio da linguagem interna - recordemos que o argumento de Hughlings Jackson desenvolvia-se exatamente nessa direção). Mas, como modernamente é possível decompor os movimentos da escrita em seus mecanismos fisiológicos subjacentes, hoje só é possível usar essa propriedade como indicativa de outra que é intrinsecamente definidora da linguagem interna ('intrinsically internal-language making', nas palavras de Achinstein). Notemos: Nebes refere-se à escrita de sua paciente como apenas uma indicação, não mais que isso, da presença de alguma forma de linguagem interna. Portanto, a noção de relevância nos equipara com uma ferramenta muito mais apropriada do que os conceitos lógicos de necessidade e/ou suficiência na tarefa de clarificar o conceito de linguagem interna.

7. Orientação

No presente capítulo, procuramos restringir o escopo da investigação conceitual da linguagem interna no estudo da afasia. Em primeiro lugar, adotamos uma perspectiva que privilegia a relação entre linguagem e pensamento e que preserva uma identidade própria à noção de linguagem interna que, por ora, só podemos enunciar negativamente: a linguagem interna não é nem a linguagem pura e simplesmente, nem o pensamento, ou discurso mental. Segundo, delineamos um procedimento metodológico que consiste em analisar o uso do conceito (no estudo da afa-

sia) com o objetivo de 'isolar' o conjunto de traços distintivos que compõem o sentido do conceito. Finalmente, adotamos um ponto de vista histórico que nos permite transitar com relativa facilidade entre os diversos sentidos que o conceito de linguagem interna teve ao longo da história da afasia. Recordemos que a linguagem interna é um dos fios centrais (ainda que por vezes pouco visível) dessa trama que é a história da afasia desde seu início. Recordemos mais, que os atuais problemas conceituais do estudo da afasia em geral podem muito bem dever-se (em parte, ao menos) ao embaralhamento desses fios, como inferimos do estudo de Schwartz (1984) e Caramazza (1984).

Tudo isso justifica-se em termos da hipótese levantada no capítulo um, e que afirmava que o conceito de linguagem interna pode ter um papel maior do que aquele que normalmente lhe é reconhecido na investigação da afasia. Agora, a partir da perspectiva adotada e dos instrumentos de análise que elegemos, poderemos refinar esse enunciado, afirmando:

1. O conceito de linguagem interna é uma maneira de dar conta da relação entre linguagem e pensamento no estudo da afasia;
2. A cada momento da história da afasia correspondeu uma formulação desse conceito;
3. Há uma pré-ideia comum a essas formulações que permite relacioná-las entre si;
4. A cada uma dessas formulações corresponde um conjunto de propriedades que distinguem o sentido de cada uma delas; e,

5. Cada conjunto de propriedades semanticamente relevantes define o estatuto ontológico de cada formulação do conceito de linguagem interna.

Nos próximos dois capítulos procuraremos reconstruir o uso do conceito de linguagem interna em dois momentos diferentes da história da afasia. O objetivo desse procedimento é identificar a pré-ideia e as propriedades subjacentes a esse conceito, e assim identificar seu estatuto ontológico. No capítulo final avaliaremos o percurso de nossa investigação, e procuraremos apontar para outros possíveis desenvolvimentos do uso do conceito no estudo da afasia.

NOTAS

1. Bartlett & Smith (1920:55) assim resenham a tese de Watson:
"1. Thought is nothing more than a highly integrated bodily activity, chiefly identified with the action of language mechanisms; but not all thought is 'laryngeal'. 2. Vocal habits are distinguished from true language habits, the former being mere repetitions of sounds, and the latter being vocal habits 'associated with arm, hand and leg activity and substitutable for them'. 3. In general, language habits undergo development from overt to whispered and implicit expression: thought may be reasonably assumed always to involve implicit expression. We have to ask whether propositions 2 and 3 justify proposition 1".

2. O localizacionismo foi assim definido por Lichtheim (1885; tradução de Azcoaga 1877:18): "Se sabe que el habla y funciones conexas tienen vías de inervación nítidas, cuyas vinculaciones se conocen, así como determinar la ubicación de ellas en el cerebro. Pensamos que este objetivo está resuelto puesto que la interrupción de cualquiera de estas vías se corresponde con un síntoma bien conocido e cuyos componentes pueden ser deducidos con la misma precisión como determinados por la lesión, como, por ejemplo, se deduce la parálisis de determinados músculos o la pérdida de la sensibilidad cutánea consecutiva a la lesión de determinados nervios periféricos". A doutrina localizacio-

nista corresponde à primeira grande fase do estudo da afasia, que vai da década de sessenta no sec. XIX até o início do sec. XX (veja cap. 3, seção 1).

3. O conceito de linguagem interna está mais próximo do conceito de vírus na patologia que do de força nas teorias físicas. Enquanto o conceito de força é eliminável da teoria, o de vírus não o é (constitui-se, pois numa estrutura dotada de poder causal). Isso determina dois tipos diferentes de explicação científica (cf. Harré 1972:168-171).

4. Penso que decisões desse tipo tem muito a ver com preconceitos, que são bem refletidos na seguinte passagem: "There is no universally agreed definition of aphasia, despite the hundred years and more that it has been systematically studied. Perhaps this is not surprising as it concerns an area about which there is still much more speculation than knowledge; the mental organization of language and the relationship of this organization and brain function" Lesser (1979:1). A nota irônica, que a especulação (filosofica?) vale menos que o conhecimento (científico?) não pode ser ignorada.

5. Eis uma lista dos termos, em inglês, com que me deparei em minhas leituras: *internal language, internal speech, inner language, inner speech, silent speech, subvocal speech, language of thought, lingua mentis, oraverbitum*. Note que escolhi empregar a expressão *linguagem interna* através de

todo este texto. Isso não deve ser visto como uma indicação de que optei por um dos sentidos atribuíveis ao conceito. Ao contrário, *Linguagem Interna* deve ser vista como uma expressão neutra, que engloba todas as possíveis variações terminológicas.

6. Na verdade, Fleck postula a existência de uma estratificação de pelo menos quatro níveis entre o círculo mais interno e o mais externo. Eles são: 1) a ciência dos periódicos científicos, para os 'experts'; 2) a ciência do vademecum, para o cientista em geral; 3) a ciência popular, para o círculo exotérico; e, 4) a ciência dos livros de iniciação para o círculo esotérico. Está aqui evidente uma das influências de Fleck sobre Kuhn.

7. Dascal (1982, 1983), que usou essa noção em sua análise dos termos pensamento e linguagem e também em sua definição de pragmática, nota que as idéias de Achinstein são similares às desenvolvidas no contexto da 'semântica de protótipos' [ver, por exemplo, Rosch (1977, 1978) e Coleman & Kay (1981)].

A LINGUAGEM INTERNA E A HISTÓRIA INICIAL DA AFASIA

Como já fiz notar, o conceito de linguagem interna está associado à mesma tradição intelectual que deu origem ao estudo médico da afasia. Vamos agora rever alguns aspectos dessa tradição e assim estabelecer o contexto geral no qual se deu essa associação. O objetivo desse procedimento é descobrir a pré-ideia subjacente ao conceito de linguagem interna nesse contexto, por meio de uma 'análise componencial' como sugerida no capítulo anterior. Para tanto, em primeiro lugar abordaremos alguns trabalhos de Broca, que são, como já vimos, o marco inicial do estudo da afasia. Em seguida estudaremos o trabalho de Gilbert Ballet que, no final do século XIX, propunha-se a explicar toda e qualquer forma de afasia como um resultado do comprometimento da linguagem interna.

Devo contudo notar que, a despeito do que possa ser sugerido pelo título deste capítulo, não pretendo rever aqui toda a história inicial da afasia. Estarei apenas tomando como objeto de análise dois momentos em que a relação entre linguagem interna e afasia é bastante nítida, para aí identificar a pré-ideia subjacente ao conceito em que estou interessado. Isto é, não tenho nenhum compromisso historiográfico neste trabalho.

1. Afasia e Psicologia das Faculdades

Começemos revendo alguns problemas conceituais no trabalho de Paul Broca (1824-1880) [1] - que é figura proeminente na tradição em que estamos interessados. As descobertas de Broca são geralmente vistas como tendo estabelecido uma clara correlação entre distúrbios de linguagem e lesões corticais localizadas ou focais. Na sessão de 18 de abril de 1861 da Sociedade de Antropologia, em Paris, Broca leu uma breve nota sobre seu paciente Leborgne, relatando observações clínicas e anatómicas (postmortem); o parágrafo de conclusão diz:

"Tout permet donc de croire que, dans le cas actuel, la lésion du lobe frontal a été la cause de la perte de la parole" (Hécaen & Dubois 1969:61).

Uma tal afirmação revela que Broca está comprometido com uma explicação da etiologia de pelo menos alguns distúrbios de linguagem ('perda da memória', no presente caso) em termos de uma hipótese localizacionista. [2] No capítulo um verificamos que o localizacionismo é tido como uma manifestação de doutrinas reducionistas acerca da relação entre a linguagem e o cérebro. Mas ela implica uma outra que diz respeito à análise (em termos de princípios de individuação) das diversas 'funções' a serem localizadas no cérebro. Como vimos, no mesmo capítulo, essa hipótese é independente do localizacionismo, e Broca parece ter-se pautado por essa perspectiva pois desaprovava a incompletude

da análise convencional das funções cerebrais em sua época, e defendia o procedimento de fazer preceder a localização por uma análise funcional (Riese 1947:324). O quadro teórico disponível para fornecer essa análise funcional era a assim chamada psicologia das faculdades mentais que, como veremos, subjaz ao conceito de 'afemia' de Broca.

Em outra comunicação perante a Sociedade de Antropologia (Broca 1861b; cf. Hécaen & Dubois 1969:61-89), Broca distingue duas faculdades de linguagem - uma que designa como geral e outra que concerne a linguagem articulada. A primeira é assim definida:

"Il y a une faculté générale du langage qui preside a tous ces modes d'expression de la pensée, et qui peut être définie: la faculté d'établir une relation constante entre une idée et un signe, que ce signe soit un son, un geste, une figure ou une trace quelconque" (Hécaen & Dubois 1969:62).

A faculdade geral da linguagem equivale, portanto, a algo como uma capacidade 'semiótica' de relacionar idéias a signos que, por sua vez, são expressos por modalidades como "la mimique, la dactylogogie, l'écriture figurative, l'écriture phonétique", etc (Hécaen & Dubois 1969:62). Cada modo de expressão requer mecanismos motores e sensoriais específicos (entre eles a 'faculdade da linguagem articulada') para tornar possível a comunicação normal. Um distúrbio dos mecanismos responsáveis pela

fala, a tornariam difícil ou impossível, mas não impediriam a comunicação: o sujeito poderia ainda empregar outros tipos de 'linguagem', e.g. a escrita ou a mímica. Essa é precisamente a condição patológica que Broca chama 'afemia',

"car ce qui manque à ces malades, c'est seulement la faculté d'articuler les mots. Ils entendent et comprennent tout ce qu'on leur dit; ils ont toute leur intelligence; ils émettent des sons vocaux avec facilité ..." (Hácaen & Du-bois 1969:63-4).

Portanto, a 'faculdade da linguagem articulada' é algo intrinsecamente diferente da capacidade de criar signos - equivale à capacidade de 'traduzir' signos em imagens mentais dos movimentos.

Há duas características distintivas associadas a essa faculdade. Primeiro, ela é específica e independente de outras faculdades mentais. Isto não é estabelecido por Broca com base em suas observação clínicas, mas sim com base na aquisição da linguagem. Ele argumenta que não é suficiente que as crianças saibam como produzir sílabas para que sejam capazes de enunciar palavras:

"...il a besoin d'acquérir une nouvelle expérience pour apprendre à passer tout à coup d'une syllabe à une autre, et pour prononcer, à la place des monosyllabes redoublés qui constituaient son premier vocabulaire, des mots compo-

sés de deux ou trois syllabes différentes. Ces perfectionnements graduels du langage articulé chez les enfants sont dus au développement d'une espèce particulière de mémoire..." (Hécaen & Dubois:65).

Isto é, a habilidade de falar não é (pelo menos não é agora) o resultado de uma aprendizagem; uma 'nova experiência' é chamada a intervir, a qual deve ser considerada uma faculdade independente ("une espèce particulière de mémoire"). É interessante observar que, a despeito de não especificar como surge essa faculdade independente, Broca parece atribuir a ela não apenas a função de 'depósito' de imagens (como as outras faculdades). Ao contrário, esta faculdade dá conta também de certos fatos estruturais da linguagem, como é o caso da estrutura silábica. Isso mostra o quanto é específica essa faculdade.

Segundo, na medida em que ela não é dependente de uma faculdade como a inteligência, pode-se perguntar se a 'faculdade da linguagem articulada' é uma faculdade de ordem inferior, similar, digamos, à faculdade da locomoção ou se ela faz par com outras faculdades propriamente 'mentais'. [3] Broca favorece a segunda possibilidade (cf. Hécaen & Dubois 1969:67), com base no seguinte argumento: a capacidade de produzir a linguagem articulada deve ser uma faculdade distinta pois, a nível clínico, ela pode ser comprometida independentemente (i) de outros movimentos oro-faciais (e.g. deglutição), e, (ii) da capacidade de expressar-se por meio de outros recursos linguísticos (e.g. escrita). Uma vez que as lesões que acompanham esse dis-

túrbio são localizadas no cortex, essa faculdade pertence ao conjunto das faculdades mentais, pois os hemisféricos corticais são a sede da mente (Hécaen & Dubois 1969:70). Esse argumento baseia-se no pressuposto de que o sistema nervoso pode ser dividido em estruturas relacionadas à mente e estruturas não relacionadas à mente - 'nos termos de Broca, 'la partie pensante' e 'la partie motrice du cerveau'. [4] A falácia desse argumento é clara: não se oferece evidência independente para mostrar que se pode indentificar o córtex à 'parte pensante' e as estruturas subcorticais do sistema nervoso central à parte motora. Aí, também, emerge o compromisso sensacionista de Broca: o córtex é mais importante porque nele localizam-se as sensações e não os movimentos.

Portanto, as assunções de Broca podem ser minimamente compreendidas como dando lugar a existência de duas faculdades mentais implicadas na afemia (atual afasia de Broca), e também como postulando que ambas as faculdades tem a ver primariamente com elementos de natureza sensorial. Em relação a uma tal análise das faculdades da linguagem, Jean-Baptiste Bouillaud [5] é a inspiração e fonte imediata de Broca.

Recorde que Bouillaud é supostamente o primeiro a levantar a questão da linguagem interna na afasia. Com base em observações clínicas (feitas por ele próprio e por outros) Bouillaud sustenta, em 1825 (cf. Hécaen & Dubois 1969:15-31), a hipótese de que os movimentos corporais podem ser seletivamente perturbados em casos de lesão cerebral. A partir disso, ele

procura mostrar que esse distúrbio seletivo pode ser relacionado a regiões específicas nos hemisférios cerebrais, e em função disso seleciona os movimentos necessários para a fala como instância de teste. Ele relata observações que postula serem tanto positivas quanto negativamente a favor dessa hipótese: no primeiro caso, ele descreve instâncias em que danos aos lobos frontais eram acompanhados pela incapacidade de falar, e no segundo descreve pacientes que apresentavam lesões cerebrais em quaisquer lobos exceto nos frontais, e nos quais nenhuma dificuldade de fala podia ser registrada. Ele conclui pela existência de um centro cerebral independente e responsável pela 'faculdade da linguagem articulada'. E, acrescenta:

"...si l'on nous demandait, par exemple, pourquoi les animaux ne parlent pas, nous ne répondrions pas, avec certaines naturalistes, que c'est seulement qu'ils n'ont pas des organes extérieurs convenablement disposés pour l'articulation des sons, mais nous ajouterions que ces animaux sont privés de la parole, parce que la nature leur a refusé l'organe intérieur, le centre cérébral qui coordonne les mouvements par lesquels l'homme exprime, au moyen des mots, les opérations de son entendement" (Hécaen & Dubois 1969:28).

Um ponto interessante no argumento de Bouillaud é que os animais não falam porque lhes falta um órgão interno - específico e independente - para a fala, e não porque, digamos, tendo a oportunidade de aprender a falar, faltam-lhes os órgãos exter-

nos apropriados para isso. Isto é, mais uma vez, a evidência que corrobora o pressuposto da especificidade é buscada fora dos corredores da enfermaria - seja na aquisição (Broca) ou na psicologia comparativa (Bouillaud).

As idéias de Broca e de Bouillaud tem alguns pontos em comum. Primeiro, ambos sustentam a hipótese de que há duas faculdades relacionadas à linguagem: uma cuja tarefa é "créer des mots comme signes de nos idées" e outra cuja tarefa é "articuler ces mêmes mots" (Hécaen & Dubois:29-30). Uma diferença entre esses autores é que somente Bouillaud explicitamente empregou as expressões 'parole intérieure' e 'parole extérieure', respectivamente, em relação a essas faculdades. Outra é que enquanto a faculdade de criar signos é de natureza especificamente 'intelectual', a 'faculdade da linguagem articulada' para Bouillaud faz parte do conjunto dos movimentos musculares; Broca, recordemos, tendia a considerá-la como verdadeiramente intelectual. Segundo, para ambos os autores, a 'linguagem articulada' é uma faculdade especial. Ela é 'especial' no sentido em que é, supostamente, específica da linguagem, i.e., ela regula diferentes conjuntos de comportamentos particulares, movimentos musculares orais em nosso caso, que não podem ser explicados por qualquer princípio geral de aprendizagem. Finalmente, tanto Bouillaud quanto Broca favorecem a perspectiva de que o cérebro é subdividido em áreas intelectuais e não-intelectuais. Para Broca essa subdivisão é tal que ao córtex correspondem as funções intelectuais. Para Bouillaud, ao contrário, os movimentos articulatórios da fala dependem do córtex frontal, enquanto a

memória para as palavras dependem das estrutura sub-corticalis dos mesmos lobos frontais (Hécaen & Dubois 1969:30).

Quaisquer que sejam as semelhanças e diferenças entre Broca e Bouillaud, a visão dos fenômenos afásicos de ambos pode ser considerada como empirista, o que não é, porém, uma posição privativa deles. Um exemplo disso são as várias controvérsias científicas sobre a natureza da afasia que ocorreram em Paris nessa época (Riese 1936). Uma delas é o debate entre os que defendiam a existência de 'órgãos' cerebrais distintos correspondentes às distintas funções e os que defendiam a posição de que não existem tais órgãos, isto é, de que "o cérebro age como um todo" (cf. Head 1926:25; veja nota 1). Do ponto de vista da análise funcional que nos interessa, o que estava em jogo era a existência ou não de faculdades específicas para a linguagem.

A conclusão de um desses debates, convocado pelo próprio Bouillaud (então presidente da Academia de Medicina) em 1864, foi descrita da seguinte forma:

"The Gazette...Hepdomadaire summed up the state of the question in two excellent articles, which assumed that speech consists of a physiological and intellectual aspect. The former comprises language in the form of mimicry, writing and articulated speech; the latter is a special function concerned with the memory of words. Internal speech was assumed to be a purely intellectual phenomenon" (Head 1926: 28).

O que nos interessa nessa questão é que, para além do debate, a concepção dualista de que fenómenos de linguagem compreendem um lado orgânico e outro mental desfrutou, em algumas medida [6] e por algum tempo ao menos, o estatuto de doutrina 'oficial' entre os integrantes da profissão médica durante a fase inicial dos estudos da afasia. Isto é, a conclusão aponta inequivocamente para a aceitação da existência de faculdades específicas para a linguagem. Além disso, deve-se notar que a linguagem interna foi enfocada como pertencendo ao lado mental, e não ao orgânico.

O lado 'mental' dessa história comporta dois enfoques no interior do empirismo: os fenómenos mentais tanto podem ser vistos a partir da ótica que acaba resultando na psicologia da associação entre sensação e movimento (com Hartley), ou então a partir da ótica que atribui aos fenómenos mentais uma explicação baseada em faculdades. Vamos nos ater, por ora, a esta segunda perspectiva. Bouillaud (1825; ver Hécaen & Dubois 1969: 15-31) pretendia que sua investigação da localização da suposta faculdade da 'linguagem articulada' fosse tomada como evidência em favor das 'opinions' de Gall acerca da mesma questão. Vamos então voltar-nos para Franz-Joseph Gall [7], que deve ser visto não apenas como o 'maluco' que inventou a frenologia, mas principalmente como aquele que contribuiu de maneira decisiva para o estabelecimento dos princípios localizacionistas em neurologia (veja Young 1970, Boring 1950). Este último papel de Gall decorre do desenvolvimento de uma psicologia funcional 'moderna' e altamente interessante (para sua época) (Young 1970:13).

Para resumir ao máximo, a doutrina de Gall baseava-se nas seguintes assunções:

"The moral and intellectual dispositions are innate; their manifestation depends on organization; the brain is exclusively the organ of mind; the brain is composed of as many particular and independent organs, as there are fundamental powers of mind, - these four incontestable principles form the basis of the whole physiology of the brain" (Gall 1835, citado em Spoerl 1936:216).

Esse princípio equivale a uma redução materialista do fenômeno mental ao biológico, uma tendência que, recordemos, somente estabeleceu-se por completo no cenário dos estudos da afasia por volta de 1860. Mas esta não é uma novidade nem mesmo no início do século XIX - de fato, de acordo com Young (1970:20), pode-se traçar essa hipótese até Hipócrates e mesmo aos papiros de Edwin Smith. O que é inovador nas proposições de Gall segundo Young (1970), contudo, é a idéia de que apenas o córtex deve ser visto como a sede de todas as faculdades e propensões que, como ele procura demonstrar, dependem de uma organização - e a organização envolvida é a do cérebro. A demonstração é levada a cabo por meio de estudos comparativos de animais, do desenvolvimento infantil, do processo de envelhecimento, e de doenças do cérebro. Isto é, Gall tenta demonstrar que a função varia conforme varia o cérebro, e, além disso, que essa variação é uma indicação da variedade de 'órgãos', cada um deles ligado a

uma diferente propensão ou faculdade. [8] O primeiro postulado - o carácter inato das disposições mentais - justamente com outro (implícito) de que as faculdades e propensões são distintos, i.e., que é possível distinguir várias delas de uma maneira regular, engloba o que se poderia tomar como a psicologia de Gall [9], ou, em outras palavras, sua solução para o problema de individuar unidades funcionais na conduta. Ele propôs o passo inovador de que essas unidades, sob a forma de faculdades e propensões, dariam conta das diferenças entre espécies na natureza e entre os indivíduos nas respectivas sociedades (Young 1970:3).

A doutrina clássica das 'faculdades da alma' tem uma longa tradição na filosofia. As faculdades eram geralmente derivadas da divisão platônica da mente em sentidos e intelecto, e compreendia a percepção sensorial, o intelecto, a memória, a imaginação, a atenção, a linguagem, o juízo, a vontade e o movimento (Young 1970:10). Essa doutrina, na época de Gall, encontrava sua expressão nos trabalhos de Condillac, Destutt de Tracy, Bonnet e outros filósofos bem conhecidos na França e na Alemanha. Mas as faculdades tal como propostas por eles tinham um defeito, de acordo com Gall: não eram determinadas ou, como diz Spoerl (1936: 220), distintivas:

"We nowhere find that a man or woman has become celebrated by the understanding and the will, by attention, comparison, desire, liberty, etc... We need faculties, the different distribution of which shall determine the different species of animals, and their different

proportions of which explain the difference in individuals"
(Gall 1835, I: 87-88; citado em Spoerl 1998:220).

A diferença entre tais concepções da noção de faculdade foi satisfatoriamente capturada por Fodor (1983) quando escreveu que faculdades podem ser funcionalmente definidas de maneira horizontal ou vertical.

Uma faculdade horizontal é um sistema cognitivo funcionalmente distinguível cuja operação não respeita fronteiras de domínios cognitivos. Assim, os processos cognitivos podem exibir uma interação de faculdades como a memória, imaginação, atenção, etc., e a especificidade de cada processo depende da contribuição particular de cada faculdade que é recrutada. As características da atividade mental, nessa concepção, são independentes do seu 'assunto' (ou domínio de conhecimento). Isto é, abandonando o jargão moderno e voltando para a linguagem de Gall, a conduta dos indivíduos pode ser caracterizada nos termos de tais faculdades gerais e abstratas. Contudo, pode-se também conceber as faculdades como específicas para um conteúdo (ou seja, verticalmente), de tal forma que os mecanismos psicológicos que servem a uma capacidade são diferentes, em princípio, dos que servem a outras, de acordo com Fodor (1983:14). Nessa perspectiva, os mecanismos psicológicos subjacentes à suposta faculdade da linguagem são, necessariamente, diferentes dos que subjazem, digamos, à faculdade de reconhecer faces. A concepção de faculdade de Gall difere em muito da de seus predecessores e contemporâneos, na medida em que ele postula que

são específicas para um certo conteúdo (cognitivo). Certamente, Gall não poderia simplesmente negar o papel da memória ou da imaginação (veja Spoerl 1936:220). Ele portanto as admitia, mas com a ressalva de que eram apenas atributos gerais dessas faculdades determinadas, que podiam então ser modificadas em maior ou menor grau por esses atributos.

Contudo, quando deu nomes às suas recém-criadas faculdades, parece que Gall rendeu-se à tradição, pois continuou a empregar termos como 'memória': por exemplo, referiu-se à faculdade responsável pela linguagem como 'Memória para Línguas'. Esse procedimento criou a infeliz situação de confundir a sua contribuição original com as velhas doutrinas. Isso, por um lado, pode explicar porque ele é tão prontamente criticado nos mesmos termos da velha escola da psicologia das faculdades. Além disso, pode também explicar porque suas idéias são identificadas às da tradição empirista, embora ele se opusesse à concepção de faculdade dessa última. Por outro lado, explica ainda porque Bouillaud deu-se ao trabalho de 'resgatar' Gall. De fato, no que concerne a 'memória para as palavras articuladas' ele diz que o anatomista suíço caiu em contradição, pois

"...après avoir fait tous ses efforts pour démontrer que les facultés générales de l'entendement n'ont point d'organes spéciaux, il accorde un organe particulier à la mémoire, qui est évidemment une faculté général. Les recherches consignées dans ce travail sont bien propres, à mon avis, à éclairer ce point obscur de la doctrine de ce célèbre médecin" (Hécaen & Dubois 1969:29).

A acusação de 'contradição' pode ser vista como um exagero, mas os dados clínicos de Bouillaud podem ser tanto vistos como um desenvolvimento das teorias de Gall e como um desvio das 'velhas' definições de faculdade, que as hesitações de Gall podem ter feito durar mais do que deviam.

Resumindo, ao rever Broca e Bouillaud (e Gall junto com ele), descobrimos que, no início da história da afasia, a tradição intelectual prevalecente permitia que se explicasse (psicologicamente) o comportamento linguístico em termos de duas faculdades. Além disso, vimos que uma dessas faculdades era reservada para a articulação, ou a fala. Este último fato parece-me introduzir a possibilidade de uma interpretação da história da afasia que, na medida de meu conhecimento, ainda não foi contemplada na leitura da área.

Resumidamente, trata-se de pensar que foi a introdução de um novo conceito de faculdade específica para a linguagem que deu lugar ao surgimento do conceito de afasia em meados do séc. XIX; em outras palavras, trata-se de considerar que o conceito de afasia só se tornou possível na medida em que um quadro teórico adequado fez-se presente. Uma pista de que essa é uma interpretação correta pode ser buscada na longa pré-história da afasia, como relatada por Benton & Joynt (1960): a relação entre lesão cerebral e déficit de linguagem já era conhecida entre os sacerdotes egípcios, sem que, no entanto, essa relação viesse a gozar de um estatuto nosológico próprio até o

sec. XIX. Num artigo hoje clássico, O. Marx (1966) investigou as relações entre os estudos sobre afasia e sobre teoria linguística no século passado e concluiu que (a) ele inexistiu, para todos os efeitos práticos, e (b) que tanto os poucos médicos quanto os linguístas que se ocuparam do assunto concluíram pela necessidade de desenvolver uma 'metodologia psicológica' que viesse permitir o estudo da capacidade humana para a linguagem (Marx 1966:349). No que toca essa segunda conclusão, Otto Marx aceitou literalmente 'depoimentos' quanto à necessidade de se criar uma metodologia ou teoria psicológica acerca da linguagem, sem se aperceber que, de fato, ela já existia. Se não, vejamos. Até o aparecimento da doutrina frenológica de Gall, aceitava-se o ensinamento medieval de que as faculdades mentais era três, e localizavam-se anatomicamente nos três ventrículos cerebrais. Tratava-se das faculdades do *sensorium commune*, da razão e da memória. Esta lista básica de faculdades, definidas funcionalmente, foi sendo aumentada (mais ou menos como M. Jourdain definia a virtude dormitiva de certos medicamentos) durante toda a vigência do empirismo britânico até Hartley, com quem a ação voluntária (o aspecto motor do comportamento) passa a ter importância igual à sensação. É claro que entre essas faculdades não se encontrava a linguagem. Como poderiam então os médicos investigar a nosologia de uma perturbação da linguagem se esta não era uma das faculdades da mente que tinham assento nos lobos ou ventrículos cerebrais? Parece que a linguagem era 'invisível' para os médicos. Como consequência, somente após a novidade conceitual introduzida por Gall é que a linguagem, ou seu distúrbio, pode adquirir um es-

tatuto nosológico próprio. Portanto, se queremos investigar a relação do conceito de linguagem interna e os estudos da afasia, e isolar, nessa relação, as propriedades que definem a linguagem interna, devemos voltar-nos para o enfoque da afasia que desenvolveu-se no quadro da psicologia das faculdades.

2. Faculdades, afasia e linguagem interna

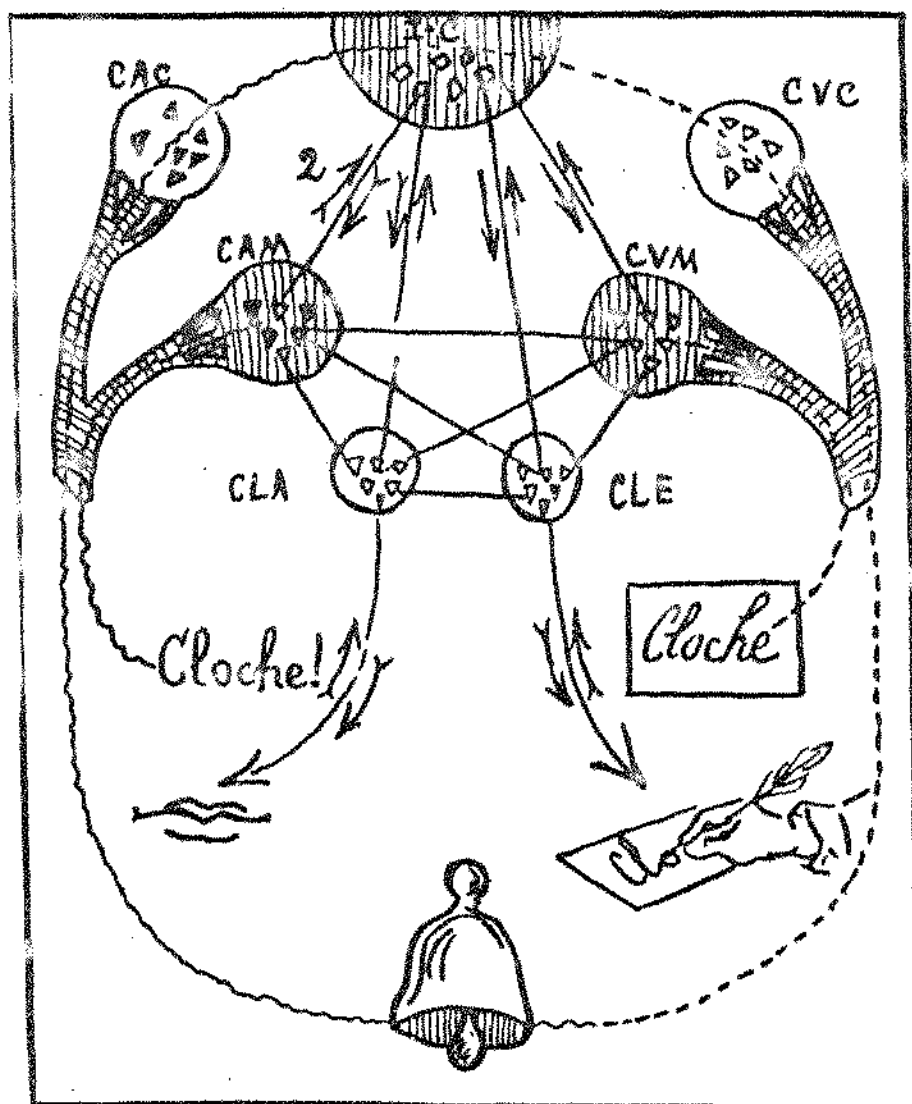
Em março de 1986, Gilbert Ballet escreveu uma monografia como requisito para obter seu título de 'agrégation de médecine'. O assunto, indicado pela banca examinadora, foi "Le langage intérieur et les diverses formes de l'aphasie" (Ballet 1888). Essa monografia, embora geralmente esquecida na história da afasia, parece ser a única publicação inteiramente devotada à relação entre linguagem interna e afasia no âmbito da psicologia das faculdades. [11] Como estou interessado precisamente na psicologia das faculdades mentais e sua relação com o conceito de linguagem interna, pretendo tomá-lo como objeto de análise. Em primeiro lugar, farei uma resenha da concepção de cognição adotada por Ballet, com especial ênfase naquilo que diz respeito à linguagem. Em seguida, analisarei como o conceito de linguagem interna relaciona-se a essa concepção cognitiva. Finalmente, mostrarei como a linguagem interna é usado por Ballet como instância explicativa de distúrbios afásicos.

2.1 A linguagem e a teoria psicológica de Ballet

Esquemáticamente, para Ballet (1888:6), as sensações, que são tidas como o fenômeno psicológico primitivo, associam-se para formar imagens que, por sua vez, associam-se para formar idéias. A associação é, claro, o procedimento intelectual secundário, nesse quadro. As imagens são uma questão de memória, pois a idéia relacionada a um objeto resulta da associação de diversas evocações (fr. 'souvenirs') de imagens, e as diferentes imagens resultam das várias impressões sensoriais de uma mesma modalidade.

Ballet ilustra sua teoria psicológica por meio de um diagrama (creditado a Charcot - Ballet 1888: 7, nota 1) cujo fim é explicar como o conceito de 'sino' vem a ser representado na mente (ou no cérebro, pois ele alterna termos psicológicos com termos fisiológicos). [Ver figura_1 na próxima página] As sensações produzidas por um sino (ou suas várias 'apresentações') produzem, segundo Ballet, vibrações nos nervos - digamos nos nervos auditivos - que as transmitem para células localizadas num 'centro' especial; tais células guardam as vibrações produzidas pela sensação de acordo com a frequência e intensidade da apresentação do objeto correspondente (isto é, de acordo com parâmetros tipicamente associativos). Portanto, tais 'centros' sensoriais são como 'depósitos' (termo de Ballet) cuja função é manter a memória das sensações; em outras palavras, a imagem de um objeto produzida por uma modalidade sensorial é estocada num 'locus' especial da mente/cérebro.

FIGURA 1: Esquema de Charcot



DAC, centro auditivo comum - CAM, centro da memória auditiva das palavras, cuja lesão determina a surdez verbal - CVC, centro visual comum - CVM, centro da memória visual das palavras, cuja lesão determina a cegueira verbal - IC, centros intelectuais, onde se associam as diversas imagens - CLA, centro da memória motora da articulação, cuja lesão determina a afasia motora (tipo Broca) - CLE, centro da memória motora gráfica, cuja lesão determina a agrafia. [adaptado de Ballet 1988: 7]

Mas, um objeto como um sino não produz apenas sons, mas também tem uma forma visual. A imagem (ou memória) da sensação visual é preservada, de maneira similar, pelas células de outro 'centro'. É a associação de duas imagens (ou mais, no caso da ativação de canais sensoriais múltiplos) que ocasiona a emergência de uma idéia. Mas, como acontece essa associação? As idéias, na psicologia de Ballet (e de Charcot), são produzidas pela capacidade associativa de um outro 'centro celular', chamado centro intelectual, ou inteligência, que tem a função de 'centralizar', ou relacionar as imagens simultaneamente produzidas pelas diversas sensações. Note que a inteligência é outra faculdade: isto é, enquanto os resíduos sensoriais (=imagens) são apenas 'guardadas' pela faculdade da memória, é a faculdade da inteligência que é capaz de lidar com elas de uma maneira significativa (i.e., criando relações).

Não é preciso dizer que esse quadro é essencialmente empirista. De fato, ele nos lembra o associacionismo britânico (e autores como J.S.Mill e Spencer são citados; Ballet 1888:6). Contudo, não se pode dizer que Ballet é um associacionista, pois quando investiga o papel das imagens verbais motoras (i.e., aquelas envolvidas na articulação e na escrita), ele escreve:

"Mas le mouvement automatique et coordonné n'est pas le seul élément physiologique qui intervienne pendant l'acte de parler ou d'écrire. Il est constamment accompagné d'un phénomène de sensibilité [...] La sensation que nous

percevons ainsi se dépose dans le cerveau dans la forme d'image ou de souvenir. Ce souvenir constitue la mémoire des mouvements coordonnés de la parole et des mouvements coordonnés de l'écriture, chacune de ces mémoires résumant une collection d'images ou de représentations motrices..." (Ballet 1888:46-47) [12]

O cerne da psicologia da associação é o par sensação-movimento; isto é, tanto a sensação quanto o movimento são elementos primitivos na teoria. Mas não é esse o quadro na psicologia de Ballet. Em vez disso, o que temos aqui são apenas imagens sensoriais, manipuladas pelas faculdades da memória e da inteligência - e o movimento, no que concerne à vida mental, é uma noção derivada, de tal forma que o que é guardado pela memória e associado pela inteligência no caso dos movimentos não é o próprio movimento, mas seus resíduos sensoriais. Em resumo, para Ballet, os movimentos são explicados pelas sensações. Portanto, Ballet mantém-se nitidamente nos limites do sensacionismo e da psicologia das faculdades.

Outra característica do quadro psicológico desenvolvido por Ballet é a rejeição da interpretação clássica que diz que aceitar a sensação como elemento primeiro implica que a mente do recém-nascido é uma *tabula rasa*. Ele diz:

"La théorie condillacienne a le tort de négliger un fait biologique d'une grande importance: les dispositions organiques héréditaires. [...] Certains groupes de cellules

sont, dans le cerveau de nous tous, plus aptes que d'autres à recevoir certaines catégories d'impressions, et ces impressions se fixent dans le souvenir d'une façon plus ou moins durable suivant les individus' (Baillet 1888:4-5).

Essa observação é feita por Baillet com a finalidade de fornecer os fundamentos de uma de suas idéias mais caras: há variações na linguagem interna de acordo com características individuais. Como veremos logo a seguir, Baillet argumenta que para alguns indivíduos a linguagem interna é primariamente uma questão de representação auditiva, enquanto para outros ela pode ser motora, visual, e assim por diante. É de acordo com isso que devemos entender o final dessa citação: as impressões são mais ou menos fixadas na memória em consonância com diferenças individuais.

Porém, o ponto central, pelo menos no que concerne a esse argumento, é a postulação de que há disposições orgânicas, i.e., fracionamento ou dissociação do tecido cerebral, que correspondem a certas categorias de sensação. Por um lado, essa postulação acomoda bem uma observação trivial dos estudos da afasia (mesmo apenas 20 anos após seu estabelecimento oficial), a saber, que há uma regularidade que permite correlacionar sintomas e localização da lesão. Isto é, para 'explicar' a localização de funções (reveladas por sintomas, na perspectiva do 'método anátomo-clínico'), pode-se, com certa plausibilidade, supor a existência de determinantes biológicas.

Por outro lado, não é difícil perceber a influência de Gall sobre Ballet. [13] De fato, agrupar o 'input' de informações sensoriais para o sistema nervoso central em termos de 'tipos' (ou modalidades) equivale à mesma tipo de manobra teórica de Gall: além das tradicionais faculdades da memória e da inteligência, a psicologia de Ballet contempla uma de partição do domínio do mental em termos de estruturas de conteúdo (cf. Fodor 1983; cf. também seção 1 acima, *id. lloc*). Como já veremos, não são apenas as modalidades sensoriais que têm o direito de existir na teoria de Ballet. Também as imagens relacionadas a funções linguísticas são mantidas em 'centros' que são diferentes dos que servem às modalidades sensoriais. Há, é claro, uma diferença entre Gall e Ballet. Para o primeiro, apenas as estruturas que são específicas para um certo conteúdo merecem ser chamadas de 'faculdade'. Para Ballet, porém, tanto estruturas específicas quanto inespecíficas são 'faculdades': temos portanto um centro especial para as imagens auditivas verbais ao lado de um centro genérico para imagens auditivas.

Essa breve apresentação da 'psicologia' de Ballet aponta para o seguinte quadro eclético: ele é decididamente sensacionista, mas aproxima-se do associacionismo; endossa a psicologia das faculdades, mas admite que algumas delas podem ser específicas para certos conteúdos (é claro que somente essas últimas fazem alguma diferença em relação ao quadro clássico: sensações + faculdades).

No interior desse quadro, Ballet defende duas teses, que são a pedra de toque de sua definição de afasia e de lin-

guagem interna. A primeira relaciona-se à questão da prioridade lógica entre pensamento e linguagem (veja Dascaí 1982). Ballet diz que as palavras não são inseparáveis das idéias. O que isso significa? Em primeiro lugar, ao explicar o conceito de sino, nenhum papel é reservado às palavras; i.e., uma idéia é construída a partir de sensações e imagens, e nenhuma mediação da linguagem é necessária. Em relação a isso, Ballet diz mesmo que as idéias podem existir sem as palavras que as representam e de fato são constituídas sem ou previamente às palavras (Ballet 1898:6-9). Portanto, a separabilidade das palavras em relação às idéias significa que podemos explicar (de acordo com Ballet) as idéias sem referência às palavras.

Em segundo lugar, a teoria de Ballet admite explicar as palavras sem referência às idéias? Logicamente, não. Ontologicamente, a questão tem a ver com as imagens. Recordemos que as sensações servem para construir imagens que, por sua vez, servem para construir idéias. Uma palavra que é, digamos, ouvida é uma sensação depositada sob a forma de uma imagem num 'centro' mental ou cerebral especial. Chamemos a isso de imagem-palavra. Imagens-palavra têm duas propriedades. Primeiro, embora sua origem seja a sensação, elas não se juntam a outras imagens originárias da mesma modalidade sensorial. Isto é, a imagem auditiva do sino tocando não 'reside' no mesmo 'centro' que a imagem auditiva da palavra sino. Segundo, as imagens-palavra somente podem ser associadas a idéias pela faculdade da inteligência, e não a outras imagens auditivas. Portanto, as

palavras não podem ser explicadas a menos que se faça referências às idéias. Em relação a isso, Ballet (1988:9) emprega o argumento que pessoas congenitamente surdas e mudas têm uma vida mental. Portanto, a separabilidade entre palavras e idéias equivale, para Ballet, à independência lógica do pensamento em relação a linguagem, e também à dependência lógica da linguagem em relação ao pensamento.

A segunda das teses de Ballet diz respeito ao 'como' e 'porque' da relação entre linguagem e pensamento, ou o que Dascal (1983) chama 'grau de proximidade' ('degree of intimacy') da relação especular que se supõe existir entre linguagem e pensamento. Dascal (1983:3) classifica essa relação como externa ou interna. Ela será externa sempre que se considerar que linguagem e pensamento são logicamente independentes entre si; por exemplo, se tomarmos a linguagem como a roupa com que o pensamento é vestido para propósitos de comunicação. Não importa, nesse caso, que a linguagem reflita de algum modo a estrutura do pensamento: o importante é que o pensamento é visto como anterior e independente em relação a linguagem. Por outro lado, a relação será interna em um dos seguintes casos: (a) se, numa relação de instrumentalidade, a linguagem for vista como uma ferramenta do pensamento - isto é, certas operações mentais seriam extremamente difíceis de serem levadas a bom termo sem a ajuda de signos linguísticos, de tal forma que o papel da linguagem em relação ao pensamento seria, por assim dizer, psicotécnico; e, (b) se, numa relação muito íntima, o pensamento for considerado como sendo, em grande medida, uma manipulação de

signos - nesse caso, pelo menos as 'idéias' ou raciocínios mais complexos seriam impossíveis sem o concurso da linguagem, de tal forma que a relação entre pensamento e linguagem seria de constitutividade.

A segunda tese de Ballet (1888:9) é que as palavras são etiquetas que se aplicam às idéias. Há dois sentidos diferentes em que o conceito de etiqueta é usado: palavras são etiquetas i) porque são imagens (convencionalmente) associadas às idéias, e, ii) porque têm um papel psicotécnico em relação ao pensamento. Vamos examinar o primeiro desses sentidos, notando que ele diz respeito, antes de mais nada, à representação mental da linguagem (para usar um termo mais moderno). Recordemos que a imagem auditiva das palavras é estocada num 'centro' mental especial, e é associada, pela inteligência [14], à idéia correspondente, que é, ela própria, uma coleção de imagens. Portanto, a representação mental de uma palavra ouvida evoca uma idéia. O mesmo é verdadeiro das imagens formadas pela palavra lida, pela palavra falada e pela palavra escrita. Isto é, de um ponto-de-vista psicológico (Ballet 1888:14-16), a palavra como entidade psicológica é composta de

- i. uma imagem auditiva (a escuta de uma palavra),
- ii. uma imagem visual (a leitura de uma palavra),
- iii. uma imagem motora articulatória (a fala de uma palavra),
- e,
- iv. uma imagem motora gráfica (a escrita de uma palavra).

O conjunto dessas imagens-palavra constitui, para Ballet, a linguagem interna. Para cada uma dessas imagens há um centro especial ligado tanto aos centros sensoriais quanto ao centro intelectual. Portanto, imagens-palavra são capazes de evocar idéias (que lhe correspondem), e vice-versa. Em relação às imagens auditivas, ele diz (Ballet 1888:11) que revelam a imagem sensorial ou a idéia concreta de um objeto; constitui-se pois uma dupla, na qual a palavra "peut faire l'office de l'idée". Nesse contexto, palavras são etiquetas de idéias no sentido em que são 'traduções' ou 'transformações' das idéias em uma palavra; palavras (como entidades mentais, i.e., linguagem interna) são signos de idéias.

Mas, segundo Ballet, relação entre a idéia e a representação mental da palavra é convencional. De fato, a afasia é definida como a "diminution ou la perversion de la faculté normale d'exprimer les idées par des signes conventionnelles" (Ballet 1888:68), o que, em última análise, equivale a atribuir um caráter eminentemente social (porque expressivo ou comunicativo) à linguagem. Para Ballet (1888:9-10) a aquisição da linguagem é uma questão de 'education', i.e. aprendizagem, e a criança "reçoit les mots tous faits du milieu dans lequel il vit". Podemos imaginar, com alguma facilidade, como essa concepção de linguagem poderia harmonizar-se com a 'psicologia' de Ballet. Se as palavras (ou sua imagem) são resíduos sensoriais depositados na mente do falante e, principalmente, se são associadas às idéias pela inteligência, pode-se então pensar que essas associações são convenções ditadas pelo uso social da linguagem e

aprendidas pela criança. Assim, como já foi visto, o estabelecimento da relação entre a idéia de sino e a palavra *sino* ocorre quando, na aquisição da linguagem, a criança é exposta a uma (repetida) apresentação do objeto sino ao mesmo tempo em que é exposta a uma apresentação (feita por outro falante da língua em questão) da palavra *sino*. Da mesma forma, no uso quotidiano da linguagem, a relação entre a palavra e a idéia é recuperada, evocada, pela simples apresentação da palavra. Nesse sentido, e repetindo as conclusões acima, as palavras são etiquetas das idéias na medida em que servem convencionalmente como seus substitutos mentais.

Naturalmente, uma explicação muito semelhante para o relacionamento entre a linguagem e a mente poderia ser obtida a partir de pressupostos puramente associacionistas que, como vimos, também fazem parte do 'coquetel' teórico de Ballet. Essa 'ambiguidade', parece-me, é inerente ao seu ecletismo: por um lado, o pano de fundo psicológico que ele adota aponta mais para a psicologia das faculdades que para os princípios associacionistas; por outro, sua definição de afasia, e a definição de linguagem por ela implica, talvez mais facilmente se adaptassem a uma perspectiva associacionista (ou mesmo pavloviana) em psicologia. Portanto, o primeiro sentido em que se pode afirmar que as palavras são etiquetas para idéias, para Ballet, leva-nos numa direção em que se perde de vista a especificidade inerente a linguagem interna: não é necessário, dentro do quadro teórico estabelecido por Ballet, afirmar-se que a linguagem interna é uma (ou mais) faculdade(s) se se quer afirmar que as palavras

são etiquetas, no sentido em que são convencionalemnte associadas às idéias.

Note, porém, que as palavras enquanto representações mentais 'peut faire l'office de l'idée'. Isso significa dotar as palavras com outra função, a saber, a de substituir ou evocar idéias das operações mentais:

"Il est impossible de bien penser sans signes, mais il est possible de penser [...]. Ces images en effet réalisent des formules qui, durant la réflexion, servent à donner un corps à notre pensée et à la préciser. Quand nous réfléchissons, elles se présentent à notre esprit..." (Ballet 1888:13,15).

Portanto, as palavras são ferramentas por meio das quais a inteligência torna-se ativa e regular, pelo menos para os que podem fazer um uso normal (i.e., não patológico) da linguagem. Isso é o que Dascal (1978:36-139) chama de papel 'psicotécnico' das palavras, e é o segundo em que se pode compreender a noção de 'etiqueta' na obra de Ballet.

A diferença entre os papéis comunicativo e psicotécnico dos signos pode ser adequadamente capturado na distinção de Hobbes entre signos e notas (cf. Dascal 1978:130-140). De acordo com Hobbes, o pensamento não passa de cálculos realizados sobre idéias, conceitos, pensamentos (De_Cogere, I,1,3). Mas as idéias são imprecisas e transitórias, de modo que 'marcas'

se fazem necessárias para tornar as computações possíveis. Tais marcas são notas, que ele define como "sensible things, used according to our will, so that their perception can evoke in the soul thoughts which are similar to the thoughts for which they have been employed". [15] Mas como essas notas são essencialmente de uso privado e destinadas a 'fixação' da memória, existe a necessidade de marcas sensíveis, comuns a muitos indivíduos, de modo que o pensamento possa ser expresso para outros, e não apenas para o indivíduo. Essas marcas são signos (id., I, 2, 2). Portanto, a diferença entre signos e notas é funcional: os signos são usados para a comunicação com os outros, e as notas são usadas para a evocação do conteúdo da memória. Além disso, pode-se facilmente conceber marcas que sejam notas (para si próprio) mas que não sejam signos (para os outros); i.e., a função comunicativa dos signos pressupõe a função psicotécnica das notas:

"...pour pouvoir remplir sa fonction informative, tout signe doit être ou bien lui-même une note ou bien associé à une note qui 'fixe', et permet ainsi de rapeller, la pensée que le signe transmet" (DascaI 1978:140).

Podemos concluir que, embora não o afirme explicitamente, para Gallet os signos, ou imagens-palavra, tem uma função psicotécnica que é primitiva em relação ao papel comunicativo que possam ter no intercâmbio social.

Mas é preciso introduzir aqui uma nota de cautela. Há duas possibilidades de se conceber o papel instrumental das palavras em relação ao pensamento. Pode-se postular que as operações mentais podem efetuar-se sobre ou com os signos, ou, alternativamente, que as operações mentais operam sempre sobre ou com, digamos, idéias, e que essas podem (ou não) ser previamente evocadas pelos signos. No primeiro caso, a linguagem é instrumento do pensamento no sentido mais forte do termo: o pensamento opera com signos. No segundo, os signos auxiliam, mas não fazem parte das operações intelectuais. Podemos dizer, nesse segundo caso, que a função das palavras em relação às idéias é mnemotécnica na medida em que seu papel é basicamente o de fixar e evocar idéias, e posteriormente trazê-las à presença da consciência. Em ambos os casos, as palavras são etiquetas: ou porque são instrumentais ao pensamento ao substituir idéias, ou porque podem auxiliar o pensamento ao evocar uma idéia que será posteriormente manipular *qua* idéia, pela inteligência.

Parece-me correto interpretar a posição de Ballet como sendo a de atribuir um papel mnemotécnico à linguagem. Com efeito, e para apresentar apenas uma das instâncias a partir das quais se pode chegar a essa inferência, na definição da afasia que adota, Ballet (1888:68) enfatiza que, sendo a linguagem convencional uma maneira de exprimir as idéias, daí não pode seguir-se que o comprometimento da capacidade de utilizar a linguagem para esse fim signifique que a afasia acarrete problemas de inteligência. Assim,

"...un individu atteint de surdit  des mots entendra les sons, saura les rapporter   l'object qui les produit, mais ne comprendra le sens des mots parl s" (Ballet 1888:77).

'Surdit  des mots' equivale ao sintoma produzido pela destrui o total do centro cerebral onde são armazenadas as imagens auditivas das palavras, isto  , equivale   perda dessas imagens e, portanto,   impossibilidade de relacioná-las a idéias. Note que, não obstante, o indivíduo será capaz, segundo Ballet, de relacionar um som (não verbal, claro) ao objeto que produz esse som, isto  , será capaz de mostrar um comportamento inteligente. Por exemplo, ao toque de um sino ele será capaz de distingui-lo de outros objetos - digamos de um relógio. Contudo, se ouvir a palavra sino, não saber  apontar para o sino e ignorar o relógio. Portanto, idéias e possibilidade de associ -las não faltam ao afásico que 'perdeu' a imagem auditiva que representa e pode evocar essa mesma idéia. Como se pode explicar esse desempenho?

O pensamento, segundo Ballet (1888:17), consiste na inspe o de uma sequência de idéias que se apresentam sob a forma de imagens ditas concretas, isto  , imagens auditivas, visuais, táteis, etc. de um objeto, ou então sob a forma de imagens verbais (que para a maioria das pessoas são imagens auditivas, segundo ele). Essa concep o   notavelmente semelhante   de Hobbes para quem as letras, ou signos em sua fun o psicotécnica, tem o papel de 'fixar' o pensamento. Este, de fato, tem um funcionamento próprio, constitui-se em um 'discurso'

mental. Dascal (1978:144) adverte que na forma como Hobbes a apresenta, essa concepção de 'discurso mental' é tipicamente 'inspeccionista' (no sentido que Reeves [1969:11-12] empresta ao termo). A visão inspeccionista do pensamento resume-se nas seguintes teses: (a) o estudo do pensamento é o estudo dos elementos de conteúdo que o compõem; (b) esses elementos são 'idéias' ou 'imagens'; (c) eles são 'apresentados' ao espírito, ou, o que vem a dar no mesmo, sucedem-se frente ao 'olhar do espírito'; e, (d) eles obedecem a leis de associação por contiguidade, semelhança e contraste. O pensamento tem, portanto, objeto próprios que são 'inspeccionados'. Nessa teoria, os signos servem apenas para apresentar ao espírito uma idéia de que este necessita, de modo mais claro, mas fácil. Assim, para Ballet, há um discurso mental, que não é a linguagem interna, mas que a pode mobilizar. Fica mais uma vez evidente que o papel da linguagem interna é mnemotécnico.

Em face das considerações acima, como se pode interpretar, a partir dos interesses do presente trabalho, o quadro teórico fornecido por Ballet? O primeiro ponto a ser levantado é aquele do qual, aliás, partimos: trata-se de uma psicologia que reserva um papel importante para a noção de faculdades mentais. É certo que ele não elabora uma teoria própria das faculdades; ao contrário, ele parece tacitamente apoiar-se num contexto, de tradição secular, que explica processos mentais a partir de faculdades funcionalmente definidas - a memória serve para estocar resíduos sensoriais ou imagens, a inteligência serve para associar imagens, etc. Mas, ao lado da faculdade da

memória, Ballet postula por exemplo a existência de, chamemos assim, uma memória especial para palavras ouvidas. Ora, esse tipo de memória é definido de maneira diferente do que as faculdades tradicionais: não se trata mais de conceber uma entidade mental cuja função é armazenar ou manipular dados sensoriais; pelo contrário, trata-se de uma entidade mental que armazena dados sensoriais dotados de um conteúdo específico, a linguagem. A semelhança com Gall, ou pelo menos com a interpretação que dele fazem Fodor (1983) e Spierl (1936), é notável. Certamente Ballet não chama as memórias auditiva, visual, motora para a articulação, e motora para a escrita, de faculdades específicas para a linguagem - mas elas de fato o são. Assim, o primeiro ponto sobre o quadro psicológico em que Ballet apoia suas idéias sobre afasia e linguagem interna que gostaria de fazer notar, neste momento, é a presença importante da noção de faculdades mentais, quer sejam as gerais ou as específicas para a linguagem.

O segundo ponto é, de fato, um desdobramento do primeiro: Ballet postula a existência de faculdades específicas para a linguagem. Como ressaltéi na primeira parte deste capítulo, isto não é um privilégio ou invenção privativa de Ballet; de fato, é uma idéia que permeia toda a fase inicial da história da afasia. No caso de Ballet, como veremos mais abaixo, ela toma a forma de quatro 'centros' mentais cujo papel é o de armazenar imagens verbais ou imagens-signos que são mobilizadas pela inteligência tanto para uso comunicativo como mental. Há que se notar, também, que esses centros são de respon-

sabilidade de uma disposição inata do organismo humano, e não resultado de aprendizagem. Há, aqui, uma sutileza a esclarecer: a faculdade para a linguagem não é aprendida, mas a linguagem sim, como observei acima. Convém notar que essa distinção assemelha-se àquela apontada por Chomsky (1981:13ss) entre capacidades de primeira e de segunda ordem. A capacidade de primeira ordem é a de fazer algo, sob circunstâncias apropriadas, sem necessidade de instrução ou treinamento. Assim, um nadador terá a capacidade (de primeira ordem) de nadar seja quando está na água, seja quando esta dormindo. A capacidade de segunda ordem, por sua vez, é a capacidade de adquirir uma capacidade de primeira ordem. Com relação à linguagem, para Chomsky, os seres humanos tem uma capacidade de segunda ordem (que é inata) de adquirir linguagem e, por outro lado, podem conhecer uma língua, isto é, estar de posse de seu sistema de regras e representações, que é uma capacidade de primeira ordem. Assim, à semelhança de Chomsky, poderíamos dizer que a faculdade para a linguagem de Ballet é uma capacidade de segunda ordem, e a aquisição de uma língua é resultado do exercício de uma capacidade de primeira ordem.

O terceiro, e último, ponto ser notado diz respeito à relação entre pensamento e linguagem na concepção de psicologia de Ballet. Como fizemos ver acima, o papel da linguagem no pensamento é mnemotécnica, o que significa que a função da linguagem é a de fixar idéias e torná-las presentes para o pensamento. Isso implica que a relação entre linguagem e pensamento, para Ballet, é instrumental, embora não no sentido mais forte desse termo.

2.2. Linguagem interna

Para Ballet, na medida em que no espírito humano estão presentes quatro ordens de imagens relacionadas à linguagem (a saber, a imagem auditiva das palavras, a imagem visual das palavras, a imagem motora da articulação das palavras e a imagem motora da escrita das palavras) o estudo da linguagem interna

"...se ramene donc à rechercher les caractères généraux des images de chaque groupe, et à montrer la place prépondérante ou effacée que ces images occupent dans la série des opérations intellectuelles, chez chacun de nous"
(Ballet 1888:15-6).

A questão do papel maior ou menor que cada série de imagens pode desempenhar está relacionada, como já observei antes, à tese de Ballet segundo a qual diferenças individuais determinam a possibilidade da preponderância de um desses grupos de imagens na vida mental. Essa tese decorre de dois pressupostos: (i) que haja uma predisposição individual maior para um tipo de representação, e (ii) que a experiência (a educação) tenha desenvolvido essa predisposição (ver, por exemplo, Ballet 1888:41). Assim, Ballet caracteriza e distingue psicologicamente os indivíduos 'auditivos' (isto é, aqueles em quem há predominância das imagens auditivas) dos 'visuais' e dos 'motores', e oferece uma gama bastante grande de observações introspectivas (compulsadas na literatura psicológica da época, em sua maioria) para de-

monstrar a existência desses diferentes 'modos' de operação intelectual.

(Ballet (1888:18) distingue linguagem interna e fala (fr. 'parole') interna. A linguagem interna, segundo ele, engloba tanto as representações auditivas quanto as visuais e motoras, enquanto a fala interna designa apenas a audição mental de material cuja natureza é verbal. Note-se que a fala interna é definida em termos de audição, o que está de acordo com a concepção inspecionista de pensamento (cf. 2.1); isso significa que a fala interna torna presente (para o pensamento) imagens, que são, recordemos, resíduos sensoriais, ou a memória do material linguístico de uma certa língua adquirida por um indivíduo. [16] Mais ainda, essa memória é acessível pela introspecção. Assim concebida, a fala interna apresenta certas características que poderíamos dividir em primárias e secundárias. Entre as primárias está a relação que se pode ter entre linguagem interna e externa: a primeira não é mais que um estado enfraquecido da segunda; isto é, temos dois estados sensoriais: um forte, corresponde à linguagem externa, e outro enfraquecido, correspondente à linguagem interna (cf. Ballet 1888:23). Entre as características secundárias está a de, por exemplo, variar em intensidade, segundo o indivíduo, ou a de poder conservar certas 'marcas' do meio que realiza externamente a linguagem, ou seja, o timbre, ritmo, etc. da voz.

Vamos ancorar nossa discussão sobre as características da linguagem interna na formulação de Ballet a partir da con-

cepção que fenômenos como timbre ou ritmo dela fazem parte. Considere a seguinte passagem:

"Comme la voix que nous entendons le plus souvent est la nôtre, la parole intérieure revêt d'ordinaire les caractères de notre propre parole, son timbre et son rythme. 'Ma parole intérieure, dit M. Egger, est la imitation de MA VOIX... La parole intérieure est comme une parole, et ma parole intérieure est comme ma parole'" (Ballet 1888: 25).

O argumento subjacente a essa passagem é o seguinte: (i) toda fala exterior pode ser individualizada segundo padrões que levam em conta parâmetros como ritmo, timbre, velocidade de enunciação, etc.; (ii) a sensação capta essas variações de parâmetro; (iii) a fala interna é o resíduo sensorial da fala exterior; e (iv) portanto, a fala interna de um indivíduo X tem as 'características sensoriais' (i.e. reflete as variações dos parâmetros) da linguagem exterior a que X é exposto. A variabilidade da linguagem interna em termos de intensidade, da mesma forma que a sensação que lhe dá origem, é uma outra instância de aplicação desse argumento; e, da possibilidade dessa variação, Ballet (1888:29) conclui que há duas formas distintas de fala interna, a saber, a forma *viva* (fr. 'vive') e a forma *faible* (fr. 'faible'), segundo sua intensidade seja maior ou menor. Chamemos a essa característica de 'conservação de traços da materialidade da voz'.

Aparentemente, poderíamos encarar essa característica como um tópico de curiosidade. Mas a função da distinção entre formas vivas e formas fracas de fala interna parece ser a de permitir a distinção entre os sujeito que reportam 'conservação de traços da materialidade da voz' em sua própria fala interna, por oposição àquelas que não os reportam. Isto é, características como timbre e ritmo são aparentes para aqueles em quem a fala interna reveste-se de uma certa vivacidade. É bem verdade que Ballet poderia ter-se contentado em atribuir essa divergência à introspecção. [12] Ele vai, contudo, mais longe. Em primeiro lugar, quando relata a experiência introspectiva de um sujeito classificado como 'visual', para quem a leitura interna acontece quer em termos de caracteres tipográficos, quer em termos de caligrafia (Ballet 1888:44). Em segundo lugar, quando designa as forma fracas e vivas como 'fisiológicas', isto é, pertencentes à gama de funções normais da mente humana em oposição à fala interna "forte" (Ballet 1888:30), que é um estado mórbido, patológico, na medida em que só é 'forte' a fala exterior. Nesse caso, temos a halucinação - por exemplo, as vozes ouvidas por Joana d'Arc, segundo Ballet. Em vista da proporção que esse tópico assume no texto de Ballet, não se trata de mera curiosidade, mas sim de algo mais relevante. Mas, de onde releva essa importância? Sobretudo, penso, da postulação que a linguagem interna opera fundamentalmente sobre resíduos sensoriais.

Trata-se, pois, de verificar o que se pode entender por 'resíduos sensoriais'. Observemos, antes de mais nada, que

estamos tratando de uma questão epistemológica: que lugar atribuir a sensação na estrutura do conhecimento? Aos racionalistas, sabemos, coube defender uma posição de menor destaque para a sensação; por outro lado, aos empiristas, e é de um empirista que estamos falando, coube reservar ao sensível um lugar central na estrutura do conhecimento humano. Observemos mais, que em um empirista que recorre à noção de faculdades mentais certamente poderemos encontrar ecos da doutrina lockeana para a qual o conhecimento origina-se quer das sensações externas (tanto as proporcionadas pelos órgãos dos sentidos como também a dor, o prazer, etc.), quer daquelas originadas pelos assim chamados 'sentidos internos' (como a memória, a imaginação e o *ASSOCIUM COMMUNE*). Assim, uma estimulação física dos órgãos externos dos sentidos provoca uma sensação e, ao mesmo tempo, deixa um traço, digamos psicofisiológico, na memória. Como já vimos, é a associação desses traços que constitui a imagem (ou uma das imagens) da coisa percebida. No caso da palavra ouvida, ter-se-ia, então, uma associação de traços que se relaciona com o que podemos chamar física ou materialmente de timbre, por exemplo. Vamos notar que o fenômeno mental timbre, que é uma imagem de memória em nosso exemplo, apresenta-se a um sujeito da mesma forma que o fenômeno físico timbre, isto é, como sensação. Isso garante, parece-me, uma espécie de 'isomorfismo' entre o físico e o mental - de um lado, um objeto físico que estimule os sentidos provoca o aparecimento de traços psicofisiológicos na memória que, associados, fazem surgir uma imagem sensorial que, associada a outras imagens sensoriais do mesmo objeto, faz surgir a idéia desse objeto; de outro lado, enquan-

to fenômeno mental, a idéia desse objeto apresenta-se, em sua ausência, como o conjunto de sensações por ele provocadas.

A distinção entre sensações e resíduos sensoriais na estrutura do conhecimento como concebida por Ballet pode ser melhor compreendida se a compararmos à distinção entre imaginação e percepção em Hume (ver Copleston 1964:68-74):

"Todos admitem facilmente que existe uma considerável diferença entre as percepções da mente - quando um homem sente a dor de calor excessivo ou o prazer de calor moderado - e quando depois recorda em sua memória essa sensação, ou a antecipa pela imaginação. Tais faculdades podem imitar ou copiar as percepções dos sentidos, mas nunca podem atingir inteiramente a força e vivacidade do sentimento original. [...] O pensamento mais vivo é ainda inferior à mais rude sensação" (Hume 1751 [2,113], [19])

Note a diferença estabelecida entre elementos psicológicos dotados de maior ou menor vivacidade. Essa diferença distingue impressões e idéias. [19] Impressões para Hume, equivalem às sensações para Ballet, e idéias correspondem a imagens ou idéias propriamente ditas. Note também que para Hume, da mesma forma que para Ballet, as idéias (enquanto imagens) são cópias das impressões. Mas, segundo Hume, as impressões recebidas pela mente podem reaparecer sob duas formas. Primeiro, elas podem reaparecer, como imagens, com um grau de vivacidade que é intermediário entre o das impressões e o das idéias propriamente

ditas. E a faculdade que 'repete' impressões dessa maneira é a memória. Segundo, elas podem reaparecer como cópias pouco vividas, ou seja, como idéias. E a faculdade que pode 'repetir' nossas impressões dessa maneira é a imaginação (que não deve ser entendida no sentido mais moderno do termo, mas como 'inteligência').

Porém, o grau de vivacidade não é a única diferença entre as duas formas sob as quais as impressões pode reaparecer na mente, segundo Hume. Por um lado, a memória preserva não apenas a idéia (=imagem), mas também sua ordem e posição, isto é, na memória há uma relação necessária entre as imagens entre si e entre as imagens e a sensação que lhes dá origem. Por outro, na imaginação, as idéias podem ser livremente combinadas, decompostas e recombinaadas. O princípio que governa essas (re)combinações não é mais a relação necessária de ordem e posição, mas a associação. [20] Deixando de lado a questão dos princípios que governam impressões e idéias, podemos concluir que, segundo Hume, as impressões compreendem as sensações e suas imagens, e constituem a percepção, que deve ser distinguida da imaginação, responsável pelas idéias.

Se 'traduzirmos' a distinção entre percepção e imaginação nos termos de Ballet, teremos as imagens como pertencentes ao domínio da percepção, e idéias ao da imaginação. E disso poderemos tirar várias consequências, principalmente que sendo a linguagem interna uma questão de percepção, as características que se podem a ela associar serão sempre derivadas das pro-

riedades dos objetos da sensação. Assim, como observei acima, as propriedades que identificam a audição interna são aquelas que podem ser conservadas a partir da 'materialidade' da voz, como timbre, ritmo, etc. Propriedades outras, que apesar de reveladas por essa materialidade, estão para além dela, não são acessíveis à linguagem interna. Por exemplo, fatos de estrutura da linguagem, digamos 'ordem de palavras', escapam à linguagem interna pois não são 'sensíveis'. Há aqui um problema bastante sério para essa teoria da linguagem interna: as imagens-signos são, no fim das contas, palavras. Mas palavras, da mesma forma que sua ordem, não são objetos sensíveis da natureza; isto é, para que se formem imagens-signo é preciso que a linguagem seja dada de antemão e, mais ainda, que também seja dada uma maneira de identificar seus constituintes ao menos. Isto porque, não sendo da ordem da imaginação, a linguagem interna não pode compor e decompor a matéria fônica para delimitar constituintes. No entanto, são precisamente esses constituintes que a audição interna 'percebe'.

Vejamos agora como Ballet (1988:59-66) dá conta dos indivíduos, que segundo ele são os mais frequentemente encontráveis, e que não podem ser classificados como puramente auditivos, ou visuais ou motores, e são, assim, classificados como indiferentes. Há dois temas que percorrem o curto capítulo onde o assunto é tratado; o primeiro deles relaciona-se à idéia de que os indivíduos são 'indiferentes' porque há um equilíbrio de forças entre as diversas imagens-signo que compõem a linguagem interna, e o outro de que há uma relação de subordinação entre

as diversas modalidades da linguagem interna. A contradição é apenas aparente.

O equilíbrio de forças entre as diversas imagens verbais é uma decorrência da própria teoria psicológica adotada por Ballet. Segundo ela, a prevalência de uma série de imagens sobre outras séries em termos de funcionamento mental (isto é, a função mnemotécnica da linguagem interna) é consequência de uma predisposição orgânica dos indivíduos que, contudo, pode não existir ou, existindo, pode vir a não ser desenvolvida 'par l'éducation'. Nesse último caso é fácil imaginar o exemplo de alguém cuja predisposição seja para a representação visual mas que seja analfabeto; num tal indivíduo as representações visuais e motoras da escrita estarão ausentes, e não poderá haver predominância de imagens auditivas sobre motoras da articulação, por exemplo, porque nenhuma delas é mais 'vívida' que a outra (isto é, não há nenhum outro princípio ou lei na psicologia de Ballet que pudesse justificar uma tal predominância). A conclusão que se pode tirar é que podendo qualquer das quatro modalidades de linguagem interna representar igualmente bem as idéias perante o pensamento, então a explicação do predomínio de alguma delas provém de outros princípios. Um deles é a eventual predisposição orgânica para que uma das imagens possa apresentar-se mais "vívida" perante o pensamento. Mas, quando não é possível demonstrar que esse princípio é de fato operante num caso determinado, é preciso então recorrer a outros.

Considere o seguinte:

"Les images auditives des mots sont celles que nous acquérons les premiers; et comme les autres (visuelles ou motrices) ne viennent qu'après, il s'établit d'ordinaire entre celles-ci et les images verbales auditives des rapports de dépendence qui peuvent longtemps persister" (Ballet 1888:63).

Diante da impossibilidade de consignar a predominância de uma imagem a fatores de ordem biológica (predisposição possivelmente inata para operar com imagens-signo de uma certa modalidade), Ballet apóia-se num suposto fato da aquisição da linguagem para defender a predominância da imagem verbal auditiva. Mas esse não é um fato, pura e simplesmente. Para admiti-lo como tal é necessário (ao menos implicitamente) postular-se a) que a oralidade é primitiva em relação a visualidade, e b) que a compreensão precede a expressão. Este último postulado [21] pode ser visto como uma decorrência da concepção de que o fato psicológico primitivo é a sensação e serve, na cadeia argumentativa de Ballet, para marcar as modalidades motoras (escrita e articulação) como secundárias ou derivadas, uma idéia de resto comum no empirismo não-associacionista. Neste sentido, não podemos a rigor falar de um princípio adicional e, com efeito, Ballet (1888:63-64) não tem problemas para apoiar-se na idéia de que a perda das representações auditivas acarreta distúrbios na evocação das imagens motoras da articulação. Por exemplo, imagine um indivíduo cuja linguagem interna seja predominante ou exclusivamente auditiva (um 'auditivo' na classificação de Ballet) - se ele tornar-se afásico, não terá apenas problemas

de compreensão oral, mas também de expressão (cf. Ballet 1888:91) porque, afinal de contas, o movimento é um construto psicológico derivado da sensação.

O primeiro postulado, no entanto, é autônomo em relação tanto à hipótese sobre a linguagem interna defendida por Ballet quanto à sua via de análise psicológica. A prioridade da fala, na linguística moderna, é vista quase como um truismo e, frequentemente, é discutida em relação àquilo que Lyons (1968: 9) chama de 'a falácia classicista', isto é, em relação à concepção grega de que os estudos da linguagem concernem, antes de mais nada, à escrita. Por oposição a essa falácia, o linguísta atual sustenta que a escrita é uma representação da fala. Não podemos aqui discutir essa questão. Em vez disso, vamos verificar como essa concepção aparece no interior do sistema de ideias que estamos estudando. Em primeiro lugar, vejamos como a própria noção de que a escrita é uma representação da fala figura na obra de Ballet. Em segundo, mais adiante, veremos a que tipo de teoria sobre a linguagem essa concepção pode nos levar.

Ao estabelecer a diferença entre o papel das imagens auditivas e visuais na vida mental, ele diz:

"Les représentations auditives sont, nous l'avons vu, surtout des représentations de signes, c'est-à-dire de mots entendus. Les représentations visuelles, au contraire, sont par essence, représentations de choses, exceptionnellement représentations de mots" (Ballet 1888:39-40).

Para simplificar nossa discussão, vamos assumir que a expressão *representação*, no contexto da passagem acima, pode ser assimilada à expressão *imagem*. A distinção que se estabelece entre *imagens* (simplesmente) - aí compreendidas as *imagens visuais* - e as *imagens-signo* auditivas não deixa dúvida quanto ao fato de que ela (a distinção) não se explica no interior de uma teoria das *imagens mentais*. Indicativo disso é a qualificação aplicada às *imagens auditivas* quando se diz que elas relacionam-se a *signos*: *imagens auditivas são sobretudo imagens-signo, são imagens de notas-entendidas*. Isto é, as *imagens auditivas* não são *significativas* em si mesmas, mas apenas na medida em que são *imagens* com função linguística e sobretudo na medida em que são uma questão de fala que se deixa apreender como *signos* (da mesma forma que o 'mundo das coisas' é sobretudo uma questão de *coisas* ou *objetos* que se deixam apreender sob a forma de *imagens visuais*).

Estabelece-se pois uma hierarquia na qual a *imagem-signo* auditiva ocupa a posição mais alta. Falta, porém, especificar sob quais princípios essa hierarquia poderia estabelecer-se. E isso Ballet não faz. Admitida, porém, a hierarquia (mesmo que apenas no adulto e, portanto, como resultado de algum princípio de aprendizagem), Ballet já não poderá tão facilmente adotar a perspectiva de que a função da linguagem interna (de cada uma de suas modalidades) é apresentar as idéias ao pensamento. Se introduzirmos a concepção de que essas modalidades podem ser hierarquizadas, então teremos que admitir que, pelo

menos no adulto, existirá uma representação (=uma modalidade de linguagem interna) sobre a qual estruturam-se outras representações (as outras modalidades). Ballet (1888:31) parece, na verdade, reconhecer isso quando diz que a audição mental é a mais importante das modalidades e que, em certas medida, todos somos 'auditivos'. Isto é, embora tenha proposto inicialmente uma teoria psicológica das funções da linguagem face ao pensamento que prevê quatro tipos de linguagem interna e, portanto, quatro tipos (psicológicos) de funcionamento mental humano, ele acaba por privilegiar um desses tipos. E o resultado desse privilégio é ter que aceitar que uma das modalidades tem uma relação mais estreita com o pensamento, a saber, a audição mental. Mas se for assim, essa relação mais estreita é misteriosa na teoria de Ballet, no sentido em que é impossível explicá-la com base nos mesmos princípios psicológicos básicos inicialmente adotados. A saída é adotar um princípio externo adicional, a saber, que a primazia da audição interna decorre da primazia da fala sobre a escrita (e da compreensão sobre a expressão).

Esse princípio adicional, para cujos contornos (ainda que imprecisos) as formulações de Ballet apontam é, sem dúvida, de natureza linguística. Em outras palavras, Ballet explicitamente adota uma hipótese auxiliar [22] sobre a mente humana, mas apenas implicitamente aponta para uma hipótese linguística, sobre cuja forma e natureza, contudo, podemos inferir, como acabamos de ver, que terá de tomar como ponto-de-partida a oralidade.

Em resumo, podemos ver que a teoria de Ballet sobre a linguagem interna apresenta várias inconsistências e pontos obscuros. O principal deles é talvez o de que para a formação de imagens-signo uma língua tem que ser previamente dada; contudo, saber uma língua é dispor da capacidade de seguir suas regras, o que é uma capacidade mentalmente representada, segundo Chomsky (1981:14) - e essa representação não faz parte da concepção de linguagem interna de Ballet. Um outro ponto, senão obscuro pelo menos controverso, é a postulação de Ballet sobre a existência de centros cerebrais dotados de uma predisposição inata para representar certo tipo de imagem. Isso, combinado com outras observações (como a da função mnemotécnica da linguagem), poderia fazer supor que Ballet não faz uma opção muito forte pelo empirismo. Mas isso seria um equívoco: o caráter estritamente sensacionista das imagens-signo é certamente um argumento muito mais forte na direção de um compromisso empirista. Apesar dessas inconsistências (e outras, que não comentaremos), podemos concluir, no que concerne à relação entre linguagem e pensamento, a) que da mesma forma que para Broca, a linguagem é representada mentalmente como uma 'faculdade' específica, e b) que essa faculdade desempenha uma função instrumental frente ao pensamento.

2.3. Afasia e Linguagem Interna

Vejamos agora como Ballet explica a afasia em termos de sua concepção de linguagem interna. Após tê-la caracterizado como vimos acima, Ballet propõe que

"L'aphasie n'est pas autre chose, en effet, nous nous efforcerons de le montrer, qu'une alteration complète ou incomplète de l'une ou de plusieurs des modalités du langage intérieur" (Ballet 1888: 16).

A afasia, portanto, explica-se em termos da linguagem interna. Por exemplo, o paciente acometido de um certo tipo de lesão do sistema nervoso central torna-se, virtualmente, mudo e essa condição é explicada pelo comprometimento de uma das modalidades da linguagem interna, ou seja, pelo desaparecimento das imagens motoras da articulação das palavras, que, assume-se, 'residem' na área lesada do sistema nervoso central.

É importante notar que o distúrbio da linguagem interna é a única maneira de explicar distúrbios afásicos, no contexto teórico desenvolvido por Ballet. Com efeito, a afasia

"est un syndrome caractérisée par la 'diminution...ou perversion...de la faculté normale d'exécuter les idées...par des...signes...conventionnels ou de...comprendre...ces...signes, malgré...la persistance d'un degré suffisant...d'intelligence et malgré...l'intégrité des appareils sensoriels...nerveux et...musculaires...qui...servent à...l'expression...ou...à...la perception de ces signes'" (Ballet 1888:68).

Essa definição da afasia assenta-se sobre uma cadeia de três teses. A principal delas, que poderíamos chamar de 'tese da na-

tureza da afasia', compõe-se de duas afirmações: a) uma definição de linguagem em que sobressaem dois elementos, a saber, que sua função é exprimir idéias por meio de signos convencionais e que a ela subjaz uma faculdade (a linguagem interna); e b) uma caracterização da afasia como um comprometimento (total ou parcial) dessa faculdade. A segunda tese, que poderíamos chamar de 'tese dos mecanismos subsidiários' afirma a) que existem mecanismos nervosos, sensoriais e musculares (motores) que servem a expressão e/ou percepção de signos, e b) que distúrbios desses mecanismos não implicam distúrbios afásicos. Finalmente, a terceira tese, que chamaríamos de 'tese da relação entre as faculdades', sustenta que a) inteligência (e, acrescentaríamos, outras faculdades) estão implicadas na produção e/ou percepção da linguagem, e b) o distúrbio dessas faculdades não acarreta distúrbio afásico.

Dessa três teses, apenas a primeira tem uma função explicativa em relação à afasia (afasia = distúrbio da linguagem interna). Quanto às outras, embora de certo modo atestem a complexidade do assunto, a afasia, servem mais para nos informar do que ela não é. As duas últimas teses revelam, de imediato, que de um ponto-de-vista neuropsicolinguístico (para lançar mão de uma designação abrangente) a linguagem é vista como um fenômeno complexo, que relaciona-se a outras faculdades mentais e outros mecanismos psicofisiológicos distintos da suposta faculdade específica da linguagem (ou linguagem interna). Naturalmente essa complexidade neuropsicológica da linguagem acarreta a necessidade de princípios que permitam um diagnóstico (e,

portanto, uma interpretação) diferencial dos vários distúrbios de linguagem. Assim, a deficiência auditiva, por exemplo, pode ser explicada por distúrbios dos mecanismos, chamemos assim, periféricos (e.g., a impossibilidade de condução do estímulo sensorial auditivo pelo décimo-segundo par craniano), mas não por distúrbio da faculdade da linguagem, muito embora a deficiência auditiva acarrete problemas de comportamento linguístico.

Antes de verificarmos como Ballet explica a afasia por meio do conceito de linguagem interna, consideremos por um momento as duas teses subsidiárias de sua definição de afasia, e suas conseqüências teóricas. Vejamos mais um exemplo relacionado à segunda tese que, de modo a sugerir a generalidade do argumento, vou emprestar de um autor mais moderno. Lord Brain (1980) discute o conceito de 'mudez verbal pura' e indaga se ele pode ser propriamente considerado como uma síndrome afásica. A mudex verbal pura é caracterizada, segundo ele, pela perda do uso voluntário da linguagem, pela incapacidade de repetir palavras ouvidas e pela incapacidade de ler em voz alta. Conservam-se a linguagem interna (sic), a escrita espontânea e sob ditado, a cópia de caracteres escritos e a compreensão da linguagem escrita e falada. Pergunta ele:

"Si debemos incluirla o no entre las afasias, depende de como definamos a estas. Como deterioro de la función limitado a um modo de expresión simbólica puede ser considerada justamente una afasia. Algunos autores, sin embargo, co-

mo no está afectado el lenguaje interior, la clasificamos como una anartria. Desde que los músculos de la articulación conservan su normalidad, en su capacidad de efectuar otros movimientos aparte de los necesarios para el habla, la mudez verbal pura debe ser considerada, entonces, una anartria apraxica* (Brain 1980:119).

A anartria apráxica, ou simplesmente disartria, é portanto uma condição em que não se verifica nenhuma perturbação da construção e emprego da linguagem (cf. Brain 1980:125); consequentemente, não se trata de um distúrbio afásico. Assim, não estão compreendidos na afasia problemas puramente expressivos ou articulatórios. É claro que Lord Brain não explica a afasia exclusivamente em termos de perturbação da linguagem interna, como Ballet. Mas é claro também que sua explicação da afasia contempla, como um traço essencial, a 'construção e uso' da linguagem, e não apenas sua expressão a nível articulatório. Isto é, tanto Ballet quanto Brain postulam a existência de dois níveis de afecção da fala, um devido ao funcionamento de, chamemos assim, funções mentais superiores (a linguagem interna ou o uso e construção da linguagem), e outro devido ao funcionamento de mecanismos 'periféricos'. Nesse sentido, a similitude das propostas de Brain com a segunda tese de Ballet é flagrante: a compreensão e a produção da linguagem são fenômenos complexos, em que se deve ao menos distinguir entre uma capacidade de construir e usar signos linguísticos e os mecanismos psicofisiológicos da fala.

A função da terceira tese é também a de sublinhar a complexidade do estudo da afasia, e se apresenta como um princípio de diagnóstico diferencial (tal como a segunda tese) pelo qual se pode distinguir entre problemas de comportamento verbal decorrentes de perturbação mental, por exemplo, e problemas de comportamento verbal decorrentes de afasia. Há, porém, um problema.

"Ce qui a de l'intérêt au point de vue psychologique, c'est de savoir dans quelle mesure les désordres du langage viennent, en tant que désordres du langage, gêner le libre jeu de l'intelligence..." (Ballet 1888:70).

Essa questão mostra que o relevante não é o diagnóstico diferencial de problemas afásicos e intelectuais. Bem ao contrário, o que importa é estabelecer qual a relação entre distúrbios afásicos e o pensamento. E se, como vimos na seção anterior, a linguagem tem um papel psicotécnico em relação ao pensamento, isto é, se o papel da linguagem interna é o fixar e apresentar idéias ao pensamento, então uma perturbação afásica necessariamente acarreta distúrbios de pensamento.

Mas Ballet não tira essa consequência de suas formulações psicológicas iniciais. Ao contrário, apesar de reconhecer o fato empiricamente observável de que existe um comprometimento de inteligência associado à afasia (Ballet 1888:70-71), ele recorre a uma saída metodológica: as lesões afásicas são, em geral, múltiplas e difusas, comprometendo um grande área do

sistema nervoso central; assim, para resolver a questão da relação da afasia com a inteligência será preciso recorrer a observação de casos 'puros', não contaminados por desordens de outros gêneros. Embora o recurso a essa questão de método possa parecer prudente, dado o estado ainda embrionário dos estudos afásicos na época, ele é muito mais uma indicação de que Ballet acabou por sucumbir à concepção de que a organização do sistema nervoso central no que concerne a linguagem implica apenas processos sensoriais e motores, que então estava firmando-se na afasiologia. [21]

Essa concepção, que se inicia com o estudo fisiológico de Frisch e Hitzig (1870) sobre a localização de 'centros' motores no sistema nervoso central de animais em laboratório, foi formulada inicialmente por Wernicke (1874) [22] e pode ser assim resumida: i) a linguagem e pensamento são originalmente distintos; e, ii) o aspecto constitutivo da linguagem não é o conceitual, isto é, não é a relação entre o signo e o conceito, mas a organização cerebral que coloca em relação as imagens verbais auditivas e motoras. Uma tal interpretação, que coloca lado a lado concepções associacionistas e localizacionistas faz da linguagem um sistema estático de traços depositados no cortex cerebral (Cazayus 1977:29), e que nada tem a ver com o pensamento. Assim, a hesitação de Ballet em assumir as consequências de sua teoria psicológica poderia ser interpretada, no quadro acima esboçado, como a incorporação acrítica das doutrinas afasiológicas então vigentes. O resultado é pelo menos inconsistente para sua teoria da relação entre linguagem interna

e afasia, na medida em que a função psicotécnica da linguagem interna frente ao pensamento (que vimos ser um de seus traços constitutivos) é deixada de lado na explicação do fato empírico de que existem distúrbios de pensamento associados à afasia.

Voltemos agora nossa atenção para a primeira das teses, aquela que fornece uma definição 'positiva' da afasia, isto é, daquilo que ela é: a afasia é uma consequência de distúrbios da linguagem interna. Como vimos anteriormente, a linguagem interna enquanto teoria acerca da faculdade da linguagem, é um complexo de componentes dotados de função e conteúdos específicos. O quadro abaixo resume as relações entre cada um desses componentes e as diversas formas do distúrbio afásicos:

Função/Conteúdo	Forma da Afasia
AUDIÇÃO/imagens verbais auditivas	Surdez Verbal
LEITURA/imagens verbais visuais	Cegueira Verbal
FALA/imagens verbais motoras (articulação)	Afasia Motora
ESCRITA/imagens verbais motoras (escrita)	Agrafia

Às duas primeiras formas de linguagem interna Ballet denomina funções 'centrípetas' ou de recepção; às as duas últimas denomina funções 'centrífugas' ou de transmissão. Aqui, mais uma vez, pode-se ver a influência da teoria da associação entre o motor e o sensorial, uma doutrina cujos remanescentes ainda hoje vigoram no estudo da afasia, sob a forma da distinção entre afasias de compreensão e de produção. [23]

A fim de melhor verificar como se estabelecem essas relações binárias entre formas da linguagem interna e formas da afasia, vamos escolher como exemplo a surdez verbal. Ballet (1888:72) distingue três diferentes níveis de surdez. À primeira, por ele chamada *surdez_cerebral*, define-se como essencialmente sensorial, isto é, pela deficiência ou impossibilidade de o sujeito experimentar qualquer sensação sonora. À segunda, *surdez_cortical*, define-se como a incapacidade de formar imagens de natureza auditiva, embora o sujeito não tenha deficiência, por exemplo, à nível dos órgãos periféricos da audição. O que distingue essas duas formas de surdez é o fato de uma ser de origem sensorial, enquanto a outra relaciona-se a algum distúrbio da áreas auditivas primárias do cortex. A terceira forma de surdez, aquela que nos interessa mais de perto, é a *surdez verbal* ou *surdez_das_palavras*. Trata-se da incapacidade de formar imagens-signo, isto é, da incapacidade de 'lidar' auditivamente com material verbal.

Além dos níveis de comprometimento das imagens verbais, Ballet (1888:76) distingue duas formas de comprometimento: a surdez e a amnésia. À primeira define-se pela perda das imagens verbais auditivas, isto é, não existem, ou perderam-se, as imagens-signo auditivas que evocam idéias. [24] A amnésia, por sua vez, consiste quase que no problema oposto, isto é, na incapacidade de evocar a palavra a partir de uma idéia. [25] Não existe, a rigor, oposição porque o sujeito que tem surdez verbal auditiva exhibe concomitantemente deficiência de compre-

ensão verbal oral, enquanto o amnésico não tem problemas desse tipo. Isso quer dizer que ao surdo (i.e. o paciente que tem surdez verbal como definida por Ballet) faltam *imagens-signos*, enquanto ao amnésico falta a relação entre *imagens-signos* e idéias. O primeiro será portanto incapaz de compreender o que se lhe fala, mas o segundo, uma vez que o que se lhe fala pode restabelecer a relação ausente, exhibe compreensão oral. O problema do amnésico, portanto, é de *produção*, e não de *compreensão*.

Ballet estuda mais demoradamente a surdez verbal auditiva que corresponde à *afasia sequencial* como definida por Wernicke (1874). Em resumo, o que Ballet propõe com relação a surdez verbal é que ela pode ser uma questão de grau, isto é, haveria casos em que a surdez é completa, e outros em que ela é apenas parcial. Relativamente a essas últimas Ballet afirma que a compreensão é às vezes possível se, por exemplo, ao perguntar-se ao paciente o que é um garfo, concomitantemente se lhe for mostrado o objeto garfo. Outra maneira de obter compreensão (e uma conseqüente resposta apropriada - cf Ballet 1888:93) seria através da escrita, isto é, frente a uma pergunta oral secundada por sua reprodução por escrito, o paciente poderá compreender a pergunta e produzir uma resposta adequada. Ballet praticamente não oferece exemplos de situações desse tipo, mas a interpreta da seguinte maneira:

"Il faut pour cela que la destruction du centre de las représentations auditives ne soit pas absolue et que ce

centre conserve encore les images à l'état latent. La combinaison de l'impression visuelle à l'impression auditive peut, dans quelques cas, faire ce que la seconde de ces impressions est à elle seule insuffisante à réaliser" (Ballet 1888:89).

Isto é, a apresentação concomitante de imagens de um tipo pode evocar as imagens latentes de outro tipo, na linguagem interna. Quer me parecer que a interpretação de Ballet é, em linhas gerais, reveladora das extremas limitações de sua visão dos fenômenos linguísticos e psicológicos. Por 'limitações' refiro-me aqui à crítica de Cazayus, acima mencionada, segundo a qual o empirismo localizacionista faz da linguagem um sistema estático de traços depositados no cérebro.

Para facilitar nossa tarefa, vamos analisar um exemplo de um paciente cujo diagnóstico tomográfico revela uma área de infarto cerebral temporo-parieto-occipital esquerdo. [26] Entre os problemas apresentados por esse paciente estão um severo agramatismo com acentuadas dificuldades de leitura. Procurarei mostrar a possível interpretação de Ballet e, em seguida, mostrarei como é preciso postular a existência de algo mais do que imagens latentes de modo a tornar possível uma explicação do comportamento desse paciente. No exemplo, adotam-se as seguintes convenções: P= sujeito afásico; I= interlocutor; []= contexto; / /= transcrição fonológica aproximada.

[P leu uma notícia de jornal e procura reproduzir alguns de seus tópicos para I. A notícia dizia respeito a uma manifestação de moradores de um edifício, chamado San Marcello, com o fim de que as autoridades municipais colocassem obstáculos de trânsito em frente ao edifício].

[1] I - O que fala esta notícia? O que ela fala?

[2] P - Trânsito, né? Tá meio... Trânsito, e, como chama isso?
...Protesto...o que mais, meu Deus?

[3] I - Prá fazer o que?

[4] P - É...é...como chama?...Construção, não é construção...é outro, é...

[5] I - Construção do que? De uma...

[6] P - Construção não, é outro é...

[7] I - Construção sim. Porque não pode ser uma construção?
Uma lom... [prompting]

[8] P - Lombada.

[9] I - Lombada, isso.

[10] P - O outro é...

[11] I - Construção de uma lombada aonde?

[12] P - Moradores.

[13] I - De que edifício?

[14] P - Ma...Ma/s/... [lendo]

[15] I - Mar... [prompting]

[16] P - Mar...Mar /s/

[17] I - Nome de seu sobrinho.

Mar /s/...[prompting]

[18] P - Marcelo.

Nos termos de Ballet, a dificuldade de leitura de P seria interpretada como algum tipo de 'desaparecimento' quase completo das imagens verbais visuais, embora uma parte delas possa ter ficado 'latente'. Podemos imaginar que Ballet diria que, entre [14] e [18] o 'prompting' é uma forma de auditivamente apresentar pistas para que o sujeito consiga reavivar a imagem visual latente dessa palavra. É certo que, modernamente, não se interpretaria a função do 'prompting' dessa forma - ele é antes visto como uma maneira de fornecer pistas para que o sujeito suplante seus problemas motores. E P de fato apresenta problemas motores: dada a paralexia em [14] - isto é, o aparecimento de um segmento fonológico /s/ seguindo a /a/, quando o grafema que se segue na palavra *Marcello* é um c - indicaria provavelmente que também as imagens motoras da articulação encontram-se afetadas. Mas, para simplificar nosso argumento, vamos ignorar esse segundo componente do distúrbio afásico de P.

Mas aqui começam os problemas dessa visão da mente e da linguagem interna. A pergunta que, penso, deve-se fazer agora tem a ver com os princípios necessários para explicar a associação entre imagens verbais, digamos, auditivas e visuais. A pergunta é pertinente porque o que está em jogo nesse diálogo é uma questão de ambiguidade lexical. Como em [15] o 'prompting' não surtiu o efeito desejado, em [17] a investigadora o repete, porém precedido de uma informação que aponta para um sentido da palavra *marcello* que não corresponde ao do contexto imediatamente precedente. Mas, a partir de [17] P consegue chegar à pala-

vra procurada, e o diálogo então continua. Não me parece que a resposta associacionista mais tradicional, envolvendo o recurso a princípios como o hábito, da associação por contiguidade, etc., possa explicar como o sujeito teria escolhido o sentido relacionado a nome_do_edifício e não a nome_de_um_paciente. Parece-me que a única maneira de dar conta do jogo linguístico entre P e a investigadora (em [17] e [18]) é dizer que P foi capaz de computar pragmaticamente um sentido para a enunciação da investigadora em termos de algo como trata-se-da-mesma-palavra-que-designa-seu-sobrinho. [27] O que é importante ressaltar é que esse cálculo não leva em conta 'imagens' verbais (latentes ou não); ao contrário, trata-se de considerar aspectos estruturais e do uso da linguagem, que a concepção de linguagem interna tal como proposta por Ballet deixa escapar completamente.

Em resumo, há uma crítica importante a ser feita à concepção de que a noção de linguagem interna, como a formula Ballet, explica os fenômenos afásicos. Isto é, há fenômenos afásicos que não podem ser explicados pela hipótese sustentada por Ballet. O fulcro dessa crítica não é, porém, apenas a noção de linguagem interna, mas também a concepção de linguagem implicada pelo conceito de linguagem interna. Explico. Como já notei antes, a linguagem, para Ballet, resume-se a palavras e, como tal não se pode esperar que sua hipótese dê conta de questões que envolvam interpretação pragmática, estruturação sintática, interpretação fonológica [28], etc. Nesse sentido, o exemplo acima é pouco caridoso. No entanto, uma teoria da lin-

guagem cuja pedra de toque é uma semântica das palavras teria que explicar, pelo menos, casos de ambiguidade lexical, como o do exemplo. Mas isso, nem a teoria de linguagem, nem a hipótese da linguagem interna de Ballet o fazem.

Concluindo, podemos dizer que a doutrina da afasia a que se vincula Ballet pouco tem a ver com suas concepções psicológicas em geral, e com sua noção de linguagem interna em particular. Especialmente importante nesse sentido é o literal 'abandono' da idéia que a linguagem interna desenvolve um papel psicotécnico em relação ao pensamento e também que a adoção da perspectiva de que o que há de mental na linguagem é sua representação em termos de imagens sensoriais apenas. Muito empobrecido fica, assim, um dos pontos que tomamos como iniciais em nossa investigação, ou seja, que o conceito de linguagem interna é uma maneira de conceber a relação entre pensamento e linguagem no estudo da afasia. Para Ballet, essa relação não é mais que a de representação mental de imagens sensoriais.

3. Orientação

Analisamos neste capítulo alguns dados da história inicial da afasia, com o objetivo de estabelecer os contornos da concepção de linguagem interna como uma maneira de equacionar a relação entre pensamento e linguagem no estudo da afasia. Descobrimos, nesse percurso, que a linguagem interna é vista como uma representação mental de conteúdos especificamente linguísticos que exibe uma função instrumental em relação ao pen-

samento, que ela é vista como uma composição de imagens sensoriais cujas características refletem as características dos 'objetos sensíveis' (as palavras) que lhes dão origem, etc. A seguinte lista apresenta as propriedades relevantes (no sentido de Achinstein; ver capítulo dois) para uma definição de linguagem interna a partir da análise do livro de Ballet:

- b1 - Existe uma representação específica da linguagem em termos de imagens sensoriais (=imagens-signo);
- b2 - As imagens-signo fixam idéias e as evocam para o pensamento, i.e., elas tem uma função menmotécnica;
- b3 - As imagens-signo definem-se em termos de modalidades sensoriais: elas podem ser auditivas, visuais, motoras da articulação e motoras gráficas (escrita);
- b4 - As imagens-signo definem-se em termos de palavras;
- b5 - Os diversos tipos de afasia definem-se como o distúrbio (total ou parcial) de cada uma das modalidades das imagens-signo;
- b6 - As imagens-signo auditiva são hierarquicamente superiores às outras;
- b7 - As imagens-signo são da ordem dos fenômenos perceptuais, e por isso são passíveis de descrição em termos dos parâme-

tros físicos que definem os estímulos sensoriais que lhes dão origem;

- b8 - Há uma predisposição inata para a especialização de áreas do sistema nervoso central; e,
- b9 - A predisposição inata para a especialização de áreas não é uniforme entre os indivíduos da espécie humana no que concerne imagens-signos, de modo que a especialização para uma das modalidades pode ser mais desenvolvida em alguns indivíduos.

Com base nisso podemos fazer algumas observações. A primeira é que nessa lista há propriedades semanticamente relevantes, e outras não semanticamente relevantes (por exemplo, b8 e b9).

A propriedade de especificidade (b1) é semanticamente relevante para a definição de linguagem interna no sentido em que os autores que estudamos não tomam como um distúrbio da linguagem interna qualquer perturbação de representações mentais que não possam ser definidas por seu conteúdo específico, ou seja, a própria linguagem. Assim, para tomar em exemplo de Ballet, somente haverá problemas relacionados com a linguagem interna se a lesão provocadora da afasia desarranjar as 'imagens auditivas verbais'. Isto é, frente a um distúrbio (idealizado, em nosso caso) em que não há paresia dos órgãos fonarticulatórios, mas mesmo assim o paciente não consegue expres-

sar-se oralmente, devemos imaginar que há um problema com a linguagem, ou sua representação mental, e não com os músculos oro-faciais. Ao contrário, se há paresia e concomitantemente não há deficiência de linguagem [22], então se diz que os problemas são puramente motores. Portanto, são fatores da ordem da representação exclusivamente linguística que definem a linguagem interna. Provavelmente pode-se interpretar o problema clínico do diagnóstico diferencial entre afasia, apraxia e agnosia como uma manifestação da relevância da especificidade da 'faculdade' da linguagem para a definição da afasia (e, consequentemente, para aqueles que fazem uso do conceito, da linguagem interna). Já a propriedade da especialização de áreas corticais (b2) é não semanticamente relevante: a existência de especialização à nível do substrato material da mente indica a existência de uma outra propriedade de especialização (b1) que, esta sim, conta por si mesma para definir o conceito de linguagem interna na concepção de Ballet.

Uma segunda observação diz respeito aquilo que identificamos, no primeiro capítulo, como problemas conceituais nos estudos da afasia. No caso do conceito de linguagem interna, esse problema revela-se, como temos insistido, por um literal abandono do conceito como ferramenta explicativa da afasia. Se, porém, observamos a lista de propriedades do conceito segundo Ballet, e aceitarmos que algumas delas são semanticamente relevantes, e outras não, podemos entender essa situação de uma forma diferente. Minha hipótese é que no desenvolvimento do estudo da afasia em geral e da linguagem interna em particular,

colocou-se ênfase demasiada em certas propriedades semanticamente relevantes. Podemos exemplificar com a propriedade p_4 , isto é, que a linguagem interna define-se por uma semântica das palavras. Não é difícil verificar que essa perspectiva é inadequada ou insuficiente para dar conta de variados fenômenos afásicos (como aliás apontamos). Como base nisso, poderíamos rejeitar o conceito de linguagem interna como inadequado ou insuficiente para descrever os problemas linguísticos da afasia. Mas essa não é uma conclusão legítima porque atribui um excesso de importância (ou centralidade, nos termos de Achinstein) a uma propriedade relativamente 'menor' no quadro de todas as propriedades do conceito segundo Ballet. Assim, só poderíamos 'descartar' o conceito se pudessemos encontrar argumentos contra as propriedades semanticamente relevantes 'centrais'.

Uma terceira observação, ainda em relação aos problemas conceituais, é que o conjunto das propriedades do conceito como concebido por Ballet é uma expressão de compromissos que definem o estatuto ontológico e epistemológico do conceito. Como exemplo, veja que a propriedade p_2 espelha o compromisso sensacionista de Ballet. Sendo assim, através de listas como esta poderemos estudar as mudanças conceituais que aconteceram ao longo da história da afasia. Esse é um ponto fundamental, que será retomado no capítulo final: a chave para se entender mudanças conceituais está na alteração, inclusão ou eliminação de propriedades relevantes dessa lista.

No capítulo quatro procurarei mostrar que algumas dessas propriedades da linguagem interna estão presentes em outros momentos da história da afasia. Em especial, procurarei mostrar que propriedades como b_1 e b_2 estão presentes em todas as listas de propriedades que vamos compor neste trabalho. Sendo isso verdade, teremos identificado a pré-ideia (no sentido de Fleck - ver cap. 2) que subjaz ao conceito de linguagem interna. É bem verdade que por ora nossa investigação ocupa-se apenas do conceito em 'coletividades de pensamento' científicas (para usar outro conceito de Fleck). Fica em aberto, pois, a questão de saber se essa pré-ideia existe em coletividades de pensamento não-científicas. De qualquer modo, isso não é um impedimento ao nosso trabalho, uma vez que, de acordo com o próprio Fleck, é possível que conceitos surjam apenas em coletividades científicas e, a partir de sua gênese, passem a circular inter-coletivamente.

NOTÍAS

1. A importância das descobertas de Broca na história da afasia pode ser avaliada pela seguinte passagem, que diz respeito, primariamente, à hipótese da localização: "Marc Dax of Sommieres had, it is true, nearly thirty years before, brought forward this hypothesis at a meeting in Montpellier; but the suggestion passed unnoticed until his son presented a Mémoire on this subject to the Académie de Medicine in 1864. He seems to have been entirely ignorant of Broca's work, and the sort of material he offered in proof was not up to the anatomical Knowledge of the day" (Head 1926:28). Isto é, o sucesso das idéias de Broca estão mais no feliz pareamento de observações clínicas detalhadas com rigorosas descobertas anatômicas, e não na prioridade de suas descobertas. A repercussão das idéias de Broca foi assim avaliada: "These communications produced the greatest excitement in medical world of Paris. They were specially selected for comment by the Secretary of the Société Anatomique, in his Annual Report for the year 1861. Bouillaud and his son-in-law, Auburtin, greeted Broca as a convert to their doctrines. Localisation of speech became a political question; the older Conservative school, haunted by the bogey of phrenology, clung to the conception that the brain 'acted as a whole'; whilst the young Liberals and Republicans passionately favoured the view that different functions were exercised by the various portions of

the cerebral hemispheres. During the next few years every medical authority took one side or other in the question" (Head 1926: 25). Veja Greenblatt (1984) para uma opinião diferente.

2. Em muitos aspectos, de fato, a história do localizacionismo confunde-se com a história da afasia. Por exemplo, Henry Head começa a primeira parte (histórica) de seu livro dizendo que "the evolution of our knowledge of cerebral localization is one of the most astonishing stories in the history of medicine" (Head 1926:1). E, algumas páginas adiante, ao comentar o papel de Broca na história da afasia, escreve: "It is customary to speak of Broca's discovery as if it came as a clap of thunder from the clear sky; this was by no means the case. In 1861, the air was again full of the localisation of cerebral functions, and this question was liable to crop up with any excuse, in scientific discussions" (Head 1926:17).

3. Veja nota 4, e Broca (1865; em Hécaen & Dubois 1969: 108-121). Considere o seguinte: "Mais ce n'est ni dans les muscles, ni dans les nerfs moteurs, ni dans les organes cérébraux moteurs tels que le couches optiques ou les corps striés, que git le phénomène essentiel du langage articulé" (Hécaen & Dubois 1969:113-114). Se a faculdade da linguagem articulada não se encontra nos mecanismos periféricos (orais) e nem na substância branca, segue-se que ela está localizada nos hemisférios cerebrais. Portanto, de acordo com Broca, ela é mental!

4. "On peut donc se demander si l'aphémie ne serait pas une espèce d'ataxie locomotrice limitée aux muscles de l'articulation des sons, et, s'il en était ainsi, la faculté que les malades ont perdue ne serait pas une faculté intellectuelle, c'est-à-dire une faculté appartenant à la partie pensante du cerveau, ce ne serait qu'en cas particulier de la faculté générale de coordination des actions musculaires, faculté qui dépend de la partie motrice des centres nerveux" (Hécaen & Dubois 1969:66-67).

5. Escrevo "em alguma medida" porque a velha escola conservadora, seguindo Flourens, ainda apega-se à idéia de um papel unitário do cérebro, e portanto duvido que subscrevessem uma psicologia das faculdades. Ainda mais importante, como mostra Greenblatt (1984), as sementes para uma mudança de paradigma já estavam lançadas.

6. Uma quinta suposição, acoplada as que já mencionei, levava à 'craniologia': "And as the organs and their localities can be determined by observation only, it is also necessary that the form of the head or cranium should represent, in most cases, the form of the brain, and should suggest various means to ascertain the fundamental qualities and faculties, and the seat of their organs" (Gall 1835, citado in Young 1970:12).

7. A metodologia de observação psicológica de Gall é um tópico interessante em si mesmo, na medida em que é um dos primeiros sistemas empíricos na história da psicologia: "His first, physiognomical interest, having found an ally in physiology and psychology, could best be developed by framing a scheme of psychology that was based upon the objective data derived directly from observation of particular individuals in life situations. Such procedure was indeed forced upon Gall by his assumption of a correlation between behavior and its multiple seat in the brain. If many powers were to be localized, different individuals must show significant differences in particular powers, both in respect to cerebral formation and behavioral manifestation. Gall therefore devised a controlled technique which consisted in observing 'all the faculties in their excessive activity' as manifested in 'persons who were distinguished from other men by some eminent quality or faculty'; in the method of 'counter proof' with persons deficient in the quality, and in assembling 'many facts, observed under varied circumstances'" (Spoerl 1936:218; citações de Gall retiradas de Gall 1835, III: 107,112 e Gall 1835, IV: 1,26).

8. "...having proposed the concept of function as an alternative to the old faculty view, he [Gall] retreats into the latter in his detailed psychology. To be sure, his faculties are of a new kind, given their functional

framework, but they are faculties none the less, and his detailed psychology suffers from all the defects of the faculty view" (Young 1970:21). A principal crítica à noção de faculdade é que ela é circular: as faculdades seriam apenas conceitos de classes ficticiamente investidos de realidade, de modo que perguntas transformam-se em respostas. Portanto, termos descritivos são hipostatizados, e adquirem qualidades de agentes, causas ou poderes ocultos. A psicologia das faculdades confunde conceitos classificatórios de certos comportamentos relacionados, com a causa desses comportamentos.

9. A posição de Gilbert Ballet nessa tradição é bastante modesta. No entanto, seu livro pode ser visto como um 'ponto focal' porque nele figuram os grandes nomes e as grandes linhas dessa tradição, num dos poucos documentos históricos em que se reconhece a influência desses nomes e dessas linhas sobre o estudo da afasia. Por exemplo, Ballet discute a 'fala interna' (que ele distingue da 'linguagem interna') a partir do livro de Egger (1881), um autor que, na época, procurou apresentar uma teoria psicológica sobre a linguagem interna. Mais importante que Egger, é a presença de Taine através de seu livro *De l'Intelligence* (1944; edição original de 1870). Segundo Aarsleff (1982:356-371), Taine era uma das figuras intelectuais dominantes na segunda metade do século XIX, em Paris. Um de seus méritos foi ter reabilitado a filosofia de Condillac, que havia sido banida pelos conservadores após a derrota da Revolução. Ainda se-

gundo Aarsleff, é possível identificar muitas similaridades entre as idéias de Saussure e as de Taine, o que faz supor uma relação em que Taine aparece como uma espécie de precursor de Saussure. O conhecimento dessa relação entre Taine e Saussure, por um lado, e de Taine e a tradição de investigação neurológica da afasia, por outro, faz surgir a indagação: porquê a linguística somente vem a ocupar-se da afasia na segunda metade do século XX?

10. Considere também: "Tandis que Bain, par exemple, soutient avec Wundt, Lewes et quelques autres "que la sensibilité qui accompagne les mouvements musculaires coïncide avec le courant centrifuge d'énergie nerveuse et ne résulte pas, comme dans le cas de sensation pure, d'une influence centripete passant par les nerves afférents ou sensitifs". Ferrier, Ch. Bastian, M. Charcot admettent, avec la plupart des physiologistes contemporaines, l'existence d'un sens musculaire analogue aux autres sens, c'est-à-dire procédant par voie d'impressions centripetes. Reproduire ici les arguments nombreux d'ordre physiologique ou pathologique qui militent en faveur de cette dernière opinion, nous entrainerait sans profits hors de notre sujet" (Ballet 1888:47-48). O lugar secundário do movimento na psicologia de Ballet pode ser ainda apreendido do fato que dois capítulos (II e III) independentes são destinados à discussão da fala (audição mental) e da leitura (visão mental) interiores, mas apenas um (cap. IV) destina-se tanto à articulação quanto a escrita (mentais).

11. Falar da influência de Gall pode parecer estranho, uma vez que Ballet não o cita. Contudo, a influência de Gall sobre a neurologia como um todo no final do séc. XIX (cf. Young 1970) não pode ser subestimada.
12. "On prononce pour la premiere fois [...] le mot cloche. Ce mot vient impressionner les cellules d'un centre spécial [...], le centre de la mémoire auditive des mots. Si le mot est répété assez souvent, il se fixera dans les cellules et constituera des lors l'image auditive [...] Mais le mot entendu resterait à l'état d'image auditive spécialisée, et n'éveillerait l'idée de l'object cloche, si une opération cérébrale supérieure n'intervenait, c'est-à-dire, si l'image auditive du mot ne s'associait aux images visuelle, auditive et tactile de l'object, dont nous avons étudié la formation" (Ballet 1888:10).
13. "... res sensibiles arbitrio nostro adhibitas, ut illarum sensu cogitationes in animum revocari possunt similes (is cogitationibus quarum gratia sunt adhibitaee" (De Coecore, I, 2, 1; citado em Dascal 1978:168, nota 2).
14. Isso faz, imediatamente, lembrar a questão do relativismo linguístico e suas implicações (geralmente consideradas devastadoras) para teorias psicolinguísticas. Mas seria um erro imputar à Ballet uma tese dessa natureza. Lembremos que são disposições inatas que determinam as várias facul-

dades mentais como memória, inteligência, etc. e, principalmente, que a linguagem interna tem um papel mnemotécnico frente ao pensamento na teoria neuro-psicológica de Ballet (cf. 2.1). Assim, não é a aquisição de uma língua que determina as categorias com que opera o pensamento - este último é independente e prévio, e a linguagem apenas exprime idéias (linguagem exterior) ou apresenta idéias à consciência (linguagem interna). O próprio Whorf aliás, parece ter chegado a uma posição bastante moderada acerca do relativismo linguístico em seus últimos trabalhos. Tentando preservar a ciência de suas conseqüências, ele foi levado a admitir um nível de processamento pré-linguístico, portanto não afetado pelas diferenças entre as línguas: "...language, for all its Kingly role, is in some sense a superficial embroidery upon deeper processes of consciousness, which are necessary before any communication, signalling, or symbolism whatsoever can occur..." (Whorf 1956:239). A semelhança com as teses de Ballet é bastante grande.

15. Ainda que adepto da introspecção, Ballet poderia ter levantado dúvidas quanto à fidedignidade intersubjetiva das observações, o que, de resto, é uma das críticas tradicionais a essa metodologia de coleta de dados psicológicos. As críticas à introspecção na psicologia foram levantadas principalmente pelos opositores do estruturalismo de Wundt e Titchener. Marx & Hillix (1978:176-178) resumem essas críticas sob quatro tipos: (a) a introspecção é quase sempre uma retrospecção, e isso pode influir nos dados de modo a compa-

tibilizá-los com a teoria previamente conhecida; (b) a introspecção é em si mesma um fenómeno psicológico, e portanto pode alterar as condições de observação de um outro fenómeno psicológico; (c) parece ter sido empiricamente impossível criar uma linguagem comum que descrevesse a experiência introspectiva, embora isso em princípio não seja logicamente impossível; e, (d) a introspecção não permite acesso a uma grande gama de fenómenos, por exemplo os inconscientes.

16. Este trecho aparece no compêndio de Herrnstein & Boring (1971), tradução de Dante Moreira Leite.

17. "The difference betwixt these consists in the degree of force and liveliness with which they strike upon the mind and make their way into our thoughts and consciousness. Those impressions which enter with most force and violence we may name *impressions*; and, under this name, I comprehend all our sensations, passions and emotions, as they make their first appearance in the soul. By *ideas* I mean the faint images of these in thinking and reasoning; such as, for instance, are all the perceptions excited by the present discourse..." (Hume, *Treatise*, I, I, I).

18. é, aliás, em função dessa ideias que Hume é visto como um dos precursores do associacionismo.

19. cuja validade como construto psicológico tem sido questionada desde, pelo menos, Dewey (e.g. 1986:357-370).

20. Possenti (1986:46-60) defende o ponto-de-vista segundo o qual uma teoria, linguística no caso, não é suficiente para esgotar, em termos explicativos, um certo dado (de língua-em, no caso). Para conseguir maior abrangência explicativa, é necessário recorrer a teorias auxiliares. Adoto aqui essa perspectiva, no sentido em que uma teoria sobre a linguagem interna socorre-se de teorias auxiliares originárias da psicologia ou da linguística.
21. Essa aproximação de Ballet a Wernicke pode parecer curiosa, se lembrarmos que em suas formulações psicológicas Ballet permanece fiel ao sensacionismo e rejeita a psicologia da associação entre o sensorial e o motor, ao explicar que as imagens verbais motoras não são mais que resíduos sensoriais (ver seção 2.2). Na o que importa aqui é menos essa diferença do que a compatibilidade entre o sensacionismo ou a psicologia das faculdades mentais e os princípios associacionistas. Afinal, ambas as concepções são empiristas.
22. O indício histórico de que disponho para afirmar que Ballet sucumbe a essa concepção é precisamente o fato de ele não desconhecer o trabalho de Wernicke e seus seguidores alemães, todos ele citados e comentados (ver, por exemplo, Ballet 1888:72).
23. Ver, por exemplo, o quadro das classificações mais atuais da afasia apresentado por Lesser (1969:11). Essa autora,

aliás, explicitamente aponta para a concepção dual do fenômeno afásico, que se manifesta em oposições como compreensão vs. produção, sensorial vs. motor, aferente vs. eferente, etc.

24. "La surdit  verbale résulte donc bien d'un effacement des représentations auditives, et d'un effacement tel que non seulement l' vocation de la représentation en dehors de la sensation g n ratrice est impossible, comme dans l'amnésie, mais que la sensation elle-même, qui naguere fait naître l'image, est incapable de réveiller cette image" (Ballet 1888: 84-85).

25. "L'amnésique est incapable de raviver les images auditives déposées dans son cerveau; il ne peut retrouver spontanément ces images; mais intervienne la sensation qui a fait naître naguere ces dernières, et celles-ci réapparaissent aussitôt" (Ballet 1888:89).

26. Esse paciente foi diagnosticado e tratado no Serviço de Neurologia e Neurocirurgia Dr. Nubor Facure. Agradeo a Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry a indica o do exemplo e a permissão de usá-lo neste trabalho.

27. Para uma maneira de conceber essa interpreta o pragmática ver a distin o de Dascal (1983:32-42) entre 'sentido literal', 'sentido do enunciado' e 'sentido da enuncia o'.

28. Acerca de uma possível interpretação fonológica, haveria uma hipótese interessante a considerar no que tange a postulação de uma diferença entre surdez e amnésia verbais. Se fosse possível postular um nível independente de representação fonológica, então tanto a compreensão da palavra ouvida pelo sujeito amnésico (a quem se apresenta o objeto cujo nome foi mencionado) quanto a compreensão (ainda que parcial) do sujeito que apresenta surdez verbal (a quem se apresenta por escrito o nome do objeto mencionado) poderiam ser explicadas pela integridade desse nível de representação. Isto é, tanto o objeto quanto a palavra que o designa seriam capazes de 'ativar' essa representação fonológica, de modo que a postulação *ad_hoc* de 'imagens latentes' para explicar a compreensão na surdez verbal parcial não seria necessária.

29. A indicação disso pode vir de um teste em que se peça ao paciente para indicar, por exemplo com os dedos da mãos, quantas sílabas compõem palavras que lhe são apresentadas oralmente. O argumento subjacente a esse tipo de teste é que se o paciente pode 'contar sílabas' é porque sua representação da linguagem está intacta, e o que o impede de comunicar-se é apenas um distúrbio motor.

ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS: GOLDSTEIN E LURIA

Nesta investigação acerca do conceito de linguagem interna no estudo da afasia estamos trabalhando com uma hipótese que toma como pano de fundo a relação entre pensamento e linguagem. Reconhecendo que o contexto histórico e intelectual é um fator que determina a formulação do conceito em questão, nossa hipótese prevê que o conceito possa ser estudado como um conjunto de propriedades distintivas correspondente a cada formulação em particular. Mais ainda, supusemos que existe uma relação entre cada uma dessas diferentes formulações por causa de uma pré-idéia, um conceito embrionário, de linguagem interna. No capítulo anterior analisamos o estágio inicial do desenvolvimento dos estudos da afasia e concluímos [1] que a pré-idéia de linguagem interna poderia ser identificada por duas propriedades associadas ao conceito: a existência de uma representação mental específica da linguagem, e sua função instrumental em relação ao pensamento. Portanto, agora nossa hipótese de trabalho poderá ser assim apresentada:

1. O conceito de linguagem interna é uma maneira de dar conta da relação entre linguagem e pensamento no estudo da afasia;

2. A cada momento da história da afasia correspondeu uma formulação desse conceito;
3. Há uma pré-ideia comum a essas formulações que permite relacioná-las entre si;
4. A pré-ideia de linguagem interna envolve duas propriedades: uma representação mental específica da linguagem, e uma função instrumental dessa representação em relação ao pensamento;
5. A cada formulação em torno dessa pré-ideia corresponde um conjunto de traços que distingue o sentido de cada uma delas; e,
6. Cada conjunto de propriedades semanticamente relevantes define o estatuto ontológico de cada formulação do conceito de linguagem interna.

O objetivo deste capítulo será o de verificar a validade dessa hipótese pela análise do conceito de linguagem interna em outros contextos históricos. Como não temos compromissos historiográficos, no entanto, procederemos apenas a análise do papel da linguagem interna na obra de dois autores, a saber, Kurt Goldstein e Alexandr Luria. Faremos no entanto preceder essas análises por uma visão geral da história da afasia a partir da perspectiva das relações entre distúrbios de linguagem e 'distúrbios de pensamento'.

1. Afasia e Inteligência [2]

Considerar a história da afasia a partir da relação entre pensamento e linguagem significa dar prioridade a questões da ordem da psicologia, em detrimento das contribuições, pelo menos, da neurologia e das práticas de reabilitação de sujeitos afásicos. Vista dessa ótica, penso que a história da afasia pode ser, grosso modo, dividida em quatro fases, de acordo com a prevalência de uma ou outra tradição de pensamento psicológico.

Assim, a primeira fase (como vimos anteriormente) corresponde ao início do estudo da afasia, e caracteriza-se pelo esquema conceitual do empirismo sensacionista. A segunda fase pode ser caracterizada pela superação do sensacionismo e a instalação de um ponto de vista essencialmente associacionista, vigente no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. A terceira fase é uma reação ao empirismo em geral, e ao associacionismo em particular, e caracteriza-se por visões francamente integrativas ou 'holísticas' da afasia, fortemente influenciadas por concepções como as encontradas na psicologia da Gestalt. Não se pode propriamente falar em 'fase' aqui porque a concepção holista da afasia disputava terreno com a associacionista durante as primeiras décadas de nosso século. Além do mais, as 'escolas' psicológicas passam a exercer uma influência menos hegemônica, no sentido em que no início do sec.

XX já não se pode falar de uma psicologia à qual corresponde uma teoria, mas sim em várias teorias que competem entre si; em função disso, a reação ao associacionismo é muito menos marcada por uma única perspectiva psicológica. Finalmente, a quarta fase estende-se aproximadamente da Segunda Guerra até nossos dias, e caracteriza-se, talvez negativamente, por uma pluralidade de enfoques, alguns dos quais assentados em concepções psicológicas determinadas (como o caso de Luría ou da 'neuro psicologia cognitiva') e outras apresentam-se apenas como herdeiras das taxonomias clássicas e compõem o quadro conceitual confuso criticado por Caramazza (1984) e Schwartz (1984), como vimos no primeiro capítulo.

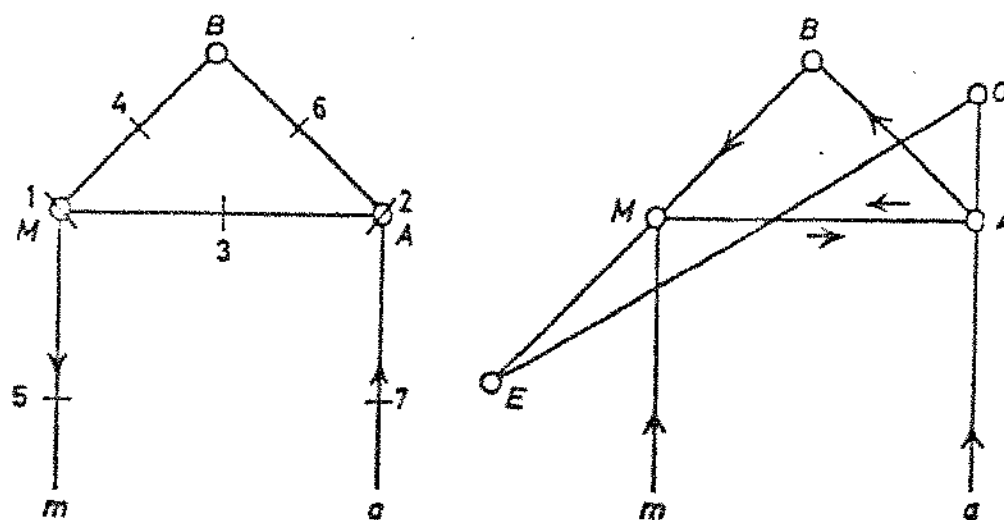
Vamos rever, ainda que de maneira abreviada, cada uma dessas quatro fases em termos das duas noções que, postulamos, compõem a pré-ideia da linguagem interna, isto é, a especificidade de representação mental da linguagem e sua função instrumental frente ao pensamento. Com relação à primeira, não há que negar que ela é a pedra de toque de todo o estudo da afasia. Aparentemente [2], não há quem defenda a posição de que a linguagem é explicada, em termos psicológicos, única e exclusivamente a partir de princípios, como por exemplo os da aprendizagem, que independam de seu conteúdo específico. Note que não estou defendendo a posição (de resto plausível) de que pode-se dar conta da representação da linguagem a partir de seu suposto carácter inato; tampouco estou defendendo a posição de que conteúdos linguísticos devem ser vistos como primitivos em uma teoria psicológica (da mesma forma que as sensações eram tidas

como primitivas, por exemplo, por Ballet). Tudo o que estou querendo dizer é que as explicações da afasia apoiam-se crucialmente na existência de supostos domínios específicos, funções, módulos, etc. cujo conteúdo é linguístico. Vejamos um exemplo.

A expressão mais acabada da perspectiva associacionista no estudo da afasia é o trabalho de Lichtheim (1885). Colaborador de Wernicke, introduziu modificações nas idéias desenvolvidas por este último (Wernicke 1874) que resultaram no famoso esquema Wernicke-Lichtheim, base das assim chamadas doutrinas clássicas. [ver *Figura 2* na próxima página] O que faz desse esquema uma boa expressão das posições associacionistas são duas assunções. Primeiro, que se deve distinguir os dois aspectos relacionados à concepção da palavra como signo: sua forma e seu sentido (ver Hécaen 1977:26-27). De acordo com as concepções da época, a linguagem e o pensamento dependem de processos de aprendizagem (por associação) distintos. A criança adquire a linguagem por um processo de imitação, de escolaridade, e a organização dos sons da linguagem se faz sem referência semântica; a forma dos signos é, pois, algo da natureza de uma integração essencialmente auditiva. O pensamento, por sua vez, corresponde a uma representação de objetos, a uma elaboração de conceitos a partir do que é apreendido pela vista e pelo tato e mediante processos de abstração e síntese. Assim separam-se as funções da linguagem e do pensamento, e a afasia é tida como uma alteração da esfera auditiva, enquanto as alterações relativas ao sentido das palavras dizem respeito a distúrbios vi-

suais e/ou táteis. Com base nessa concepção, Lichtheim propõe a existência de quatro centros da palavra: o auditivo verbal, o

FIGURA 2: Diagrama de Lichtheim



A, centro auditivo; B, centro da elaboração intelectual; O centro das representações visuais; E, centro da inervação dos órgãos que servem à escrita. Quando a via B.M.A. é interrompida, produz-se parafrasia e paragrafia. [adaptado de Brain 1980:57]

da articulação verbal, o das representações visuais (verbais) e, finalmente, o da inervação dos órgãos relacionados à escrita. Apenas os dois primeiros relacionam-se ao centro da elaboração intelectual. A segunda assunção relaciona-se à classificação das condições afásicas. Segundo Lichtheim, as afasias podem ser ocasionadas tanto pela lesão ou comprometimento de um desses centros quanto pela interrupção das vias neuroanatômicas que associam esses centros entre si. Assim, uma extensa tipologia da afasia pode ser deduzida desse diagrama. [4]

Apesar do fundo associacionista das idéias de Lichtheim e Wernicke, é interessante notar que eles acabam por identificar 'centros' com base numa análise estritamente funcional que distingue domínios ou funções por meio de uma relação que privilegia seus conteúdos. O centro auditivo verbal é, pois, uma entidade funcional (isto é, serve para o armazenamento, para a memória de imagens associativas) individuada segundo seu conteúdo (isto é, imagens auditivas da ordem dos fenômenos verbais). Em outras palavras, trata-se da especificidade das representações mentais da linguagem. Não será demais lembrar neste ponto que é essa especificidade que subjaz ao conceito de dissociação, uma noção que percorre praticamente toda a história dos estudos da afasia. Como mostrei no primeiro capítulo, mesmo as formulações cognitivas atuais tomam como ponto de partida que lesões cerebrais focais podem resultar no distúrbio seletivo de componentes do processamento cognitivo (i.e., a chamada 'hipótese do fracionamento'; cf. Caramazza 1984:10).

Se, porém, aceitamos que a especificidade da representação mental da linguagem está indistintamente presente nas diversas teorias da afasia, e é responsável pela definição de faculdades, funções, componentes, módulos ou centros de linguagem, então essa propriedade, enquanto definidora da linguagem interna, perde muito de seu caráter distintivo. Isto é, qualquer sistema explicativo de afasia que lance mão de noção de linguagem enquanto função mental superior, por exemplo, estará leso facto fazendo mão do conceito de linguagem interna. Dito de outra forma, o conceito de linguagem interna não é mais que o conceito de representação mental da linguagem. Isso, na verdade, pode significar muito, e em diversas instâncias pode-se encontrar quem queira adotar exatamente essa definição de linguagem interna. Um exemplo disso, no domínio das teorias cognitivistas sobre a linguagem, são os trabalhos de Fodor (1975, 1983) - mesmo Chomsky (veja, por exemplo, Chomsky 1986), quando estabelece seu interesse pela linguagem interna, está abordando essencialmente a representação mental da linguagem.

Mas não é nesse tipo de definição que estão os afasiologistas interessados quando discutem o tema afasia e inteligência. A pergunta que está por detrás deste tema é, entre outras, a seguinte: os distúrbios afásicos têm alguma consequência sobre as capacidades intelectuais do sujeito afásico? Isso quer dizer que o que se questiona é o possível papel da linguagem frente ao pensamento. E esta é a segunda propriedade associada ao conceito de linguagem interna que compõe o que estou identificando como sua pré-ideia. Vejamos pois como essa propriedade figura na história da afasia.

Tivemos oportunidade de verificar como se pode conceber a função da linguagem frente ao pensamento durante a primeira fase da história da afasia, ou seja, durante a vigência do empirismo sensacionista. [5] No caso de Ballet, essa possibilidade apresentava-se sob a forma de uma função de fixação e evocação de idéias para o discurso mental. Não vou aqui voltar ao tema. Apenas acrescento que pelo menos mais um autor dessa época, Trousseau (1877), arrola um grande número de casos em que a inteligência parece afetada em seguida a um episódio afásico, ao lado de casos em que essa correlação não aparece. Ele propõe que existem duas formas de afasia, uma que afeta apenas a capacidade de produzir e modificar o som vocal, e outra em que existe a perda da 'memória' pela qual o pensamento manifesta-se como fala, como escrita ou como gestos (Trousseau 1877; cf. Hécaen & Dubois 1969:254) Trata-se de uma distinção bastante semelhante à de Bouillaud (cf. cap 3, parte 1), que distinguia uma linguagem interna intimamente associada ao intelecto, e uma linguagem externa, ligada aos meios pelos quais os sons verbais são produzidos.

Durante a fase 'associacionista' dos estudos da afasia, dois tipos de desenvolvimento aconteceram no que diz respeito à relação entre pensamento e linguagem. De um lado estão aqueles que, como Lichtheim, negavam qualquer relação entre a afasia e a inteligência; de outro, os que, como Finkelnburg (1870) e depois Kussmaul (1876), acreditavam que a afasia era um 'caso especial' de um problema intelectual mais amplo, que

chamaram a-simbolia, e que englobava também as apraxias e agnosias.

Segundo Brain (1980:56) Finkelnburg sustentava que a a-simbolia é fundamentalmente uma incapacidade de expressar conceitos por meio de signos adquiridos, e de compreender seu significado; ela é tanto sensorial quanto motora, e compreende funções que não estão diretamente relacionadas com a formação das palavras. É difícil, a partir apenas de fontes secundárias, estabelecer se o conceito de a-simbolia implica, de alguma forma, uma função instrumental da linguagem no pensamento. Contudo, Leischner (1982:231-232) classifica como casos de a-simbolia a incapacidade de utilizar a datilologia) que acomete surdos que se tornam afásicos e também a incapacidade de ler em Braille que acomete cegos que se tornam afásicos. Disso pode-se deprender que a a-simbolia não implica uma função instrumental da linguagem, mas, ao contrário, apenas uma dependência, bastante grande, da expressão e compreensão de símbolos (linguísticos ou não) em relação a algo como uma capacidade semiótica que pertenceria ao domínio da inteligência.

Isto é, a questão da relação entre afasia e inteligência acaba ganhando uma conotação diversa daquela implicada pela pergunta qual a influência de distúrbios da linguagem sobre a inteligência? - não se trata, pois, de afásicos terem suas funções intelectuais comprometidas, mas de disfunções intelectuais ocasionarem a afasia. De qualquer modo, o conceito de a-simbolia mostra-nos que mesmo no auge do associacionismo, que deci-

didamente separa os fenômenos da afasia dos fenômenos intelectuais, ainda há lugar para a postulação de alguma relação entre linguagem e pensamento.

A reação ao associacionismo, no final do século XIX e em boa parte do século XX, compreende várias linhas de ataque. Uma das primeiras é representada por Pierre Marie (1906), que abre uma polêmica com os associacionistas que defendiam a doutrina Broca-Wernicke. Seu trabalho, uma revisão geral da teoria da afasia na época, divide-se em três partes, uma das quais denominada "La troisieme circumvolution frontale ne joue aucun rôle dans la fonction de langage". Sua proposta era que haveria uma só área de linguagem no cérebro, aquela descrita por Wernicke. Nesse caso, a afasia de Broca não passaria da própria afasia de Wernicke acompanhada de distúrbios motores (anartria). E o que caracteriza a verdadeira (e única) afasia seria um distúrbio da compreensão da fala que não procede de um déficit sensorial (isto é, da surdez verbal, perda as imagens auditivas verbais), mas sim de um déficit intelectual especializado. Segundo Marie, na afasia verifica-se tanto o comprometimento de habilidades como o cálculo, a música, e mesmo a habilidade de reconhecer as horas pela inspeção do mostrador de um relógio, como as habilidades linguísticas.

Assim, embora o sujeito possa bem compreender, digamos, palavras isoladamente ou em frases simples (por exemplo, o homem e o homem come maçãs), terá dificuldades quando a houver relações (semânticas?) como as de ordem entre duas palavras ou

conceitos. Por exemplo, o sujeito não saberia distinguir Q_mor-
dido_chegou_depois_do_homem de Q_menino_chegou_antes_do_homem.
Em outras palavras:

"Quand on examine sans opinion préconçue le psychisme des
aphasiques, on constate que le trouble dans l'association
des idées joue, chez eux, un grand rôle dans le désordre de
la parole" (Marie; citado em Cazayus 1977:120).

Em relação às frases do exemplo acima, na medida em que não se
poderá falar em 'surdez verbal' já que pode mostrar que o su-
jeito compreende cada uma das palavras dessas frases ou isola-
damente ou em frases mais simples, trata-se de admitir que o
problema está na idéia de uma relação de ordem. Ora, para Marie
esta é uma questão que diz respeito à esfera intelectual. Por-
tanto, a conclusão é que há diminuição intelectual na afasia.
Mas, da mesma forma que ocorria com as idéias de Finkelnburg e
Kussmaul, o problema da relação entre pensamento e linguagem
resolve-se dizendo que o déficit é agudo intelectual, e apenas
secundariamente linguístico.

A reação ao associacionismo no estudo da afasia foi um
movimento bastante amplo, que englobou desde Hughlings Jackson
(1874), passando por von Monakow (1914), Head (1926) até Golds-
tein (1948). O traço que une esses (e outros) autores cujas
idéias são de resto bastante diversas, é o fato de postularem
que a afasia é, em essência, um distúrbio uno, possivelmente
decorrente de distúrbio de funções intelectuais especializadas.

Esse traço unificador será desenvolvido ao máximo com Goldstein que, inspirando-se na psicologia da Gestalt, vê a linguagem como parte integrante do organismo humano e, desse modo, não considera a afasia como um déficit específico, mas como um processo geral de defesa com a qual o organismo responde a uma situação que ameaça seu equilíbrio e sobrevivência. [6] Mas, em função da propriedade da pré-idéia de linguagem interna em que estamos interessados (a saber, a de que a ela tem uma função instrumental no pensamento) desse autores ressalta-se um, Henry Head. Embora não dedique atenção especial ao conceito de linguagem interna, ele postula que a linguagem pode ter uma função mediadora frente a certas funções mentais. Um exemplo disso seria a função mediadora da linguagem nas assim chamadas apraxias ideomotoras e ideatórias.

Modernamente (cf. Hécaen 1977:148ss), a apraxia pode ser definida como o distúrbio da atividade gestual intencional em um sujeito em quem não se pode observar comprometimento dos aparatos motores necessários à execução dos gestos (por exemplo, ausência de paralisias). A apraxia ideomotora afeta a execução de gestos simples dotados ou não de valor expressivo (respectivamente, por exemplo, aceno de despedida ou cruzar os dedos de uma mão). Raramente observa-se essa modalidade de apraxia em atividades espontâneas; ela é mais frequente em situações de exame e, nesse caso, sua frequência cresce quando se dá uma ordem ao sujeito (ex.: Levante seu braço direito) e decresce quando solicita-se que o sujeito imite um gesto executado pelo examinador. A apraxia ideatória, por sua vez, caracte-

riza-se por dificuldade ou incapacidade de realizar gestos complexos intencionalmente, muito embora os gestos mais simples que o compõem possam ser facilmente executados. Por exemplo, se se pede ao sujeito que acenda um cigarro, ele poderá executar o gesto de acender o fósforo corretamente mas, tendo escolhido a face errada da caixa para riscar o fósforo, a tarefa não será completada. A interpretação desse distúrbio geralmente faz referência a uma incapacidade do sujeito em estabelecer um plano de ação para atingir o objetivo proposto.

A proposta de Head quanto à existência de uma mediação verbal na execução desses atos, embora não muito facilmente aceita pelos pesquisadores modernos, poderia ser assim descrita: quanto mais complexa e abstrata é a formulação prévia necessária à realização de um ato, maior probabilidade haverá de este ato estar alterado no sujeito afásico. Como Head concebe a linguagem como uma atividade simbólica e voluntária (neste ponto seguindo Hughlings Jackson muito de perto), pode-se dizer que o plano subjacente à ação voluntária não pode ser realizado a contento no sujeito afásico uma vez que a função semiótica da linguagem (e de outras capacidades mentais) está alterada. É importante observar que, para Head, é o que ele chama de função semiótica, e não sua representação simbólica, que está alterada. Esta proposição funda-se na observação empírica de que a linguagem pode estar perturbada no afásico sem que os meios para sua expressão o estejam (note que essa é a mesma observação que leva Marie a propor a existência de um único tipo de afasia). Portanto, o distúrbio da função semiótica resulta na in-

capacidade de utilizar os signos, no caso das apraxias, para planejar a ação. Isto é, perturba-se a capacidade de utilizar a linguagem como instrumento de alguns tipos, pelo menos, de comportamento inteligente.

A reação ao associacionismo, pois, parece resolver a questão da relação entre afasia e inteligência (isto é, a questão do papel da linguagem frente ao pensamento) majoritariamente pela adoção de uma perspectiva que faz da própria linguagem uma atividade dependente da inteligência. Nesse sentido, os distúrbios de pensamento observados concomitantemente com a afasia explicam-se não pelo distúrbio de linguagem, mas pela perturbação das capacidades intelectuais. A exceção, como vimos acima, pode ser Head, que embora aceite que a linguagem faz parte das atividades intelectuais, vê no entanto um papel instrumental dela em certos distúrbios de comportamento, as apraxias mais especificamente.

Resta-nos ver como a propriedade de exercer um papel instrumental no pensamento é encarada na quarta fase da história da afasia. Segundo Leischner (1982:35ss), esta fase pode ser caracterizada pelos seguintes fatos: i) inicia-se a participação de disciplinas não médicas no estudo da afasia (no caso da linguística, tem-se os estudos de Jakobson [Jakobson & Halle 1956]); ii) a anatomia patológica perde terreno para técnicas como a tomografia e a arteriografia, que deslocam o estudo da localização para o ser vivo; iii) a reabilitação de afásicos passa a ter um lugar de destaque, especialmente porque depois

das duas grandes guerras o aperfeiçoamento da neurocirurgia fez aumentar muito a taxa de sobrevivência para aqueles que sofrem algum tipo de lesão cerebral; e, iv) formam-se as grandes escolas de afasiologia como a francesa (encabeçada por Hécaen, Ajuriaguerra e Angelergues), a de Boston (com Geschwind, Kaplan, Brown, etc.) e a soviética (com Luria). Essa proliferação dos estudos da afasia, apesar de multiplicar consideravelmente os dados disponíveis sobre ela, bem como as técnicas de seu diagnóstico, tratamento e reabilitação, torna difícil compor um quadro das diversas correntes teóricas que passam a concorrer entre si para sua explicação.

Especialmente difícil é avaliar a situação do ponto de vista de formulações da tese de que a linguagem desempenha algum papel frente ao pensamento. Possivelmente, a posição de Luria (e.g. 1979a, 1979b) é única nesse contexto. Seguindo a tradição psicológica soviética, esse autor propõe que a linguagem tem um papel de regular o comportamento, e atribui essa função à linguagem interna. Apenas para apresentar em linhas muito gerais essa proposição (pois voltaremos a ela abaixo), Luria defende uma concepção bastante próxima à de Head (1926), que vimos acima. Isto é, a linguagem interna serve para planejar uma ação voluntária, e sua perturbação na afasia acarreta distúrbios de comportamento inteligente. Diferentemente de Head, no entanto, não são apenas algumas ações voluntárias que são planejadas por meio da linguagem interna - segundo Luria, toda e qualquer forma de comportamento inteligente requer sua participação.

Em resumo, nossa breve excursão pela história da afasia nos mostra que a atribuição de um papel instrumental da linguagem frente ao pensamento não é muito comum. Esse resultado é apenas aparentemente negativo. Na verdade, podemos vê-lo como uma explicação para o 'destino' relativamente menor do conceito de linguagem interna na história da afasia. Isto é, podemos postular que é apenas quando se associa à linguagem interna uma função em relação ao pensamento que ela torna-se necessária como uma instância explicativa dos distúrbios afásicos.

Assim, para prosseguirmos na análise 'componencial' do sentido do conceito de linguagem interna no estudo da afasia, devemos agora examinar outros autores, em busca de sua definição de linguagem interna. Como, porém, não há um compromisso historiográfico neste trabalho, vou limitar esse exame a dois autores apenas, a saber Kurt Goldstein e Alexandr Luria. A razão para isso é de caráter prático: daqueles que resenhamos ou mencionamos na presente seção, Goldstein e Luria são dos poucos que propõe uma teoria mais ou menos completa sobre a afasia na qual se reconhece um papel explicativo explícito para o conceito de linguagem interna.

2. Goldstein: uma visão holística da linguagem interna

A visão de Kurt Goldstein sobre os fenômenos afásicos em geral está baseada, como já observamos na teoria da Gestalt,

O conceito-chave que lhe permite construir sua visão dos distúrbios de linguagem é o de *desdiferenciação*: "Modification of the patient's performance shows the effect of a blurring of the space boundaries between 'figure' and 'ground'" (Goldstein 1948:5, sublinhado pelo autor). Essa definição supõe, pois, a noção de distinção entre figura e fundo, e afirma que seu distúrbio pode explicar comportamentos patológicos. Assim

"Many symptoms become understandable from this point of view. We expect the 'figure' as a reaction to a definite stimulus, and the patient may answer with the 'background': instead of yes the patient may say no; instead of the demanded series of numbers, the series of the days of the week, etc" (Goldstein 1948:5).

Isto é, a *desdiferenciação* implica na perda de uma Gestalt ou seja, na perda de uma estruturação da experiência em termos da relação entre figura e fundo. A explicação dos exemplos de 'troca' entre sim e não, por exemplo, está em que Goldstein entende que uma palavra adquire sua significação a partir do contexto em que aparece. Dessa forma, haveria uma estruturação relacionada à pergunta feita e na qual a palavra sim seria a figura. Como porém essa estruturação está supostamente perturbada, em alguma síndrome afásica, então algo que pertenceria ao fundo, isto é, a palavra não, emerge no comportamento do sujeito.

Além desse princípio geral, Goldstein estabelece uma diferença entre linguagem abstrata e linguagem concreta. Essa distinção reflete, na verdade, duas modalidades de 'ação' mental, que Goldstein chama de 'atitudes':

"In the concrete attitude we are given over passively and bound to the immediate experience of unique objects or situations. Our thinking and acting are determined by the immediate claims made by the particular aspect of the object or situation. For instance, we act concretely when we enter a room in darkness and push the button for light. If, however, we desist of pushing the button, reflecting that by pushing the button we might awaken someone asleep in the room, then we are acting abstractively. We transcend the immediately given specific aspect of sense impressions, we detach ourselves from the latter and consider the situation from a conceptual point of view and react accordingly. Our actions are determined not so much by the objects before us as by the way we think about them; the individual thing becomes a mere accidental example or representative of a 'category'" (Goldstein 1948:6).

Deixando de lado os problemas que essa formulação possa trazer [Z], notemos que a linguagem 'abstrata' pode ser caracterizada como uma "volitional (sic), propositional, rational language" (Goldstein 1948:25). A mais característica forma de aparecimento de distúrbio da atitude (e, portanto, da linguagem) abstrata é o comprometimento do significado das palavras; segundo Golds-

tein (1948:56), os pacientes podem ser capazes de enunciar palavras, mas serão incapazes de utilizá-las como símbolos. Já a linguagem 'concreta' pertence ao domínio das atitudes concretas. Nesse sentido (cf. Goldstein 1948:25), ela consiste de instrumentalidades: i) automatismos; ii) sons, palavras, séries de palavras, sentenças; iii) a compreensão da linguagem nas situações familiares para as quais ela foi condicionada; e, finalmente, iv) enunciados emotivos. Na patologia, ainda segundo Goldstein, a linguagem concreta apresenta-se nos defeitos de fala e compreensão das assim chamadas afasias 'puras' ou na afasia central.

Há muito de problemático nessa caracterização das duas modalidades de linguagem. Especialmente surpreendente é a soma de fatores linguísticos, de aprendizagem (automatismos), de compreensão e de fatores ligados a ordem do emocional para caracterizar a linguagem concreta. Mas o que mais chama a atenção, ao fim e ao cabo, é o paralelismo dessa distinção com outras, como expressão-compreensão, significante-significado, etc. Vejamos. O distúrbio da linguagem abstrata é caracterizado como um distúrbio que atinge o significado das palavras, enquanto o distúrbio da linguagem concreta atinge suas 'instrumentalidades'. Ora, entre as instrumentalidades estão os sons (que presumo serem 'linguísticos') e as palavras. Mas palavras nesse contexto não podem ser entendidas como unidades dotadas de significado, porque isto é uma característica da linguagem abstrata; portanto, 'palavras' no sentido da linguagem concreta possivelmente devem constituir-se em algo da ordem do significante!

Problemas a parte, é sobre essa concepção geral que assentam-se as idéias de Goldstein acerca da linguagem interna e seu papel nos distúrbios afásicos. A linguagem interna (ou *inner speech*, como Goldstein prefere) é o

"central phenomenon of instrumentalities of speech. Inner speech is the totality of processes and experiences which occur when we are going to express our thoughts, etc., in external speech and when we receive heard sounds as language" (Goldstein 1948:94, sublinhado pelo autor).

Há três pontos de interesse nessa passagem. Primeiro, aí estão distinguidos pensamento de fala, e desses dois distingue-se a linguagem interna como um elemento intermediário. Segundo, a linguagem interna relaciona-se às instrumentalidades da fala. Finalmente, ela é definida como um 'processo' mental e não como uma estrutura ou conjunto de elementos mentais. O segundo ponto é importante porque diferencia a perspectiva de Goldstein daquela que vimos com Ballet; para este último, lembremos, a linguagem interna era o conjunto dos diversos tipos de imagens verbais estocadas na mente.

O primeiro ponto imediatamente faz lembrar a metáfora da 'escala de profundidade' da linguagem interna, que discutimos nos capítulos um e dois. Mais ainda, lembra a definição de linguagem interna em Luria porque para esse autor, como vimos no capítulo um, a linguagem interna colocava-se numa região de

profundidade média, entre a linguagem (rasa) e o pensamento (profundo). Essa semelhança não é gratuita. Tanto Luria como Goldstein inspiram-se nos trabalhos de Vygotsky (1962) para definir a linguagem interna. O segundo ponto coloca a questão de se saber em que consistem as instrumentalidades da fala, em termos das quais a linguagem interna está definida. Vou, portanto, apresentar abaixo as idéias de Vygotsky da maneira como Goldstein as acrescenta. Em seguida, vou apresentar as observações do próprio Goldstein, iniciando por uma revisão da noção de 'instrumentalidades e caminhando para a consideração das relações que ele estabelece entre a linguagem interna, sua visão 'organísmica' da patologia e a própria afasia.

Segundo Goldstein, a linguagem é um fenômeno social que a criança adquire "in his trend to come to terms with the environment" (1948:95). A linguagem é internalizada [9] pela criança na medida em que, tendo percebido que cada palavra pode ter um significado, aprende a distinguir seus pensamentos anteriormente indiferenciados por meio de uma série de significados verbais distintos. Além disso (e neste ponto Goldstein cita Vygotsky literalmente), a linguagem internalizada não é apenas um acompanhamento da atividade da criança, mas serve como uma orientação mental da compreensão consciente e da ultrapassagem de obstáculos e dificuldades. Isto é, como diria Luria, a linguagem interna tem a função de regular o comportamento. No processo de internalização, a linguagem interna está inicialmente bastante identificada com a linguagem social ou, nas palavras de Goldstein, com as instrumentalidades da linguagem. Com o de-

envolvimento da criança, a sua linguagem interna livra-se em grande medida dessa dependência em relação à fala externa. No adulto, a linguagem interna apresenta uma estrutura própria, distinta da linguagem externa ou de suas instrumentalidades. O exemplo comentado por Goldstein (retirado da discussão que Vygotsky faz a esse respeito) é o da 'falta' de uma estruturação sintática da linguagem interna, que tende a ser 'abreviada' em comparação com a linguagem externa. Isto é, trata-se de omitir o 'sujeito' e palavras a ele relacionadas, preservando apenas o 'predicado' das sentenças. Os termos *sujeito* e *predicado* estão entre aspas porque obviamente não se referem apenas a fenômenos sintáticos, mas também a questões semânticas: poder-se-ia muito bem substituí-los, por *tópico* e *comentário*, respectivamente. De qualquer forma a noção de 'abreviação' continua valendo: a linguagem interna seria mais uma sucessão de comentários do que de tópicos e comentários. Estas são, resumidamente, as idéias de Vygotsky tais como apresentadas por Goldstein.

Passemos agora às instrumentalidades da fala, cerne da linguagem interna. Goldstein diz que

"...we have to consider that inner speech consists [...] of material fixed more or less by previous functioning of the apparatus by experience. The concepts of letters, words, phrases, are more or less fixed wholes, patterns which we are aware of in the framework of an inner speech attitude and used as wholes to start the speaking activity" (Goldstein 1948:99, sublinhado pelo autor).

Esses 'materiais' são as instrumentalidades da fala. Esse é um conceito vago no livro de Goldstein, e talvez a melhor forma de apreendê-lo com um pouco mais de clareza seja considerando o que ele NÃO É; isso pode ser feito pela caracterização que Goldstein faz do "Wortbegriff". Na tradição empirista de estudo da afasia, a representação interna da linguagem comportava, além das imagens, especialmente as imagens sensoriais e motoras, uma associação íntima entre elas, que Wernicke (1874) chamou de 'conceito da palavra'. Por exemplo, no esquema de Charcot que vimos no capítulo anterior, o conceito da palavra 'localiza-se' no chamado 'centro intelectual' (IC, no esquema). Goldstein recusa essa caracterização e considera que a 'Wortbegriff' é uma experiência em princípio diferente dos fenômenos sensoriais e motores (1948:93). O problema aqui é interpretar o que seria essa 'experiência diferente', que é a linguagem interna. Mas Goldstein não vai além dessa caracterização negativa, que deixa muitas possibilidades em aberto. Por exemplo, poderíamos pensar que as instrumentalidades são uma representação da linguagem cujo escopo engloba tanto unidades e propriedades formais do sistema linguístico (os sons [fonemas?], as palavras, etc), quanto aspectos que dizem mais respeito ao uso ou ao desempenho linguístico (como os automatismos). [2] De qualquer forma, o conceito de 'Wortbegriff' modificado segundo as concepções de Goldstein, deve ser visto como uma das características ou propriedades distintivas da linguagem interna. Isto é, o que distingue uma afasia 'causada' pelo distúrbio da linguagem interna das outras afasias é o comprometimento do 'conceito das palavras'.

Tomando a linguagem interna como i) o conjunto dos processos que ocorrem previamente à expressão dos pensamentos ou seguida a percepção de sons como linguagem, e ii) como sendo da ordem das instrumentalidades da linguagem, vejamos como Goldstein concebe a relação da linguagem interna com o pensamento. A correta formação da linguagem interna requer processos mentais intactos (Goldstein 1948:94-95). O exemplo de uma situação em que processos não linguísticos estão desarranjados e, em consequência, surgem problemas com a linguagem interna, são as afasias transcorticais. Esse tipo de afasia é, em geral, descrito (cf. Goldstein 1948:292ss) como uma condição em que apesar de não haver dano aos processos e mecanismos relacionados à fase motora da expressão verbal, o sujeito é incapaz de expressar-se ou de compreender as palavras que lhe são dirigidas. Apesar disso, é perfeitamente possível ao paciente repetir o que se lhe pede. Um dos tipos de afasia transcortical que Goldstein distingue é a 'afasia transcortical motora'. Ela é caracterizada como resultado da falta de um impulso ou intenção de falar; isto é, o sujeito é incapaz de responder a perguntas ou a estímulos linguísticos em geral, embora seja capaz de repetir palavras e frases, e apresente uma compreensão verbal melhor que em outras afasias transcorticais. A interpretação de Goldstein é tal que postula uma desorganização da linguagem interna por falta desse 'impulso' não linguístico (é de observar que o próprio Goldstein, em nota de rodapé [1948:294] reconhece a falta de clareza de sua definição de 'impulso para falar').

Concebivelmente, o distúrbio da linguagem interna a partir do distúrbio do pensamento pode relacionar-se à noção de 'desdiferenciação'. Segundo Goldstein (1948:112-115), conceitos e pensamentos são construídos (como uma totalidade) a partir de representações, e sucedem-se uns aos outros de maneira ordenada no curso de uma atividade mental. Quando mais complexos forem esse conceitos e pensamentos, mais provável é que eles sejam representados, na atividade mental, por símbolos, especialmente a linguagem.

"Words appear instead of concepts and thoughts particularly if we are not so much concerned with creation of new concepts but with reproduction for special purposes. Thus, for instance, if we want to communicate our concepts and thoughts to others" (Goldstein 1948:115, sublinhado pelo autor).

Naturalmente (no contexto da Gestalt), o 'aparecimento' de conceitos, pensamentos ou palavra que os representem na atividade mental deve ser entendido como um 'foregrounding', isto é, como um processo no qual eles são figuras destacadas de um fundo comum. A desdiferenciação desse processo implica, pois, não apenas num desarranjo de pensamento (i.e., impossibilidade de construir conceitos por exemplo), como, a fortiori, na impossibilidade de relacioná-lo a alguma forma de linguagem que o represente. Mais ainda, é possível que a desdiferenciação não atinja a formação dos conceitos, mas simplesmente desarranje o processo pelo qual eles são relacionados à linguagem que os re-

presenta; é por essa via que, presumo, deve-se procurar uma explicação para o problema do 'impulso', ou sua falta, como causa dos problemas de expressão na afasia transcortical motora, como a define Goldstein.

Mas a relação da linguagem interna com o pensamento não se restringe à influência deste sobre aquela. Segundo Goldstein (1948:95), o distúrbio do aspecto motor da fala pode perturbar a linguagem interna (na medida em que ela relaciona-se com as instrumentalidades da fala) e, secundariamente, pode perturbar os processos de pensamento, pois

"...language is not only a means of communicating thinking; it is also a means to support it, to fixate it. Defect in language may thus damage thinking. On the other hand, in defect of language the thought processes may come abnormally to the fore" (Goldstein 1948:115, sublinhado pelo autor).

Portanto, na concepção de Goldstein, a linguagem interna parece ter um papel psicotécnico frente ao pensamento, semelhante ao que Ballet postulava, isto é, o papel de fixá-lo. Mas, além disso, a linguagem serve também como suporte do pensamento. Como se deve entender isso?

Goldstein (1948:66) descreve um estudo de acerca dos problemas que certos pacientes afásicos tem para encontrar o 'nome' de objetos ou conceitos que se lhes apresenta. Esse pro-

blema é chamado de anomia ou *word-finding-difficulty*, e pode ser interpretado como a dificuldade de evocar um ítem lexical frente à apresentação de um certo objeto, desenho ou definição de um conceito, ou ainda como a dificuldade de convocar ítems lexicais durante a produção verbal espontânea. No exemplo discutido por Goldstein, que se refere a uma das maneiras pelas quais a anomia manifesta-se, os pacientes cometem parafasias literais ('distorção' de palavra; ex.: *sandar* por *sambar*) ou parafasias verbais (substituição de uma palavra por outra; ex.: *Eig* por *camar*). Segundo Goldstein, esse déficit pode ser explicado em termos de distúrbios das instrumentalidades da fala com efeitos sobre o pensamento. No experimento relatado (Lotmar 1919), as parafasias apareciam como resposta a estímulos fornecidos pelo experimentador (que consistiam em objetos para serem nomeados ou em frases nas quais faltava uma palavra) apenas após um longo intervalo de tempo. Foi possível determinar a relação entre a palavra-alvo e sua modificação ou substituição por meio da elucidação das 'idéias' que surgiam na mente do sujeito no intervalo entre o estímulo e a resposta. A conclusão é que:

"Some derailments were due to the fact that words came to the fore which were similar as to their motor or sensory structure and were easier to pronounce, or by any reason easier to evoke. Some - and these are particularly interesting - were the effect of emerging images, ideas, or 'spheres' to which the correct word belonged" (Goldstein 1948:66).

Infelizmente, Goldstein não relata dados quando discute essa questão. Mas, creio, é possível retirá-los de outra fonte (Coudry 1986: 180 e 190; E indica o sujeito, Inx a investigadora):

(1) [foto de algumas mulheres dançando]

Inv. - O que essas mulheres estão fazendo?

P. - Samba.

Inv. - Dan...[prompting]

P. - Samba.

Inv. - Dançar, dançando.

P. - Sandari

(2) [Foto de dois homens em um barco, remando]

Inv. - E aqui, o que eles estão fazendo?

P. - Rios, rios.

Inv. - E o que estes homens estão fazendo?

P. - Mudar, mudar [...] Não é mudar, meu deus!

[longa pausa]

P. - Remar, remar.

Tanto Coudry quanto Goldstein interpretam essas parafasias (literal no primeiro exemplo, verbal no segundo) nos termos do que a linguística moderna chamaria de uma semântica dos esquemas ('frame semantics'); cf. Fillmore (1976) e Schank & Abelson

(1972)]. Isto é, a palavra-alvo, que o sujeito não consegue expressar (pelo menos inicialmente), evoca outras pertencentes a um mesmo domínio de relações semânticas, que acabam por ser enunciadas. Goldstein, obviamente, não emprega a expressão *semântica de esquemas*, mas sua interpretação do problema em termos de idéias ou 'esferas' que o sujeito ativa no seu esforço de superar o problema apresentado, parece-me poder ser tomado como essencialmente o mesmo tipo de solução.

Mas, essa explicação poderia ser concebida como exclusivamente linguística e, portanto, como não tendo nenhuma relação com o desenvolvimento do pensamento. Isso, de fato, é o que faz Coudry (1986). [10] Goldstein, no entanto, vê nesse fenômeno uma manifestação da desdiferenciação da linguagem (interna) que provoca a emergência ('the coming to the fore') de processos de pensamento que, sem apoio nos processos da linguagem interna, acabam eles próprios por apresentarem-se de maneira defeituosa. Essa tese de Goldsteins reinterpreta-se da seguinte forma: i) a desdiferenciação das instrumentalidades não permite que um item lexical de um determinado esquema conceitual ou semântico alcance a posição de 'figura' (no exemplo (2), o sujeito hesita entre *pio*, *mudar* e *remar*); ii) esse problema com a linguagem interna (com as instrumentalidades da linguagem) acarreta uma impossibilidade de o pensamento organizar-se em uma relação figura-fundo definida (no exemplo (1), a parafasia literal *zambac* seria uma instância de desdiferenciação, a nível de pensamento, entre *zambac* e *dambac*); iii) há uma relação figura-fundo entre pensamento e linguagem no ato de comunicação,

ou pelo menos no da enunciação. Este último ponto requer uma clarificação, na medida em que Goldstein não o afirma explicitamente. Penso que não será demais supor que, para alguém que toma a relação figura-fundo como fundadora da organização mental, a relação entre a linguagem e o pensamento também deve ser vista da mesma perspectiva. Uma indicação disso é a metáfora *the coming to the fore* (que traduzo como 'emergência') com que ele descreve a influência da perturbação linguística sobre o pensamento na afasia. Emergir, nesse contexto, pode sugerir que algo que pertence originalmente ao fundo sobre o qual se estrutura o ato de enunciação passa a fazer parte da 'figura', isto é, do próprio ato de enunciação. Portanto, as enunciações de um sujeito cuja linguagem interna esteja comprometida podem refletir processos que, de outra forma, são inacessíveis (isto é, o pensamento).

Podemos agora tentar resumir a visão de Goldstein sobre as relações entre linguagem e pensamento nos distúrbios afásicos. Por um lado, sendo a linguagem a figura sobre o fundo do pensamento, haverá instâncias em que a perturbação do pensamento deve determinar perturbações de linguagem. É o caso do estado de quase total mudez dos pacientes que exibem afasia transcortical motora: apesar da integridade das estruturas e sistemas envolvidos com a articulação, e de uma compreensão relativamente preservada, o sujeito não fala porque algo do domínio dos processos de pensamento, isto é, uma intenção ou um 'impulso', está desarranjado. Por outro lado, um distúrbio da linguagem pode levar, como no caso das parafasias em pacientes

que tem dificuldade de encontrar palavras ('word finding difficulty'), a um distúrbio do pensamento. Esse distúrbio deve-se a um postulado papel (da linguagem) de fixação e suporte da linguagem. Esse papel psicotécnico, contudo, difere muito daquele proposto por Ballet. Para este último, a fixação era de imagens verbais, posteriormente evocadas e apresentadas ao pensamento (que é, portanto, independente da linguagem). No caso de Goldstein, o que a linguagem fixaria ou suportaria é uma relação figura-fundo que organiza o pensamento. Em alguns casos pelo menos (por exemplo, no ato de enunciação), os processos que ocorrem como fundo (pensamento) dependem dos processos que ocorrem como figura (linguagem).

Tendo verificado como a relação entre pensamento e linguagem figura na concepção de linguagem interna de Goldstein resta-nos duas tarefas, a saber, verificar como diferentes sintomas afásicos podem ser explicados por um postulado distúrbio da linguagem interna e, finalmente, como uma determinada síndrome afásica, a afasia central ou afasia de condução, pode ser caracterizada como um distúrbio da linguagem interna.

Segundo Goldstein (1948:100-104), o distúrbio da linguagem interna produziria i) problemas de escrita e leitura, ii) parafasias, iii) dificuldades (ou ausências) de fala espontânea, iv) dificuldades não acentuadas de compreensão, v) *word finding difficulty*, e vi) dificuldade de repetição. Alguns desses sintomas já foram acima discutidos (por exemplo as parafasias). Vamos aqui apenas comentar o enfoque de Goldstein sobre

os problemas de repetição porque foi precisamente esse sintoma que primeiro levou ao estabelecimento da afasia de condução, que vai nos ocupar em seguida. Segundo Goldstein, a repetição é um fenômeno complexo em que tem papel importante não apenas 'percepção' (ativação dos mecanismos sensoriais da representação mental da linguagem) e a 'expressão' (ativação dos mecanismos motores da representação mental da linguagem), mas também o 'conceito da palavra' (Wortbegriff):

"Before we repeat - if we do not simply imitate the heard sound, and not the word - we are aware of the 'concept' of the word. Destruction of the apparatus 'underlying the concept of words' disturbs repetition. Thus, disturbances of repetition are characteristic symptoms of central aphasia" (Goldstein 1948:103, sublinhado pelo autor).

Portanto, o distúrbio da linguagem interna, isto é, o comprometimento dos 'conceitos das palavras' causa a dificuldade de repetição da afasia central. Essencialmente o mesmo tipo de explicação, isto é, distúrbio do 'conceito das palavras', pode ser invocado para o caso da dificuldade de leitura e escrita: o 'conceito das palavras' serve para controlar o reconhecimento e a produção da linguagem escrita; em consequência, problemas de linguagem interna 'causam' distúrbios de escrita e leitura.

Finalmente, vejamos a afasia de condução, ou afasia central como a denomina Goldstein (1948:229-245). Wernicke

(1874), com base em seu 'esquema' das áreas corticais relacionadas com a afasia (ver ilustração de Lichtheim na seção 1), postulou que haveria uma modalidade de distúrbio afásico em que as áreas sensoriais (de audição) e motoras (da fala) não estariam lesadas (e portanto não apareceriam sintomas relacionados à compreensão ou dificuldades de execução dos movimentos articulatorios), mas em que uma lesão teria interrompido a conexão entre elas, de tal forma que o principal problema de um sujeito com essa afasia seria da ordem da repetição das palavras. Como vimos acima, o que estaria comprometida seria a 'Wortbegriff', que ele concebia como uma associação sensório-motora. Esse quadro clínico foi mais tarde de fato verificado. Mas a reinterpretação de Goldstein sobre a definição de 'Wortbegriff' implica uma sintomatologia mais ampla, que envolve mais que a repetição :

"In correspondence with the concept that in this form of aphasia we are dealing with an impairment of the central part of language (as far as instrumentalities are concerned), all speech performances are more or less affected in these forms of aphasia. At best preserved and often not modified at all are the pure motor and sensory performances" (Goldstein 1948:230, sublinhado pelo autor).

Assim, o distúrbio da linguagem interna na afasia central acarreta um complexo sintomatológico (Goldstein 1948:231) que consiste em: i) comprometimento da fala espontânea e da compreensão oral (esta menos que a primeira); ii) presença de parafas-

sias literais e verbais; iii) paralexia e paragrafias (trocas e distorções de palavras na leitura e na escrita); iv) distúrbios da repetição; e, finalmente, v) dificuldade de soletrar e de juntar letras para formar palavras. À parte a interpretação teórica (envolvendo o conceito de linguagem interna), esse quadro sintomatológico é em geral reconhecido pelos afasiologistas como característico da afasia de condução.

É de se notar que esses sintomas podem aparecer, isoladamente ou não, em outras síndromes afásicas. Mas nesse caso a explicação da natureza da síndrome e seus sintomas não recorre à linguagem interna. Por exemplo, em certas formas de afasia motora pode-se verificar a existência de parafasias e paralexias. Sua explicação, contudo, deverá levar em conta o distúrbio da representação motora da fala, isto é, de uma possível anartria apráxica.

Concluindo a revisão do conceito de linguagem interna como apresentado em Goldstein (1948), podemos elaborar a seguinte lista de propriedades do conceito:

- g1 - Há uma representação mental da linguagem concebida em termos de 'conceitos de palavras';
- g2 - Os 'conceitos das palavras' tem a função de fixar e suportar a relação figura-fundo que define o funcionamento intelectual pelo menos nos comportamentos onde a expressão linguística aparece;

- g3 - A compreensão da linguagem depende, parcialmente, da integridade dos 'conceitos de palavras';
- g4 - A produção (oral ou escrita), bem como a leitura, dependem do 'conceito das palavras'. O distúrbio desta causa, neste caso, parafasias, paragrafias e paralexias;
- g5 - Não há comprometimento do significado de palavras (e de expressões linguísticas mais complexas) no caso de distúrbio da linguagem interna;
- g6 - A linguagem interna tem uma estrutura própria, distinta da estrutura da linguagem externa; e,
- g7 - A linguagem interna serve para orientar a compreensão consciente.

Discutiremos, no capítulo final alguns aspectos dessa lista de propriedades do conceito de linguagem interna segundo Goldstein. Para finalizar, com relação as propriedades g6 e g7, observo que elas figuram apenas na resenha que Goldstein faz das ideias de Vygotsky; isto é, elas não são aplicadas na explicação de fenômenos afásico causados pelo distúrbio da linguagem interna.

3. [Luria: a gênese da linguagem interna]

A extensa obra do psicólogo soviético Alexandr Romanovitch Luria articula-se em torno de três 'temas'. O primeiro são as pesquisas, realizadas em colaborações com Lev Semenovitch Vygotsky, sobre o funcionamento cognitivo em estudos 'trans-culturais' (cross cultural studies), e tem como foco a maneira pela qual as habilidades de raciocínio formal são afetadas por habilidades simbólicas desenvolvidas na escolarização (ver Luria 1974c, Cole & Scribner 1974). O segundo constitui-se nas investigações sobre a ontogênese e os mecanismos neuropsicológicos subjacentes à auto-regulação verbal (ver Luria 1959, 1961 e Luria & Yudovitch 1956). Finalmente, e o mais importante, são suas investigações sobre a neuropsicologia da linguagem e das funções corticais superiores (como as chamava), e, como consequência, sua teoria acerca dos distúrbios afásicos (ver Luria 1965, 1966, 1975).

O conceito de linguagem interna ocupa uma posição de relevância no pensamento de Luria, que, em especial no estudo da afasia, tem um papel explicativo na especificação de uma síndrome (a afasia dinâmica). Este fato, por si só, seria suficiente para garantir a Luria um lugar na presente investigação. Mas, como Vygotsky (1962: 121-124) nota, a psicologia soviética do século XX é uma alternativa às escolas psicológicas de inspiração associacionistas e mesmo à psicologia de Gestalt. Como outra escola cognitivista de nosso século, cuja figura central é Jean Piaget, o que marca a psicologia soviética é um enfoque genético que faz das funções ou estruturas cognitivas uma questão de 'construção' ou 'interação'. Essa característica a dis-

tingue do cognitivismo 'racionalista' cujo postulado central é o caráter inato das estruturas mentais (que se 'desenvolvem' por maturação). No contexto do cognitivismo, é apenas em suas variedades 'construtivistas' ou 'interacionistas' que o problema da linguagem interna coloca-se explicitamente e de forma continuada, isto é, os vários autores sistematicamente recorrem à noção de linguagem interna na construção de suas teorias. Na variedade 'racionalista', o conceito é mais raramente utilizado (ver, e.g., Fodor 1975, 1983). [11]

Contudo, é apenas com Luria e outros psicólogos soviéticos (e.g. Akhutina 1978) que o conceito de linguagem interna é sistematicamente desenvolvido no estudo da afasia. Aí estão, pois, as razões para escolhermos a obra de Luria como foco da presente seção: ela inscreve-se numa importante tradição de pensamento psicológico e é das poucas, na atualidade, a utilizar a linguagem interna na explicação da afasia.

As idéias de Luria, como ele próprio ressalta (1966: 2), devem-se a Vygotsky, e podem ser vistas como uma continuação do trabalho de seu mestre. É verdade que os desenvolvimentos efetuados por Luria sobre as idéias de Vygotsky representam, em certos aspectos, 'desvios' das idéias originais (Akhutina 1978, de Lemos 1980). A principal razão desses 'desvios' talvez estejam na ênfase dada por Luria aos mecanismos neuropsicológicos em detrimento dos processos (semióticos e sociais) através dos quais Vygotsky analisa a cognição. Bem por isso, como a presente investigação limita-se a considerar a linguagem

interna como um equacionamento da relação entre pensamento e linguagem no estudo da afasia, começaremos por expor resumidamente as idéias de Vygotsky, e só depois veremos como Luria utiliza o conceito de linguagem interna na sua explicação da afasia.

3.1. Linguagem e Pensamento

Com base em um estudo genético comparativo entre os comportamentos comunicativo e inteligente em seres humanos e animais, Vygotsky conclui:

1. Thought and speech have different genetic roots.
2. The two functions develop along different lines and independently of each other.
3. There is no clear-cut and constant correlation between them.
4. Anthropoids display an intellect somewhat like man's in certain respects (the embryonic use of tools) and a language somewhat like man's in totally different respects (the phonetic aspect of their speech, its release function, the beginnings of a social function).
5. The close correspondence between thought and speech characteristic of man is absent in anthropoids.
6. In the phylogeny of thought and speech, a prelinguistic phase in the development of thought and a preintellectual phase in the development of speech are clearly discernible" (Vygotsky 1962:41).

Isto é, com base nos estudos de Kohler e outros sobre os grandes símios, Vygotsky postula a existência de uma fase pré-linguística no pensamento e uma fase pré-intelectual na linguagem (ver DascaI 1982:18). A evidência para a fase pré-linguística no pensamento é o uso de instrumentos primitivos pelos antropóides, que mostram pois possuir um intelecto semelhante ao humano nesse aspecto, sem que essa atividade intelectual exija a participação de sistemas linguísticos ou semióticos. A evidência para a fase pré-intelectual na linguagem é o rudimentar comportamento comunicativo em símios, semelhante ao humano (por ser vocal, ter função 'emotiva' e 'social', etc.), mas que nada tem a ver com a atividade intelectual. Isso permite a Vygotsky concluir que a linguagem e o pensamento são conceitual-, ontológica- e filogeneticamente distintos.

Mas, como afirma Vygotsky no item (5) acima, há uma correspondência estreita entre a linguagem e pensamento nos seres humanos. Ele dá conta dessa correspondência (ver Wetsch 1981) por meio da noção de internalização, que é uma maneira de conceptualizar a relação entre atividades ou comportamentos externos (e observáveis) com os internos (ou não observáveis). Certamente Vygotsky não está só ao colocar-se o problema dessa relação, mas sua solução é única na medida em que apoia-se em duas premissas pouco comuns em outros teóricos. Por um lado, para Vygotsky, a internalização está relacionada primariamente a processos sociais. Por outro, a análise da internalização baseia-se na análise de mecanismos semióticos, especialmente a linguagem, que fazem a mediação entre o social e o individual.

O quadro analítico com o qual Vygotsky trabalha é genético, isto é, ele propõe-se a usar uma "developmental analysis that returns to the source and reconstructs all the points in the development of a given structure" (Vygotsky 1978: 65). Essa perspectiva aplica-se tanto à filogenia quanto à ontogenia, e é em relação ao estudo da ontogênese do desenvolvimento que Vygotsky formula a seguinte "lei genética geral":

"Any function in the child's cultural development appears twice, or on two planes. First it appears on the social plane, and then on the psychological plane. First it appears between people as an interpsychological category, and then within the child in an intrapsychological category" (Vygotsky 1981:163).

No caso da relação entre pensamento e linguagem, que nos interessa mais de perto, essa 'lei' indica que primeiro a relação aparece a nível interpsicológico ou interpessoal, e apenas mais tarde, no curso do seu desenvolvimento, aparece a nível intrapsicológico ou intrapessoal.

Essa é, pois, a primeira idéia subjacente ao conceito de internalização: o que era social e externo, passa a ser individual e interno. Mas o processo pelo qual o social é internalizado não é o da mera cópia, o do mero isomorfismo. Segundo Vygotsky, há dois tipos de relação interindividual. Uma é dire-

ta, e se faz por meio de movimentos expressivos, contato de olho, e outras formas que se podem encontrar quer entre os sí-
mios, quer no desenvolvimento da criança. A outra forma de re-
lação é mediada:

"At a higher level of development, however, mediated relations among people emerge. The essential feature of these relations is the sign, which aids in establishing this social interaction" (Vygotsky 1981:160).

Se lembramos que funções sociais acabam por aparecer, no curso do desenvolvimento, como funções interiorizadas, veremos, que para Vygotsky, é pelo domínio de processos e categorias semiótica-mente mediados que se formam as funções mentais superiores. Como consequência, as funções internalizadas serão de alguma forma modificadas e determinadas por propriedades (estruturais ou não) do sistema semiótico mediador.

Essa é pois a segunda premissa a partir da qual Vygotsky estuda a relação entre o externo e o interno: sistemas semióticos, especialmente a linguagem, tem um papel na passagem daquilo que surge no intercâmbio social para o nível individual. Como decorrência dessa segunda premissa podemos nos perguntar acerca da função da linguagem frente ao pensamento, isto é, acerca de como a linguagem, enquanto sistema semiótico, passa a associar-se a, e com isso desenvolver, as capacidades intelectuais humanas? Segundo Vygotsky, são dois os papéis da linguagem frente às funções cognitivas superiores: por um lado

a linguagem permite o desenvolvimento da capacidade de abstração e categorização, e por outro ela permite a auto-regulação do comportamento.

Estudemos em primeiro lugar o desenvolvimento do significado das palavras, de acordo com Vygotsky (ver Wertsch 1981), como maneira de ilustrar a primeira das funções da linguagem frente ao pensamento: generalização e categorização. Segundo Vygotsky, o uso das palavras leva a uma reflexão categorizada da realidade:

"We have attempted to investigate the relationship of the word to reality. We have tried to study experimentally the dialectical transition from sensation to thinking and to show that reality is reflected differently in thinking than in sensation, that the basic distinguishing characteristic of the word is the generalized reflection of reality" (Vygotsky 1956:56; citado por Wertsch 1981:12).

Deixando de lado outras questões sugeridas na passagem acima (por exemplo, a natureza dialética da transição entre sensação e pensamento), observo que a propriedade de generalização é atribuída por Vygotsky ao sentido das palavras. Ele faz uma distinção entre referência e sentido (embora use a expressão significado onde estamos usando sentido) bastante próxima da distinção fregeana. [12] é precisamente um acordo (negociado) sobre a referência que permite o sucesso da interação entre adulto e criança logo no início do desenvolvimento desta. Essa

negociação é possível porque, para a criança, a primeira função das palavras é 'apontar' referentes - assim, identificado o 'mesmo' referente, garante-se um vínculo comunicativo e social mínimo entre a criança e o adulto.

Mas para o adulto, as palavras não estão apenas em relação com seus referentes. Ao contrário, elas mantêm relações entre si (relações signo a signo), e por isso constituem um sistema de sentidos, e não apenas de referências. É a característica central desse sistema é o permitir generalizações com base na abstração de propriedades dos referentes, isto é, na categorização do real. Há portanto um caminho ontogenético a ser percorrido pela criança: do acordo sobre os referentes das palavras para o domínio das categorias de sentido que elas veiculam, que é uma capacidade intelectual não existente na fase pré-linguística do desenvolvimento do pensamento. Portanto, a internalização da linguagem tem consequências para a organização dos processos intelectuais superiores. De acordo com Wertsch, a análise de Vygotsky implica que

"...the development of word meaning reveals that one aspect of his claim is that the concept used in mental processes are provided by the speech community in which one has developed. Instead of viewing the meaning system of a language as mapping onto pre-existing cognitive processes, it is viewed as a social formation that plays a much more active role in the creation of consciousness. [...] It does mean [...] that the social environment (in this case, the

socially evolved meaning system of a speech community) will be an important determinant of the form of internal intrapsychological functioning" (Wertsch 1981:17).

Portanto, uma das funções da linguagem é o de 'criar' o sistema de categorização sobre o qual opera o pensamento. [19]

Também a função de auto-regulação do comportamento pode ser determinada a partir da análise do desenvolvimento da linguagem. No início desse desenvolvimento, o adulto orienta a criança por meio de instruções verbais. Ao dar instruções verbais, o adulto organiza a atenção da criança, isto é, 'aponta' por meio da linguagem para certos aspectos da realidade de modo a distinguir o objeto nomeado de outros presentes na situação. A ação motora da criança, que então dirige-se para o objeto nomeado, é pois organizada pela linguagem. Neste caso, o ato voluntário está dividido entre duas pessoas: o ato motor da criança começa com a enunciação da mãe, e termina com a própria ação da criança (Vygotsky 1956). É somente numa etapa posterior do seu desenvolvimento que a criança pode utilizar a linguagem para dar instruções a si mesma; isto é, uma atividade interpessoal de orientação da ação passa a ser uma atividade intrapsicológica de orientação dessa mesma ação. Mas, veja-se, em ambos os casos houve uma mediação, a da linguagem, como condição necessária para o processo de regulação do comportamento motor. Novamente aqui, é a internalização da linguagem que fornece as condições para um comportamento inteligente e voluntário.

Contudo, muito pouco foi feito na psicologia soviética para esclarecer os mecanismos linguísticos responsáveis pela regulação do comportamento. Luria (1947b), por exemplo, partindo do postulado da ação reguladora da linguagem sobre o comportamento inteligente, procurou muito mais estudar as bases fisiológicas e neuroanatômicas da regulação do que propor uma explicação teórica para ela. Wertsch (1979), porém, propôs que a regulação do comportamento pela linguagem dá-se em função de uma das características estruturais da linguagem interna.

Segundo Vygotsky (1962), a linguagem interna é 'sintaticamente' abreviada. Com isso, referia-se ele a uma característica peculiar da 'fala egocêntrica' das crianças (que é um estágio prévio à completa internalização da linguagem), a saber, a sistemática omissão do 'sujeito psicológico' (i.é., da informação dada, na terminologia de Chafe [1974]) na produção linguística da criança que esteja desempenhando uma tarefa ou desenvolvendo uma ação. A interpretação comumente dada a isso é que o que é dado é imediatamente acessível, ou transparente, à consciência, e portanto não precisa ser enunciado; o DADO, porém, precisa ser enunciado. A isso Vygotsky chamou de 'abreviação' da fala egocêntrica (e, conseqüentemente, da linguagem interior). [14]

A proposta de Wertsch parte da constatação de que os fatores que determinam o que é novo e o que é dado, no caso da fala egocêntrica, devem-se a um condicionamento contextual que, no caso da fala egocêntrica é social (isto porque ela só apare-

ce em situações potencialmente comunicativas, isto é, sociais). Mas no caso do adulto, quando a fala egocêntrica já desapareceu e cedeu seu lugar para a linguagem interna, não há sentido em falar de fatores sociais na determinação do que é novo ou dado, embora ainda se possa falar de alguma forma de determinação contextual. Wertsch propõe que a linguagem interna no adulto representa os objetivos de uma ação e que é em termos dessa representação que se pode falar em dado e novo: isto é, a ação em que o sujeito está engajado é o contexto no qual os objetivos dessa ação determinam o que é dado, já conhecido pelo sujeito. O novo, isto é (para usar uma expressão de Chafe), o que precisa ser introduzido na consciência do sujeito, constará então das 'enunciações' da linguagem interna, mas os objetivos e estrutura geral da ação serão omitidos, como informação dada. Por exemplo:

"...let us assume that one puzzle piece could fit into some, but not all of several puzzle frames. If the child's goal was to identify those frames into which the pieces fits, we would expect him to try to carry out the action; information about the puzzle frames into which it would, or would not, fit would be introduced into consciousness as the child attended the various possibilities. [...] The given information would [...] be concerned with the piece involved; the new information would be concerned with the puzzle frame" (Wertsch 1979: 95).

Assim, no caso de uma situação experimental onde se procura elicitar a fala egocêntrica de uma criança, esperaríamos que as verbalizações fizessem referência ao lugar onde se encaixam as peças, e não às peças elas mesmas. Há certamente muito de controverso quer nas posições de Vygotsky, quer na interpretação da função da distinção dado vs. novo que propõe Wertsch. Por exemplo, no caso deste último, a introdução da noção de objetivo de uma ação equivale à introdução de explicações teleológicas - um tema sempre problemático. [15] De qualquer forma, para nossos objetivos, tomemos isso como um exemplo, apenas.

Em resumo, verificamos abreviamente nesta seção a maneira pela qual Vygotsky concebe a relação entre linguagem e pensamento. Verificamos, sobretudo, como ele dá conta do postulado de que a linguagem tem um papel instrumental frente ao pensamento. Quanto à questão da especificidade da linguagem, isto é, à questão de se saber se a linguagem é derivada de funções mentais mais básicas ou se, ao contrário, ela é dotada de um conteúdo específico que a distingue de outras funções mentais, a discussão nesta seção indica claramente que a linguagem ocupa uma posição específica frente às outras funções mentais. É claro que não se pode, no contexto do pensamento de Vygotsky, falar em representação mental da linguagem, seja no sentido dos sensacionistas (isto é, como um conjunto de imagens) nem no sentido do cognitivismo 'racionalista' (isto é, em termos de mecanismos ou conhecimentos inatos). Mas pode-se falar de uma representação de um sistema semiótico mediado e mediador de funções cognitivas, construído a partir da interação social.

3.2 Propriedades Distintivas da Linguagem Interna

O processo de internalização da linguagem culmina no estabelecimento da linguagem interna. Em uma resenha do pensamento de Vygotsky acerca da sua natureza, Akhutina (1978:15) faz a seguinte lista de propriedades atribuídas por Vygotsky ao conceito:

1. A linguagem interna é puramente predicativa;
2. O aspecto fonético da linguagem interna tem menor importância em comparação com a linguagem externa; e,
3. Semanticamente, a linguagem interna apresenta um 'influxo' do sentido, suas unidades são aglutinadas e, mais importante, o sentido predomina sobre o significado.

Verifiquemos como se explica cada uma dessas características e, sobretudo, esclareçamos a terminologia em que ela é apresentada.

Vygotsky (1962) propõe uma análise genética da relação entre pensamento e linguagem (fala) em que seis estágios ou fases são descritos:

"We have come to the end of our analysis. Let us survey its results. Verbal thought appeared to us to be a complex, dynamic entity, and the relation of thought to word within it, a movement through a series of planes. Our analysis

followed the process from the outermost to the innermost plane. In reality, the development of verbal thought takes the opposite course: from the motive that engenders a thought to the formulation of the thought, first in inner speech, then in the meaning of words, and, finally, in words" (Vygotsky 1956:380-381, citado em Akhutina 1978: 17-18; sublinhado por EF)

Não vamos aqui considerar essa análise em detalhes; especialmente, não vamos examinar seu caráter 'genético'. Apenas examinaremos a penúltima fase, o significado das palavras.

Em outro texto, Vygotsky (1962:124-130) refere-se a esse 'plano' da passagem do pensamento para a linguagem como o plano semântico (interno) da fala. Segundo ele, a fala não é um fenômeno homogêneo (1962:125), e nela podemos distinguir aspectos fonéticos (a fala externa, propriamente dita) e aspectos semânticos. O nível 'fonético', ao contrário do que o termo poderia sugerir, refere-se a mais do que a realização sonora da fala; de fato, quando comenta as relações entre os níveis 'fonético' e 'semântico', Vygotsky (1962:127) diz que 'não apenas sujeitos e predicados, mas também categorias gramaticais como gênero, grau, tempo, etc., tem a sua contraparte psicológica' (ou semântica). Isto é, poderíamos dizer que o nível 'fonético' engloba tanto o aspecto fônico quanto a organização sintática superficial da fala. Visto dessa forma, esse nível que figura como uma fase na análise genética (isto é, como um momento na evolução do pensamento para a linguagem), e também um dos níveis estruturais de análise da linguagem.

O mesmo pode ser dito do nível semântico. Embora não faça uma caracterização mais precisa da estrutura do plano semântico, Vygotsky (1962) indica duas dicotomias (que vimos em 2.1), entre sentido e significado e entre sujeito e predicado psicológicos, como duas das propriedades estruturais desse nível. Essa distinção, que remota a Hermann Paul (1880) - aparentemente a 'fonte' da concepção de Vygotsky a esse respeito - pode ser assim resumida:

"A sentence contains a part representing what, in the speaker's opinion, is known to him as well as to his addressee, usually thanks to the preceding context, and the remaining part which, in the normal case, is unknown (in the speaker's opinion) to the addressee" (Boguslawski 1977: 147).

Assim, o nível semântico da fala externa estrutura-se em 'sujeito' e 'predicado' psicológicos. Mas, essa bipartição pode apresentar-se abreviada, isto é, o 'sujeito psicológico', na medida em que é supostamente conhecido por ambos os interlocutores (e portanto é facilmente recuperável do contexto), pode deixar de ser enunciado. Isso ocorre, por exemplo, no caso de respostas a perguntas polares.

A 'predicatividade' da linguagem interna, primeira propriedade apontada por Akhutina, baseia-se na distinção entre sujeito e predicado psicológicos e na possibilidade de sua

abreviação. Segundo Vygotsky (1962:145), há um fator que facilita a abreviação na linguagem interna: sempre sabemos sobre o que estamos pensando - isto é, sempre conhecemos a situação e o 'sujeito' ao qual fazemos menção. Portanto, podemos dizer que i) a linguagem interna também estrutura-se com base num contexto conhecido, e ii) como esse contexto é sempre conhecido, somente o 'predicado psicológico' precisa ser 'enunciado' na linguagem interna. Como conclui Vygotsky (idem, ibidem), "predication is the natural form of inner speech; psychologically, it consists of predicates only".

Com relação à segunda propriedade da linguagem interna mencionada por Akhutina, isto é, que o aspecto fonético tem menor importância, podemos de início entendê-la como significando que a vocalização é grandemente diminuída (Vygotsky 1962:145). [16] Mas, como observamos mais acima, o aspecto 'fonético' da fala externa parece ser entendido por Vygotsky como englobando fenômenos que pertencem ao domínio da estrutura superficial de orações. O decréscimo de importância do 'fonético', então, implicaria que também certos aspectos da estrutura superficial das orações são 'apagados' na linguagem interna. Temos então uma 'sintaxe' toda especial, que Vygotsky chama de 'sintaxe predicativa' (que, obviamente, relaciona-se também a aspectos semânticos, como discutimos no parágrafo anterior):

With syntax and sound reduced to a minimum, meaning is more than ever in the forefront. Inner speech works with semantics, not with phonetics" (Vygotsky 1962:145).

Portanto, a linguagem interna lida apenas com a significação, isto é, apenas com sentidos e referência de palavras. Como consequência, mesmo aqueles elementos que, no 'predicado psicológico', tem uma função puramente gramatical, podem ser omitidos da linguagem interna. Assim, "inner speech is speech almost without words" (idem, *ibidem*).

Uma analogia com conceitos linguísticos mais modernos pode aqui tornar a discussão mais clara. Pode-se fazer uma distinção (cf. Lyons 1968:435-436) entre palavras pertencentes a uma classe 'aberta' (que compreende itens da categoria sintática dos nomes e verbos, por exemplo) e palavras de uma classe 'fechada' (que compreende itens da categoria dos pronomes, artigos, etc.). Nos termos dessa distinção, na linguagem interna pode-se omitir palavras das duas classes quando elas são parte do 'sujeito psicológico' e palavras da segunda classe quando são parte do 'predicado psicológico'. Mais ainda, dado que a estrutura dos constituintes imediatos impõem uma hierarquia mesmo entre as diversas categorias sintáticas das palavras da classe aberta (por exemplo, o substantivo é núcleo de uma construção em que haja também um adjetivo), pode-se supor que a omissão também atinge as palavras que não sejam 'núcleo' de sintagmas nominais ou verbais que compõem o 'predicado psicológico' na linguagem interna.

A abreviação da linguagem interna em relação à linguagem externa [LZ] conduz a uma concepção peculiar acerca da es-

estrutura da linguagem interna. Resumidamente, até agora vimos que a linguagem interna é uma sucessão de palavras que i) são da ordem do 'predicado psicológico' das estruturas da superfície de orações, ii) 'fonética' e sintaticamente, apresentam-se minimamente estruturadas, e iii) tem um alto grau de dependência do contexto ('mental') em que aparecem. A esse aspecto da estrutura da linguagem interna Vygotsky chama de 'sintaxe gramatical' (1962:145). Mas há também uma 'sintaxe do significado' ou, como a chamaríamos, há também propriedades semânticas da estrutura da linguagem interna - que correspondem ao terceiro tipo de propriedades listadas por Akhulina. Antes de examiná-las, porém, deixe-me esclarecer o uso do termo semântico. É óbvio que as duas primeiras propriedades são também semânticas ou até, na medida em que explicam-se por recurso ao contexto (ou situação), pragmáticas. No entanto, como já observei anteriormente, Vygotsky faz um uso mais restrito desse termo, vinculando-o apenas às relações que se estabelecem entre o sentido e a referência das palavras. À luz das modernas teorias linguísticas, essa distinção é claramente inadequada, e talvez fosse melhor referir-se a todas as propriedades como 'semântico-pragmáticas'. Não o faço aqui para conservar uma certa fidelidade ao texto de Vygotsky. Mas é importante notar que, enquanto semântico-pragmáticas, as propriedades atribuídas por Vygotsky à linguagem interna diferem necessariamente daquelas atribuídas ao conceito quer por Golstein (com sua concepção de 'Wortbegriff') quer pelos empiristas (com sua concepção de 'imagens verbais').

As propriedades semânticas da linguagem interna definem-se em função da distinção entre sentido e referência (que já comentamos em 3.1 acima). Segundo Vygotsky (1962:146), o significado das palavras na linguagem interna é mais uma questão de sentido que de referência, uma vez que a influência do contexto é crucial para a determinação do seu significado. Isto é, dois contextos distintos podem determinar sentidos distintos para a mesma palavra (portadora da mesma referência). Em função disso, o significado das palavras na linguagem interna é algo fluido, instável. Nos termos de Vygotsky, o sentido das palavras é um "dynamic, fluid, complex whole, which has several zones of unequal stability" (idem, *ibidem*).

É difícil conceber, a partir do texto de Vygotsky, em que consiste essa fluidez. Talvez essa maneira de expressar-se indique o reconhecimento, por parte desse autor, da importância dos fatores de uso da linguagem na determinação do significado. Isto é, a concepção de linguagem de Vygotsky conteria, pelo menos de maneira implícita, uma abordagem dos fenômenos da significação que contempla tanto fatores da ordem das relações de sentido das palavras quanto fatores da ordem da pragmática, por exemplo. Ora, como a linguagem interna é geneticamente determinada pela linguagem (externa), então essas características estariam aí também presentes. Mas, se isso é verdade, então a prevalência do sentido sobre a referência não é uma das propriedades da estrutura semântica da linguagem interna, como Akhutina a apresentou (e como Vygotsky também a apresenta; *op. cit.*, p. 145). Em vez de propriedade estrutural da linguagem

interna, a prevalência do sentido é apenas uma decorrência de um postulado acerca do papel do contexto (e da situação) na determinação de fatos da linguagem. Isto é, como o contexto é um fator de peso diferente na linguagem interna em relação a externa (segundo Vygotsky; ver, por exemplo, sua discussão das limitações - contextuais! - da escrita em relação à fala; op. cit., p. 146), precisaríamos apenas admitir graus maiores de liberdade contextuais para acomodar a observação que o sentido prevalece sobre a referência na constituição do significado das palavras na linguagem interna. Dito de outra forma, como o contexto é mais transparente na linguagem interna que na escrita, por exemplo, o sentido das palavras pode variar mais livremente.

Diferentemente da questão da prevalência do sentido, a aglutinação é verdadeiramente uma propriedade da linguagem interna. De acordo com Vygotsky (1962:147), da mesma forma que certas línguas utilizam-se de processos de composição de palavras para formar outras (por exemplo, compondo *guarda* e *chuya* para formar *guarda-chuya*), a linguagem interna compõe expressões de sentido mais complexo pela justaposição de palavras.

Finalmente, consideremos o 'influxo' de sentido. O argumento de Vygotsky é que uma palavra, na linguagem interna, é carregada de sentidos que poderiam ser atribuídos a outras. Dessa forma, no momento de exprimir o sentido dessa palavra, precisaremos de muitas outras. Isto é, segundo Vygotsky, o sentido dessa palavra estaria 'infundido' pelo sentidos das ou-

tras. Aqui, novamente, penso que não se pode falar em uma propriedade da linguagem interna, mas sim em uma decorrência da postulação de um contexto transparente na linguagem interna. Tomemos como exemplo um 'esquema' tal como definido pela semântica dos esquemas ('frame semantics'). Vygotsky, é claro, não propõe nada semelhante a essa noção de esquemas, mas, nesse caso, é possível supor, dada a transparência do esquema para o sujeito, que uma única palavra seja suficiente para designá-lo. O sentido dessa palavra, é claro, estaria então saturado pelo sentido de todas as outras palavras que fazem parte desse esquema. E, na expressão desse esquema na linguagem externa, é óbvio que a palavra que o designa na linguagem interna será insuficiente para suplantar a opacidade do contexto para o interlocutor; então, mais palavras serão necessárias. Nesse exemplo, a saturação do sentido de uma palavra é uma decorrência de uma possível propriedade da linguagem interna, isto é, a organização do significado em esquemas.

Em resumo, podemos concluir que a linguagem interna, como concebida por Vygotsky, apresenta as seguintes propriedades: transparência do contexto, predicatividade, e aglutinação. Outras características, apontadas por Vygotsky, como a predominância e influxo do sentido, são inferíveis dessas três.

3.3. Linguagem Interna e Afasia

Nesta seção examinaremos principalmente o uso que Luria faz do conceito de linguagem interna na explicação da afa-

sia dinâmica. Certamente, Luria não é o único pesquisador soviético a fazer uso do conceito de linguagem interna no estudo da afasia. De meu conhecimento, pelo menos mais duas autoras, Tsevetkova (1968; Tsevtkova & Shagi 1969) e Akhutina (1975) ocuparam-se desse tema. Contudo, esses estudos foram publicados apenas em russo (com exceção de uma tradução parcial do trabalho de Akhutina, em 1978), o que dificulta o acesso a eles. Além desses autores mais recentes, o próprio Vygotsky (cf. Levina 1981) investigou a afasia. Infelizmente, o relato de Levina acerca dessas investigações de Vygotsky é muito sumário, e não traz indicações sobre tipo de lesão, sintomatologia, etc. Isso faz com que o termo afasia seja genérico, englobando síndromes que são distintas da própria afasia.

Um exemplo da generalidade dos estudos de Vygotsky é o experimento relatado por Levina (1981:297) que consistia em colocar frente ao sujeito um prato, uma caixa de fósforos, uma colher e um lápis. O experimentador então usou a colher para 'imitar' o movimento de acender um palito de fósforo e o palito de fósforo para 'imitar' o ato de escrever. Quando se pediu ao paciente que repetisse o que acabara de ver, ele usou o palito de fósforo no ato de acender, e o lápis no ato de escrever. A conclusão de Vygotsky/Levina é que o paciente está irremediavelmente preso ao contexto presente, e não consegue, por meio da linguagem, 'criar' um contexto alternativo (um mundo possível?) e com isso planejar e executar ações. Tanto a conclusão como o comportamento descrito são plausíveis, isto é, podemos encontrar sujeitos que apresentam esse tipo de comportamento e

podemos, com base nas idéias de Vygotsky chegar a essa conclusão. Mas, a conclusão precisa ser apoiada em observações independentes quanto à linguagem porque o quadro comportamental apresentado corresponde ao que modernamente considera-se uma apraxia, e ela pode ocorrer sem que haja distúrbios concomitantes de linguagem. Portanto, a partir do relato de Levina, temos que considerar as investigações de Vygotsky como não relevantes para nosso estudo.

Concentremo-nos pois em Luria. De início, lembro que as idéias de Luria sobre a linguagem interna diferem das de Vygotsky (Akhutina 1978, de Lemos 1980). Como já observei, essa diferença deve-se provavelmente a preocupação de Luria em dar conta de suas observações neuro-anatomo-patológicas. Akhutina (1978: 10) observa que o modelo de linguagem interna desenvolvido por Luria dispõe de vários níveis, um deles relacionado a tarefa de 'formar o esquema linear de uma sentença'. Isto é, na linguagem interna haveria dois processos de natureza sintática: um responsável pela organização do sentido das palavras e outro pela organização das palavras em termos da estrutura superficial da sentença (cf. Akhutina 1978:20).

Essa distinção serve para dar conta de duas síndromes afásicas, a afasia motora eferente e a afasia dinâmica. Em ambas a linguagem interna estaria comprometida, segundo Luria. No caso da primeira, a estrutura superficial de sentenças estaria comprometida, o que implica apenas em dificuldade de expressão.

Na segunda haveria problemas com a organização do pensamento (indiferenciado) em uma sequência de palavras na linguagem interna, o que implicaria ausência da capacidade de exprimir-se espontaneamente. Isto é, num caso a linguagem espontânea não existe; no outro, embora o sujeito apresente dificuldades, pode ainda exprimir-se espontaneamente. Nesse caso, a falta de linguagem espontânea refletiria a incapacidade de organizar o pensamento em termos da linguagem interna. Para Vygotsky, o problema de linguagem na afasia motora eferente não envolveria a linguagem interna, mas seria de responsabilidade dos mecanismos que fazem a passagem da linguagem interna para a expressão verbal. A crítica a Luria, endossada por Akhutina, seria a de que ele estende o conceito de linguagem interna para além do que fora inicialmente concebido por Vygotsky.

Apesar dessa diferença, as posições de Vygotsky e Luria não são incompatíveis, pelo menos no sentido em que as proposições de Luria partem dos mesmos postulados (genéticos) defendidos por Vygotsky. Assim, a questão da legitimidade da extensão levada a efeito por Luria seria um problema no interior do pensamento de Luria, mas não um problema para a concepção de linguagem interna na escola soviética. Dito de outra forma, as propriedades semanticamente relevantes da linguagem interna (no sentido de Achinstein) seriam as mesmas em Luria e em Vygotsky; o que muda, isto é, propriedades não semanticamente relevantes, serve para matizar os modelos, mas não altera seus compromissos ontológicos fundamentais: por exemplo, a independência entre pensamento e linguagem, o caráter geneticamente social dos processos cognitivos superiores, etc.

Aceitando pois uma restrição ao trabalho de Luria, isto é, aceitando a existência de um único nível de linguagem interna, podemos agora perguntar como um distúrbio dela manifesta-se no caso de um sujeito afásico. Com base no que discutimos até agora, podemos prever que o distúrbio da linguagem interna pode acarretar dois tipos de problemas afásicos. Em primeiro lugar, podemos imaginar que a perturbação da linguagem interna leva à incapacidade de fazer a transição entre o pensamento (indiferenciado) para a organização semântica e fonética (nos termos de Vygotsky) da linguagem externa. Essa incapacidade pode ser concebida como a impossibilidade (total ou parcial) de 'desdobrar' o pensamento indiferenciado em uma sequência de palavras na linguagem interna, isto é, num 'predicado' relacionado ao contexto que se apresenta ao sujeito. Por exemplo, frente ao contexto criado pela pergunta *Como você se chama?*, o afásico não conseguiria 'isolar' seu próprio nome nesse contexto e transformá-lo num 'predicado' em linguagem interna. Em seu comportamento linguístico, então, ou ele não emitiria nenhuma resposta ou, para preencher um turno de diálogo por exemplo, apenas repetiria a pergunta feita.

O quadro afásico que esboçamos acima corresponde ao que Luria (1964: 158-160; 1978) chama de *afasia dinâmica*. Ela é resultado, em geral, de lesão das áreas mais anteriores do córtex pré-frontal esquerdo, e o principal transtorno experimentado pelo sujeito refere-se à função predicativa da linguagem interna: apesar da integridade quase total da capacidade de estruturar sintaticamente as orações, ela somente pode ser usada

para descrever detalhes individuais de figuras, por exemplo, ou então para repetir narrações ouvidas. Isto é, o sujeito é incapaz de utilizar-se da linguagem de modo produtivo e espontâneo. Por exemplo, um paciente, a quem se pediu que fizesse, oralmente, uma composição sobre o tema 'Norte', disse "In the north there are bears" e, depois de uma longa pausa, "That's what I must tell you" (Luria 1964:159). Sujeitos portadores de afasia dinâmica, segundo Luria, raramente engajam-se em interações linguísticas, na maioria das vezes limitando-se a responder monossilabicamente às perguntas que lhes são dirigidas.

Em segundo lugar, o distúrbio da linguagem interna pode levar a problemas de ordem intelectual:

"El lenguaje pierde su automatismo y a veces se vuelve agramatical. En los casos mas graves [...] observamos un grave trastorno de la estructura interna del lenguaje con lo cual para formular pensamientos se debe realizar el mismo esfuerzo que es necesario para la ejecución de pautas motoras fluidas. En algunos casos el lenguaje interno se ve perturbado tan gravemente que sólo tenemos necesidad de negar al paciente la posibilidad de hablar en voz alta para privarle completamente de la facultad de realización de cualquier tipo de operación intelectual" (Luria 1978:249).

Esta observação de Luria implica na aceitação da tese segundo a qual a linguagem regula as funções mentais superiores. No indivíduo, mesmo afásico, em quem a linguagem interna não foi afe-

tada, a regulação da atividade mental é exercida pela linguagem interna. Mas, se esta foi comprometida, o sujeito ainda pode planejar e resolver um problema por meio da linguagem externa, isto é, falando, da mesma forma que a criança usa sua fala egocêntrica (isto é, uma fala dirigida a si mesma) para resolver problemas. No exemplo de Lúria, como a linguagem interna estava afetada, o sujeito não poderia usá-la para operar mentalmente. Mas ainda poderia utilizar a linguagem externa para esse fim; contudo, se o impedimos de falar em voz alta, então ele não terá meios de executar a operação mental requerida.

Portanto, podemos concluir que o conceito de linguagem interna tem uma função explicativa frente à teoria da afasia de Lúria. Diferentemente de Ballet, mas em consonância com Goldstein, o distúrbio da linguagem interna acarreta o aparecimento de um tipo de síndrome afásica (a afasia dinâmica no caso de Lúria). Para finalizar, quais seriam as propriedades semanticamente relevantes do conceito de linguagem interna no estudo da afasia, tal como concebido pelos soviéticos?

s1 - Linguagem e pensamento são ontologicamente distintos;

s2 - Há uma representação internalizada da linguagem;

s3 - Estruturalmente, essa representação é abreviada em relação à linguagem externa. Ela é 'predicativa' e 'aglutinada';

s4 - A linguagem interna é altamente dependente do contexto (mental), que é sempre transparente;

- s5 - A linguagem interna tem duas funções frente ao pensamento: por um lado fornece os meios de categorizar a experiência e, por outro, fornece os meios de planejar (regular) o comportamento inteligente;
- s6 - O distúrbio da linguagem interna compromete a utilização espontânea da linguagem para fins de comunicação; e,
- s7 - O distúrbio da linguagem interna não compromete nenhum outro aspecto (fonético, sintático, etc.) do uso da linguagem para a comunicação.

4. Orientação

Comentaremos, no capítulo final deste trabalho, a lista das propriedades da linguagem interna segundo os psicólogos soviéticos em conjunto com as que estabelecemos para Goldstein (ver seção 2, acima) e para Ballet (ver capítulo três).

Baste-nos, por ora, duas observações. A primeira relaciona-se ao fato de que, nas três listas que fizemos, duas propriedades sempre ocorrem: a especificidade da representação mental da linguagem e a existência de alguma função da linguagem como instrumento do pensamento. Nesse sentido utilizaremos então a noção de pré-idéia de Fleck (ver capítulo dois) para dizer que essas duas propriedades constituem-se no cerne do conceito de linguagem interna. Sendo assim, um futuro (e muito

mais ambicioso) desenvolvimento do presente trabalho poderia ocupar-se de traçar essa pré-ideia ao longo da história da afasia, mesmo nos autores que não fazem uso explícito do conceito.

A segunda observação tem a ver com as propriedades que, sendo relevantes no contexto de cada lista em separado, não estão presentes em todas elas. Por exemplo, podemos ver que a representação mental da linguagem se dá em termos de palavra tanto para Ballet (imagens-signo) quanto para Goldstein (Wortbe-griff); para os soviéticos, ao contrário, a concepção de linguagem a ser mentalmente representada envolve outros níveis e relações (como a assim chamada predicatividade). Como indicamos no final do capítulo anterior, essa variação pode ser tida como a expressão das mudanças conceituais (fruto de diferentes estatutos ontológicos do conceito de linguagem interna), mas não deve ser vista como uma característica que torna o conceito de linguagem interna inútil para o estudo da afasia. Pelo contrário, a pré-ideia subjacente garante, no que concerne à relação entre pensamento e linguagem, que o conceito é central na investigação da afasia.

NOTAS

1. Talvez 'concluimos' seja um pouco forte. Na verdade, o uso que venho fazendo das idéias de Fleck implicam em ver a noção de pré-idéia como uma noção 'post facto'. Assim, não 'concluimos', mas 'indicamos' a existência de uma pré-idéia. O acerto dessa indicação somente poderá ser avaliado em termos dos dados que se apresentarão neste capítulo.
2. O título desta seção é uma referência ao fato de que praticamente em todos os manuais de afasia encontra-se um capítulo assim denominado, o que atesta o grau de importância que os pesquisadores da afasia atribuem à questão da relação entre pensamento e linguagem. Há mesmo um livro todo dedicado a esse tema (Lebrun & Hoops 1974), resultado de uma conferência internacional realizada em Bruxelas, em 1973.
3. Na medida do que conheço da literatura afasiológica.
4. É precisamente essa possibilidade de deduções não fundadas em fatos clínicos que é objeto das famosas críticas de Head (1926). Tais críticas redundam no epíteto *diagram-makers*.
5. É necessário aqui notar que embora seja possível caracterizar a história inicial da afasia em termos da doutrina sen-

sacionista, há autores da época que não comungam por esse credo. Um caso exemplar é Lordat (1843) que, a propósito da relação entre afasia e inteligência, é frequentemente invocado como precursor daqueles que defendem a inexistência de danos intelectuais a partir da afasia. Seria por certo interessante comparar as posições de Lordat, que lança mão de conceitos como *force vitale*, com as de Broca e Ballet.

6. As idéias 'organísmicas' de Goldstein estão expostas em seu livro *The Organism* (Goldstein 1939).
7. Por exemplo, aí estão implicadas a distinção entre percepção e representação, e a influência das representações sobre a percepção - problemas de resto clássicos na psicologia da Gestalt.
8. Chamo a atenção do leitor para o fato de que Goldstein não usa o termo *intencionalização*. Creio, todavia, que posso usar o termo de Vygotsky para abreviar a longa descrição que Goldstein faz do processo pelo qual a linguagem, originalmente social, passa a ser mental.
9. Uma outra possibilidade seria considerar essa experiência como o conjunto organizado de unidades da língua, definidas estruturalmente. No entanto, Goldstein identifica o 'sistema da língua' ao conceito de 'forma interna da linguagem' (tal como Humboldt o define) e adverte que "When we speak here of 'inner speechform,' we do not mean the inner

experiences of the individual who speaks or understands language, but his system of forms" (Goldstein 1948: 92). Aparentemente, portanto, Goldstein rejeita uma concepção 'sistêmica' da linguagem para caracterizar a linguagem interna, isto é, esta não seria um sistema de formas. Porém, creio que essa rejeição é muito mais um produto do fato de Goldstein ter tomado Humboldt como seu interlocutor do que uma rejeição da possibilidade de dotar a linguagem interna da propriedade de constituir-se num sistema. Com efeito, se lembrarmos que Humboldt opunha uma 'forma fônica externa' (aussere Lautform) a 'forma interna' da linguagem, teremos a chave para esse problema. A forma fônica externa da linguagem para Humboldt (ver. e.g., Malmberg 1971:73) engloba o sistema fonético e fonológico, enquanto a 'forma interna' diz respeito ao léxico e ao sistema gramatical. Ora, Goldstein não poderia identificar a linguagem interna à forma interna da linguagem porque importantes fenômenos fonológicos ocorrem em distúrbios afásicos que tem como explicações, segundo Goldstein, o distúrbio da linguagem interna. Um exemplo, que discutimos mais acima, é o das parafasias.

10. O que não significa que a interpretação de Coudry (1986) não possa harmonizar-se com alguma teoria sobre a relação entre linguagem e pensamento e, muito menos, que ao trabalhar com fenômenos afásicos, essa autora tenha ignorado a questão.

11. Embora concebivelmente se possa englobar muito do que o cognitivismo racionalista investiga sob a noção de linguagem interna (ver Chomsky 1986, por exemplo).
12. Note-se, contudo, que a distinção entre sentido e referência aplica-se, na visão vygotskyana, apenas a uma semântica das palavras. Não há, em seus textos, nenhuma aplicação dessa distinção ao nível das proposições. Isto leva a postular (1962:130), que no início da aquisição da linguagem, isto é, no início da internalização, existe apenas a função 'nominativa' das palavras, isto é, apenas a possibilidade de fazer referência a objetos. Luria (1978: 338-344), com base nessa postulação, identifica uma série de problemas atásicos, os chamados problemas de denominação ('word finding difficulties' ou anomia), com um possível distúrbio da função nominativa da linguagem.
13. Levina (1981:295) assim se expressa sobre isso: "As speech develops, it becomes possible for the child to stabilize perceptions and impressions - to stabilize all his/her sensorymotor experience. Speech becomes an investigative tool, a mechanism for mastering the surrounding world".
14. Resumidamente, a 'fala egocêntrica' é a atividade linguística que acompanha a ação de crianças mas que não tem nenhuma relação com um eventual comportamento comunicativo. Vygotsky (1962) adota esse conceito de Piaget (1924), reinterpretando-o. As noções de fala egocêntrica e lingua-

gem interna na concepção da psicologia soviética serão abordadas em 3.2. abaixo.

15. É de notar que o próprio Wertsch (1979:86-87) reconhece esse problema.
16. É com base neste postulado que se desenvolve, por exemplo, o trabalho de Sokolov (1972), que procura registrar a presença de atividade muscular nos órgãos da articulação em experimentos em que o sujeito é instruído para resolver problemas *sem_falar*. A presença de atividade miográfica revelaria a presença de *fala_interna*, isto é, uma atividade linguístico-cognitiva em que a produção fônica estaria 'inibida'.
17. É conveniente observar que Vygotsky oferece observações empíricas como base dessa e de outras conclusões a cerca da estrutura da linguagem interna. Esses dados derivam de observações da 'fala egocêntrica' (ver nota 14).

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM INTERNA NO ESTUDO DA AFASIA:
Conclusão

Procurei, nos capítulos precedentes, oferecer dados (principalmente históricos) e argumentos que visavam indicar que o conceito de 'linguagem interna' tem um papel central no estudo da afasia, apesar de isso nem sempre ser reconhecido pelos pesquisadores. Insisto em que, o que fiz, foi indicar esse papel - uma demonstração da importância da linguagem interna na pesquisa da afasia implica em um trabalho adicional, que fica aqui apenas sugerido: é preciso verificar (a) como outros autores abordam o problema, e (b) como inserir o conceito no argumento dos (muitos) estudiosos que não fazem uso explícito dele.

Com o fim de indicar a importância desse conceito, desenvolvi a seguinte hipótese ao longo dos quatro capítulos:

1. O conceito de linguagem interna é uma maneira de dar conta da relação entre linguagem e pensamento no estudo da afasia;
2. A cada momento da história da afasia correspondeu uma formulação desse conceito;

3. Há uma pré-ideia comum a essas formulações que permite relacioná-las entre si;
4. A pré-ideia de linguagem interna envolve duas propriedades: uma representação mental específica da linguagem, e uma função instrumental dessa representação em relação ao pensamento;
5. A cada formulação em torno dessa pré-ideia corresponde um conjunto de traços que distinguem o sentido de cada uma delas: e,
6. Cada conjunto de propriedades semanticamente relevantes define o estatuto ontológico de cada formulação do conceito de linguagem interna.

Essa hipótese (e os instrumentos que foram usados para se chegar a ela - a análise lógico-semântica de Achinstein e a perspectiva histórica de Fleck) permite-nos abordar, de maneira adequada, os problemas conceituais que apontamos no primeiro e segundo capítulos deste trabalho. Esse problemas diziam respeito principalmente à necessidade de adotar um quadro teórico preciso que deixasse de lado as confusões conceituais da classificação tradicional das afasias; um quadro teórico, portanto, cujos conceitos tivessem um estatuto ontológico bem definido. Esse é o caso das posições defendidas por Caramazza (1984), que estudamos em detalhe. Vimos (capítulo 1, seção 1) que a demanda por 'rigor científico' leva a manter algumas noções original-

mente surgidas nos quadros teóricos que informam a taxonomia clássica, como o conceito de 'dissociação'. Vimos também (capítulo um, seção 2) que se excluem outras noções, sob a alegação de que elas seriam confusas. E o caso do conceito de linguagem interna. No caso específico da linguagem interna, porém, como procuramos mostrar (capítulo quatro, seção 1), o que se joga fora junto com o conceito é a possibilidade de acomodar devidamente uma observação empírica corriqueira: os sujeitos afásicos apresentam concomitantemente a seus déficits linguísticos, problemas de natureza intelectual. A questão a ser levantada é pois: o deficit intelectual tem algo a ver como o deficit linguístico? O conceito de linguagem interna é uma maneira de abordar essa questão, que é, digamos assim, um 'caso especial' da questão mais geral implicada na afirmação de que há uma relação entre pensamento e linguagem.

A discussão das concepções de Ballet, Goldstein e dos psicólogos soviéticos acerca da linguagem interna no estudo da afasia resultou na seguinte lista (parcial) de propriedades que se atribuíram ao conceito nesses três 'momentos' históricos distintos:

- b1 - Existe uma representação específica da linguagem em termos de imagens sensoriais (=imagens-signo);
- b2 - As imagens-signo fixam idéias e as evocam para o pensamento, i.e., elas tem uma função memotécnica;

- b3 - As imagens-signos definem-se em termos de modalidades sensoriais: elas podem ser auditivas, visuais, motoras da articulação e motoras gráficas (escrita);
- b4 - As imagens-signos definem-se em termos de palavras;
- b5 - Os diversos tipos de afasia definem-se como o distúrbio (total ou parcial) de cada uma das modalidades das imagens-signos;
- b6 - As imagens-signos auditivas são hierarquicamente superiores às outras;
- b7 - As imagens-signos são da ordem dos fenômenos perceptuais, e por isso são passíveis de descrição em termos dos parâmetros físicos que definem os estímulos sensoriais que lhes dão origem;
- b8 - Há uma predisposição inata para a especialização de áreas do sistema nervoso central;
- b9 - A predisposição inata para a especialização de áreas não é uniforme entre os indivíduos da espécie humana no que concerne imagens-signos, de modo que a especialização para uma das modalidades pode ser mais desenvolvida em alguns indivíduos;
- g1 - Há uma representação mental específica da linguagem;

- g2 - O conteúdo dessa representação constitui-se em 'conceitos de palavras';
- g3 - Os 'conceitos das palavras' tem a função de fixar e suportar a relação figura-fundo que define o funcionamento intelectual pelo menos nos comportamentos onde a expressão linguística aparece;
- g4 - A compreensão da linguagem depende, parcialmente, da integridade dos 'conceitos de palavras';
- g5 - A produção (oral ou escrita), bem como a leitura, dependem do 'conceito das palavras'. O distúrbio desta causa, neste caso, parafasias, paragrafias e paralexias;
- g6 - Não há comprometimento do significado de palavras (e de expressões linguísticas mais complexas) no caso de distúrbio da linguagem interna;
- g7 - A linguagem interna tem uma estrutura própria, distinta da estrutura da linguagem externa;
- g8 - A linguagem interna serve para orientar a compreensão consciente;

- s1 - Linguagem e pensamento são ontologicamente distintos;
- s2 - Há uma representação internalizada da linguagem;
- s3 - Estruturalmente, essa representação é abreviada em relação a linguagem externa. Ela é 'predicativa' e 'aglutinada';
- s4 - A linguagem interna é altamente dependente do contexto (mental), que é sempre transparente;
- s5 - A linguagem interna tem duas funções frente ao pensamento: por um lado fornece os meios de categorizar a experiência e, por outro, fornece os meios de planejar (regular) o comportamento inteligente;
- s6 - O distúrbio da linguagem interna compromete a utilização espontânea da linguagem para fins de comunicação;
e,
- s7 - O distúrbio da linguagem interna não compromete nenhum outro aspecto (fonético, sintático, etc.) do uso da linguagem para a comunicação.

Assim apresentada, esta lista não é de muita utilidade. Mas é possível estruturá-la identificando três subconjuntos de propriedades:

I. As propriedades b1, b2, g1, g2, g2 e g5 dizem respeito ao que temos chamado, seguindo Fleck (1979; ver capítulo dois, seção 5) de práxideia do conceito de linguagem interna. As propriedades b1, g1, e g2, obviamente, dizem respeito à especificidade da representação mental da linguagem. No caso de b2, g2 e g5 temos a expressão do papel instrumental da linguagem no pensamento, apesar de os diferentes autores conceberem de forma diferente esse papel instrumental.

II. O segundo subconjunto compreende as propriedades semanticamente relevantes, no sentido de Achinstein (1969; ver capítulo dois, seção 6), e definem o estatuto ontológico do conceito de linguagem interna (veja capítulo um, seção 2, e capítulo dois, seção 4). As propriedades que integram este segundo subconjunto são: b3, b4, b7 e talvez b6, no caso de Ballet (e do empirismo sensacionista); g2 e g6 no caso de Goldstein; e g3 e g4 no caso de Luria e da psicologia soviética.

III. As demais propriedades (b5, b8, b9, g4, g5, g7, g8, g1, g6 e g7) são não semanticamente relevantes para a definição do conceito de linguagem interna e dizem respeito ou a explicação de certos sintomas afásicos por meio do conceito de linguagem interna - como no caso de b5, g5 e g7 - ou então refletem certas assunções adicionais relativas a teorias psicológicas ou linguísticas adotadas pelos respectivos autores - como g1 e b8.

Visto da perspectiva instaurada por essa 'estrutura' tripartite, podemos concluir que o conceito de linguagem inter-

na mantém-se como um dos conceitos-chave para o estudo da afasia, desde o início da história de sua investigação. É isto porque é através desse conceito que tanto a questão da representação mental da linguagem quanto a de seu papel instrumental 'penetram' o estudo do distúrbio afásico. Mais ainda, vemos que mesmo quando não explicitamente utilizado, pode-se considerar que o conceito é operante (na medida em que problemas de linguagem e de comportamento inteligente estejam envolvidos). Isso leva a considerar que se adotamos uma perspectiva 'realista' na investigação dos fenômenos afásicos, como por exemplo a de Caramazza (1984), teremos que adotar, ao lado do 'fracionamento' (dissociação), um postulado que diga respeito à 'linguagem interna'.

Além disso, estruturada da forma como fizemos acima, essa lista de propriedades do conceito permite abordar o problema do desenvolvimento do conceito. Consideremos o problema dos diversos estatutos ontológicos que se associam à linguagem interna.

A partir da análise que fizemos, podemos concluir que propriedades semanticamente relevantes associadas ao conceito (para além daquelas que compõem a pré-ideia), definem o estatuto ontológico da linguagem interna como concebida e usada por cada um dos autores que investigamos. Consideremos, no caso de Goldstein, as propriedades g_2 (o conteúdo dessa representação mental da linguagem constitui-se em 'conceitos de palavras') e g_3 (os 'conceitos das palavras' tem a função de fixar e supor-

tar a relação figura-fundo que define o funcionamento intelectual pelo menos nos comportamentos onde a expressão linguística também está presente). Essas duas propriedades introduzem, respectivamente, as idéias de que a linguagem resolve-se ao nível das palavras (ao menos no que concerne a linguagem interna) e que sua função é a fixação e suporte de uma relação psicológica mais básica ou fundamental (a relação figura-fundo). Concebida nos termos dessas propriedades, a linguagem interna na perspectiva de Goldstein é (ontologicamente) diferente da linguagem interna na perspectiva de Luria. No caso deste último autor, as duas propriedades que correspondem às que acima mencionamos são α_2 (há uma representação internalizada da linguagem) e α_4 (a linguagem interna tem duas funções frente ao pensamento: por um lado fornece os meios de categorizar a experiência e, por outro, fornece os meios de planejar (regular) o comportamento inteligente). Note, no caso de α_2 , a idéia de que a linguagem é intelectualizada. Isso indica a adocção de um compromisso genético (e ontológico) que não estava presente na concepção de Goldstein. Isto é, aquilo que é representado internamente deriva dos elementos e relações que se encontram na linguagem externa, pública. Na concepção de Luria, a linguagem interna estrutura-se em mais do que apenas palavras: aí encontraremos, como vimos, também a relação entre sujeito e predicado psicológico por exemplo. Com relação a α_4 , a diferença é ainda mais flagrante: a linguagem interna fornece ao pensamento os meios de categorizar e regular o comportamento.

Aparentemente, em termos de seus respectivos estatutos ontológicos, as concepções de linguagem interna de Goldstein, Luria e Ballet são incomensuráveis. O conceito de incomensurabilidade foi introduzido por Kuhn (1970:148) para dar conta da observação de que na transição de uma para outra teoria as palavras (conceitos) alteram seus significados ou condições de aplicação (ver também Kuhn 1979). Em outros termos, cientistas vinculados a paradigmas diferentes vêem de forma diferente (e incomensurável) certas situações experimentais. Um exemplo típico (ver Kuhn 1970: 118ss) é o das distintas maneiras pelas quais Aristóteles e Galileu vêem a oscilação de um corpo pesado pendendo de uma corda. No caso do primeiro, trata-se da tendência de um corpo para o repouso em uma posição mais baixa do que a inicial. Para Galileu, trata-se do movimento pendular. Possivelmente, neste caso, pode-se falar em visões de mundo incomensuráveis (embora isso tenha sido criticado; veja Toulmin 1979: 54-55). Mas, no caso do conceito de linguagem interna visto a partir da lista de propriedades acima estruturada, a incomensurabilidade parece um critério demasiadamente restrito. É bem verdade que certas propriedades da lista que contribuimos podem ser consideradas incompatíveis entre si. É o caso de s2 e s5, onde se defende ora a existência de problemas a nível fonológico e/ou morfológico em consequência do distúrbio da linguagem interna, ora o reverso. Porém, concluir daí que as concepções de linguagem interna de Luria e Goldstein são incomensuráveis significa ignorar que há uma pré-ideia comum a ambas as concepções. Se a ênfase é colocada sobre a pré-ideia, então a variabilidade das propriedades que definem o conceito em contextos

históricos e teóricos distintos pode ser abordada em termos do desenvolvimento do conceito, e não em termos da incomensurabilidade de suas diversas concepções.

No entanto, suponho que algo como a 'incomensurabilidade' levou ao abandono da noção de linguagem interna no estudo da afasia e, como essa noção tem um papel central no estudo dessa entidade patológica, aos problemas conceituais que procurei mostrar no capítulo inicial deste trabalho. Isto é, ao abandonar o conceito de linguagem interna, os pesquisadores da afasia viram-se privados de um instrumento teórico importante no equacionamento dos problemas cognitivos que associam-se à afasia. Enfatizo que se trata de um problema teórico, porque não se pode negar que a pesquisa empírica da afasia acaba sempre por trazer à tona o problema da relação entre pensamento e linguagem. Dito de outra forma, atribuir demasiada importância às propriedades semanticamente relevantes que fazem uma diferença ontológica, mas ignorar a existência de outras que constituem a pré-ideia, e que por isso podem ser encaradas como constituidoras de uma identidade para o conceito, resulta numa atitude negativa para com a noção de linguagem interna, que se traduz, a mais das vezes, em seu abandono. No estado atual da investigação da afasia, a solução para esse beco sem saída passa, entre outras coisas, pelo desenvolvimento de uma maior consciência histórica e metodológica por parte dos pesquisadores, que permitisse um olhar mais relativizante para os problemas de desacordos teóricos (por exemplo, sobre diferentes estatutos associados a um conceito).

Tendo feito pois esse percurso histórico e metodológico para mostrar a relevância do conceito de linguagem interna para o estudo da afasia, resta-nos apontar para algumas de suas consequências:

1. Ao comentar, mais acima, as propriedades g_2 , g_3 , s_2 e s_4 passamos ao largo de um problema fundamental. Na definição delas os conceitos de linguagem e pensamento tem um papel crucial. Por exemplo, a concepção de linguagem de Golstein 'contém' uma definição de palavra que é tomada por esse autor como mais central para a definição de linguagem interna que, digamos, uma possível definição de estrutura da frase em termos de constituintes imediatos. Assim, a propriedade g_2 toma o conceito de palavra como central (no sentido de Achinstein, discutido no capítulo dois, seção 6) para a definição de linguagem interna. No caso de Luria (propriedades s_2 e s_3), uma determinada concepção de linguagem leva a postular como central a concepção genética de que ela (a linguagem) é um fato social a ser internalizado num processo que determina características estruturais da linguagem interna a partir de características da linguagem externa (por exemplo, a distinção entre sujeito e predicado psicológicos). Segundo Dascal (1982:19ss), essas diferenças podem ser vistas como resultado de diferentes estipulações acerca dos conceitos envolvidos, no caso, o conceito de linguagem. Portanto, diferentes concepções de linguagem levam a diferentes estipulações acerca do que se tomará como propriedade (semanticamente relevante) do conceito de linguagem interna.

Vejamos, pois, como uma diferente concepção dos fenômenos linguísticos pode levar a postulação de uma diferente propriedade da linguagem interna. Dascal (1983:8) propõe que a relação entre linguagem e pensamento deve ser abordada não apenas a partir do nível das estruturas linguísticas, mas também a partir de seu uso. A teoria do uso da linguagem, i.e., a pragmática, pode ser caracterizada como a teoria das inter-relações entre a linguagem e a situação comunicativa na qual ela é usada. Não há dúvidas de que o uso comunicativo da linguagem é muito importante. Mas é necessário admitir que existe um outro uso da linguagem; ela (e outros sistemas semióticos) não é apenas um instrumento de comunicação, mas também (como vimos ao longo deste trabalho) do pensamento. Se aceitarmos isso, aceitaremos que o estudo desse tipo de uso da linguagem também faz parte da pragmática. Dascal (1983) distingue assim dois domínios de estudos pragmáticos: a sócio-pragmática (estudo do uso comunicativo da linguagem) e a psico-pragmática (estudo do uso mental da linguagem).

A distinção entre a sócio-pragmática e a psico-pragmática é a distinção entre os fatores pragmáticos 'externos' que tem a ver com a percepção do 'input' linguístico e sua interpretação em uma dada situação, e os fatores pragmáticos 'internos' que influenciam o desenvolvimento das operações cognitivas, e que de alguma forma envolvem a linguagem. Estes fatores tem uma natureza peculiar. Os fatores externos tomam a linguagem como 'input' e apoiam-se nela, e em informações contextuais, para produzir uma representação não linguística como

'output' (ou, inversamente, geram um 'output' linguístico apropriado a uma certa situação). Os fatores pragmáticos 'internos' agem no sentido oposto. A linguagem, nesse caso, seria um dos fatores 'ambientais', isto é, um dos fatores que afetam o desenvolvimento do comportamento e o resultado das próprias operações cognitivas. Nesse sentido, a psico-pragmática é uma teoria acerca de como o 'ambiente linguístico' do pensamento o afeta ou determina, por oposição à sócio-pragmática que é uma teoria acerca de como o 'ambiente não linguístico' (que inclui o pensamento e a situação) determina a interpretação e a produção da linguagem. Em essência, portanto, abordar a linguagem a partir de uma perspectiva psico-pragmática é abordá-la não como determinada pelo contexto, mas como sendo, ela própria, parte do contexto (ver Dasgal [1983, 1984 e 1987] para uma exposição mais detalhada dessa idéia).

A partir dessa perspectiva é possível interpretar certos problemas linguísticos que ocorrem na patologia mental como decorrentes de um uso mental da linguagem não conforme os padrões da normalidade. Vamos tomar como exemplo a esquizofrenia (ver Dasgal & Francozo nd). Neuringer (1982) diz que uma das explicações possíveis para os problemas cognitivos exibidos por esquizofrênicos relaciona-se ao baixo nível de energia (psíquica) apresentado por esse sujeito. A hipótese é que a confusão verbal desses sujeitos ('schizophrenic verbal garbage') é resultado da diminuição da capacidade de controlar operações mentais. O que parece é que o esquizofrênico não dispõe de reservas (energéticas) para efetuar construções linguísticas com

precisão. Sua linguagem é repleta de aproximações de palavras e construções mais precisas: o sujeito usa expressões substitutivas em vez de usar a palavra precisa aparentemente porque os circunlóquios exigem menos de sua economia psíquica. Podemos interpretar esse quadro, em nossos termos, dizendo que, por operar com baixos níveis de energia, o sujeito não consegue lidar adequadamente com o contexto linguístico do seu pensamento.

Vejamos a resposta dada por um paciente a quem se pediu que definisse a palavra *contentment*:

"Well, uh, contentment, well the word, contentment, having a book perhaps, perhaps having a subject, perhaps you have a chapter of reading, but when you come to the word 'men' you wonder whether you should be content with men in your life and then you get to the letter 't' and you wonder if you should be content having tea by yourself or be content with having it with a group or so forth" (Lorenz, 1961).

Nesse exemplo, ocorreu algum tipo de segmentação morfológica que influenciou no desempenho da tarefa pelo paciente, isto é, fornecer uma definição, por meio de exemplos, da palavra *contentment*. Em relação a isso é interessante notar a segmentação que originou a palavra *tea*. Poderíamos descrever o processo dizendo que aconteceu um estranho tipo de associação por homofonia entre uma letra e uma palavra. Note que o paciente parece ter conhecimento da diferença, em termos linguísticos, entre letras e palavras (como atesta o uso adequado desses termos na

passagem citada). Portanto, não é o 'valor' linguístico dos elementos que foi confundido. Ao contrário, foi precisamente sua (reconhecida) diferença que foi tomada como a 'base material' a partir da qual a associação pode ser construída. Isto é, apenas pela capacidade de 'descobrir', em primeiro lugar, uma representação gráfica (uma letra) no interior de uma palavra e relacioná-la a um segmento fônico, e em seguida 'encontrar' um item lexical cuja representação fonológica assemelhasse ao segmento em questão, é que o sujeito pode chegar ao ponto de fornecer (mais) um exemplo do que significaria estar...feliz. Mas estas não são associações linguisticamente sistemáticas, no sentido de serem governadas por regras fonológicas, sintáticas ou semânticas. Ao contrário, são operações levadas a efeito por meio de e sobre material linguístico: elas baseiam-se nas propriedades linguísticas do material disponível, mas são guiadas por princípios de uma natureza totalmente diferente. Voltando à hipótese do 'baixo nível energético', pode-se concluir que a intrusão do contexto linguístico não é aleatória, mas ocorre a partir de certos princípios de operação psíquica (a associação). A bem da verdade, Neuringer não sugere exatamente isso, mas parece plausível abordar a linguagem esquizofrênica (como exemplificada acima) nos termos dessa re-interpretação psicopragmática da hipótese do 'baixo nível energético'.

Em vista do que se discutiu acima, podemos propor a existência de uma propriedade da linguagem interna que difere das que vimos até agora, isto é, que há um uso da linguagem como instrumento do pensamento em que ela figura como 'contexto'

das operações mentais. Mas, como aplica-se essa propriedade ao caso dos distúrbios atáxicos? Sem pretender endossar as idéias de Goldstein, essa propriedade concebivelmente 'refinaria' a explicação dos problemas englobados pela hipótese da desdiferenciação (ver capítulo quatro, seção 2). Recordo que essa hipótese era usada para dar conta de certos tipos de parafasias, que foram descritas por Lotmar (1919). Abreviadamente, com base na propriedade do uso mental linguagem que estamos propondo, pode-se dizer que a enunciação de 'séries' como *rir*, *mudar* e *remar* e também a enunciação de *sandar*, no contexto dos exemplos de Coudry (1986) explicam-se pela suposição de que *rir* e *mudar* estavam presentes no contexto mental do sujeito, e foram enunciadas por causa de associações de natureza linguística (semântica, no primeiro caso, e morfológicas, no segundo). Isto é, além do princípio da desdiferenciação, o princípio que estamos verificando (a linguagem enquanto contexto das operações mentais) ajudaria a explicar que *mudar* foi enunciado em vista da regra morfológica de formação do infinitivo em português.

2. Há atualmente pelo menos uma utilização da expressão *linguagem interna* que difere daquela que emerge deste trabalho:

"...for H to Know L is for H to have a certain I- language. The statements of a grammar are statements of the theory of mind about the I-language, hence statements about the structure of the brain formulated at a certain level of abstraction from mechanisms. These structures are specific things in the world, with their specific properties" (Chomsky 1986:22).

Nesse trecho, H significa 'ser humano', L significa 'linguagem' e I, obviamente, 'interna'. Não será preciso, creio, determo-nos aqui sobre as bem conhecidas idéias da gramática gerativa. Lembro apenas que a distinção entre competência e desempenho leva a postular que a 'I-language' é distinta de outros possí-veis sub-sistemas mentais. Esse postulado foi levado às suas consequências mais extremas na teoria da modularidade da mente de Fodor (1983) que se define, entre outras coisas, pela atri-buição, à linguagem pelo menos, de uma propriedade de 'encapsu-lamento', isto é, pela propriedade que o sub-sistema linguísti-co teria de não interagir com os outros sub-sistemas cognitivos (para uma crítica e reavaliação da teoria da modularidade de Fodor, veja Franchi [1986] e Motta Maia [1986]). Nessa perspec-tiva, o encapsulamento, ou a consideração de que a linguagem interna é da ordem da competência, leva a excluir qualquer pa-pel instrumental da linguagem nos fenômenos cognitivos. A conse-quência disso é que a linguagem interna, tal como abordada na teoria gerativa e na psicologia cognitiva que se lhe segue, di-fere de maneira essencial daquela que encontramos em nossa in-vestigação histórica do conceito como utilizado na pesquisa afasiológica.

Temos aqui um problema. Isto é, a segunda das proprie-dades que, no estudo da afasia, definem a pré-idéia de lingua-gem interna (sua função instrumental no pensamento) é negada pela propriedade do encapsulamento dos módulos cognitivos sub-jacentes à linguagem. Curiosamente, porém, Fodor (1983) vincula

historicamente a modularidade às faculdades especificadas em termos de conteúdo cognitivo por Gall (veja capítulo um, seção 3). O mesmo tipo de vínculo está presente no início da história da afasia (ver capítulo três, seção 1), momento em que o conceito de linguagem interna era explicitamente utilizado para dar conta não apenas da representação mental específica da linguagem como também de sua função psicotécnica frente ao pensamento.

Nesse contexto, deve-se indagar a razão dessa diferença. Não tenho condições, presentemente, de oferecer alguma resposta a essa pergunta. Mas posso especular que uma das razões que leva Fodor a não considerar a função instrumental da linguagem está no fato de ele não ter-se ocupado do estudo da afasia. Como já observei mais acima, o problema dos distúrbios intelectuais na afasia é uma observação empírica que requer uma explicação. Na afasiologia, essa explicação consegue-se por meio da noção de linguagem interna. Ora, como estudamos nesta monografia, a noção de linguagem interna só se tornou possível a partir da concepção de faculdade de Gall. Portanto, concebivelmente, estudar a afasia é estudar o mesmo tipo de problemas estudados por Fodor (1983), mas com uma diferença: no estudo do distúrbio de linguagem é também preciso perguntar-se sobre seu papel frente ao pensamento, e não apenas sobre a natureza de sua representação mental. É claro que essa mudança de perspectiva, no caso do encapsulamento postulado por Fodor, traria problemas. Que são na verdade a imagem especular dos que teríamos se quiséssemos dar conta do desenvolvimento conceitual na

história da afasia a partir da noção de módulos encapsulados e não a partir da noção de linguagem interna.

3. No capítulo inicial deste trabalho, chamei a atenção para alguns problemas de natureza conceitual que aparentemente são entraves ao desenvolvimento do estudo da afasia. Tendo efetuado uma análise conceitual de uma das noções centrais para o estudo dos distúrbios afásicos, a linguagem interna, podemos agora generalizar os resultados obtidos e 'aventurar' algumas sugestões de caráter prático que poderiam contribuir para tornar menos nebulosas as questões conceituais na afasia.

Retomemos Caramazza (1984), e sua distinção entre um sentido forte e outro fraco para a noção de síndrome. Como vimos (capítulo um, seção 1), essa distinção lembra a distinção entre realismo e instrumentalismo. No entanto, argumentamos que a taxonomia clássica (Broca-Wernicke) não pode ser simplesmente concebida como uma instância do sentido fraco da noção de síndrome porque a doutrina clássica baseia-se em princípios que são da mesma natureza que os necessários para uma concepção realista e forte das síndromes afásicas a partir dos postulados da psicologia cognitiva contemporânea. Nesse contexto, a análise lógico-semântica de Achinstein (1969) e, principalmente, a distinção entre propriedades relevantes e semanticamente relevantes para a definição de um conceito pode nos fornecer uma outra maneira de abordar a taxonomia clássica.

Podemos admitir que propriedades semanticamente relevantes obrigam a postular entidades teóricas dotadas de poder causal, isto é, entidades que devem ser abordadas como estruturas causais reais. No caso da afasia, a linguagem interna é uma dessas entidades, que diz respeito à relação entre pensamento e linguagem no quadro de lesões do substrato material (cortical) do comportamento linguístico. Mas as entidades desse tipo também podem ser definidas a partir de propriedades não semanticamente relevantes. Nesse caso, teríamos uma definição funcional, que pode ser tomada como uma entidade teórica puramente instrumental, sem implicações realistas. Vimos, na lista acima, que a linguagem interna também pode ser caracterizada dessa forma. Portanto, no caso da linguagem interna, teríamos duas possibilidades de interpretação: uma realista, que a toma como uma estrutura causal (que por exemplo explica os distúrbios intelectuais na afasia), e outra instrumental, que a toma funcionalmente como uma maneira de ordenar e sistematizar observações empíricas, mas não como uma maneira de referir-se a entidade reais (por exemplo, como uma maneira de correlacionar distúrbios de expressão oral e expressão escrita na afasia).

Se é possível conceber a linguagem interna nos termos acima, então será também possível conceber qualquer construção teórica referente à afasia em termos de uma interpretação realista e outra instrumentalista. Portanto, a taxonomia clássica poderá tanto ser vista realisticamente nos termos de Caramazza (1984), quanto instrumentalmente, nos termos da versão fraca do conceito de síndrome. Além de permitir uma certa 'reconcilia-

ção' entre modernas teorias da afasia e a visão clássica dessa entidade nosológica, uma das principais consequências práticas dos comentários acima está em que se poderá evitar o que no capítulo um, chamamos de 'política do avestruz'. Uma análise como a de Achinstein permite lidar com mudanças no estatuto ontológico de um conceito sem ter que rejeitá-lo *in limine*. Isto é, o conceito de linguagem interna poderá ser tomado apenas instrumentalmente como um modo de articular a coocorrência de sintomas afásicos, a despeito de variações teóricas. Ou então, o que é uma posição mais interessante, os autores que adotam diferentes posturas teóricas poderiam mais claramente discutir o poder causal das distintas propriedades semanticamente relevantes (que, afinal, 'fazem' a diferença entre suas respectivas posições teóricas). Assim, não seria preciso ignorar a variação conceitual da linguagem interna (ou qualquer outra ferramenta teórica); ao contrário, ela seria um dos objetos de investigação da pesquisa afasiológica.

4. A última consequência a ser retirada da investigação que fizemos concerne simultaneamente a questões metodológicas e epistemológicas. Metodologicamente, a análise de propriedades de um conceito como a proposta por Achinstein (1969) permite a adoção de um 'modelo' de análise conceitual em que se pode dar conta da variação do estatuto ontológico das propriedades em termos do contexto teórico em que o conceito é utilizado. Como vimos mais acima, a alternativa para uma análise desse gênero seria a postulação da incomensurabilidade entre os diversos 'sentidos' de um conceito, como proposta por Kuhn (1970), o que

pelo menos no caso da análise da linguagem interna seria inadequado. Esse tipo de análise permite ainda ver que, epistemologicamente, conceitos que tem um papel teórico fundamental não são rigidamente fixados com um certo estatuto ontológico (e, portanto, são inúteis fora do contexto teórico onde surgiram) e nem são completamente fluidos (e portanto inúteis porque escapam a qualquer esforço de sistematização). Ao contrário, conceitos teoricamente fundamentais obedecem a certos condicionamentos que não devem ser desconhecidos por aqueles que os usam, pois do contrário teremos que concordar que a afasia, e mais ainda a linguagem interna, é um estranho e improvável objeto de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aarsleff, H. 1982 Taine and Saussure, in Aarsleff, H. *From Locke to Saussure*, Minneapolis: University of Minnesota Press (publicado originalmente em *The Yale Review* 68: 71-81, 1978).
- Achinstein, P. 1968 *Concepts of Science*, Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- Akhutina, T. 1978 The role of inner speech in the construction of an utterance, *Soviet Psychology* XVI (3): 3-30.
- _____ & Tseyetkova, L.S. 1983 Comments on a standardized version of Luria's tests, *Brain and Cognition* 2 (2) : 129-134.
- Albano, E. 1996 Modulado contra modular: contribuição ao debate do inatismo. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 8: 37-61.
- Azcoaga, J.E. 1977 *Trastornos del Lenguaje*, Buenos Aires: El Ateneo.
- Baillet, G. 1988 *La Langage Intérieure et les Diverses Formes de l'Échec*, Paris: Felix Alcan.

- Bartlett, F.C. & Smith, E.M. 1920 Is thinking merely the action of language mechanisms?, *British Journal of Psychology* 11: 55-62.
- Bastian, H.C. 1897 Some problems in connection with aphasia and other speech defects, *Lancet* 25: 933-942 [citado em Ellis et al. 1983].
- Benton, A.L. & Joynt, R.J. 1960 Early descriptions of aphasia, *Archives of Neurology* 3: 205-222.
- Boguslawski, A. 1977 *Problems of the Thematic-Rhematic Structure of Sentences*. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe.
- Boring, E.G. 1950 *A history of Experimental Psychology*. N.Y.: Appleton-Century-Crofts.
- Bouillaud, J.-B. 1825 Recherches cliniques propres à démontrer que la perte de la parole correspond à la lésion des lobules antérieurs, et à confirmer l'opinion de M. Gall sur le siège de l'organe du langage articulé, *Archives Générales de Médecine*. IIIe. année, t.8 [republicado em Hécaen & Du-bois (eds.) 1969].
- Erain, L. 1980 *Alteraciones del Lenguaje*. Buenos Aires; Ed. Panamericana.

Broadbent, W.H. 1872 On the cerebral mechanisms of speech and thought, *Medico-Chirurgical Transactions* 55: 145-194 [citado em Ellis et al. 1983].

Broca, P. 1861a Perte de la parole, ramollissement chronique et destruction partielle du lobe antérieur gauche du cerveau, *Bulletin de la Société d'Anthropologie*. t.II, pp. 235-237 [republicado em Hécaen & Dubois (eds.) 1969].

_____ 1861b Remarques sur la siège de la faculté du langage articulé, suivi d'une observation d'aphémie (perte de la parole), *Bulletin de la Société d'Anthropologie* 4: 330-357 [republicado em Hécaen & Dubois (eds.) 1969].

_____ 1865 Sur la siège de la faculté du langage articulé, *Bulletin de la Société d'Anthropologie*, T.VI, pp. 337-393 [republicado em Hécaen & Dubois (eds.) 1969].

Caramazza, A. 1984 The logic of neuropsychological research and the problem of patient classification in aphasia, *Brain and Language* 21: 9-20.

Carnap, R. 1965 *Meaning and Necessity*, Chicago: The University of Chicago Press.

Cazayus, P. 1977 *L'Aphasie du Point de Vue du Psychologue*, Bruxelles: Dessart et Mardaga.

- Chafe, W.L. 1974 Language and consciousness, *Language* 50: 111-143.
- Chomsky, 1973 Introduction, in Schaff 1973, pp. v-x.
- _____ 1984 *Modular Approaches to the Study of Mind*, San Diego, Cal.: San Diego State University Press.
- _____ N.A. 1986 *Knowledge of Language*, N.Y.: Praeger.
- Cole, M & Scribner, S.D. 1974 *Culture and Thought: a psychological introduction*, N.Y.: Wiley.
- Doppleston, F. 1964 *History of Philosophy*, vol. V, N.Y.: Image Books.
- Coleman, L. & Kay, P. 1981 Prototype semantics: the English word lie, *Language* 57(1) : 26-44.
- Coudry, M.I.H. 1986 *Diário de Narciso: avaliação e acompanhamento longitudinal de sujeitos afásicos, de uma perspectiva discursiva*, UNICAMP, tese de doutoramento (inédita).
- Dascal, M. 1978 *La semiologia de Leibniz*, Paris: Aubier Mon-

- Chafe, W.L. 1974 Language and consciousness, *Language* 50: 111-143.
- Chomsky, 1973 Introduction, in Schaff 1973, pp. v-x.
- _____ 1984 *Modular Approaches to the Study of Mind*, San Diego, Cal.: San Diego State University Press.
- _____ N.A. 1986 *Knowledge of Language*, N.Y.: Praeger.
- Cole, M & Scribner, S.D. 1974 *Culture and Thought: a psychological introduction*, N.Y.: Wiley.
- Copleston, F. 1964 *History of Philosophy*, vol. V, N.Y.: Image Books.
- Coleman, L. & Kay, P. 1981 Prototype semantics: the English word lie, *Language* 57(1) : 26-44.
- Coudry, M.I.H. 1986 *Diário de Narciso: avaliação e acompanhamento longitudinal de sujeitos afásicos de uma perspectiva discursiva*, UNICAMP, tese de doutoramento (inédita).
- Dascal, M. 1978 *La semiologie de Leibniz*, Paris: Aubier Montaigne.
- _____ 1982 Duas tribos e muitos círculos, *Crítica* XIV (40): 3-33.

----- 1983 Pragmatics and the Philosophy of Mind... vol. I: Thought in Language, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

----- 1984 Towards psychopragmatics. In T. Borbé (Ed.) Semiotics Unfolding (Proceedings of the Second Congress of the International Association for Semiotic Studies), vol. II, (pp. 1119-1126). Berlin/New York/Amsterdam: Mouton.

----- 1987 Language and reasoning: sorting out sociopragmatic and psychopragmatic factors. In B.W. Hamil, R.C. Jernigan, & J.C. Bordreux (Eds.) The Role of Language in Problem Solving...2 (pp.183-197). Amsterdam: Elsevier (North Holland).

----- & Francozo, E. nd The pragmatic turn in psycholinguistics: problems and perspectives, manuscrito inédito.

Dewey, J. 1886 Psychology, N.Y.: Harper.

Egger, V. 1881 La Parole Intérieure, Paris: Felix Alcan (segunda edição: 1904).

Ellis, A.W. (ed.) 1982 Normality and Pathology in Language Eunction, New York: Academic.

- _____, Miller, D. & Sinn, G. 1983 Wernicke's Aphasia and Normal language Processing: A Case Study in Cognitive Neuropsychology, *Cognition* 12 (1-3): 111-144.
- Fillmore, C. 1976 Frame semantics and the nature of language, in Stevan, Steklis & Lancaster (eds.).
- Finkelnburg, F.C. 1870 Uber Aphasie, *Beil. Klin. Wochr. Z.*: 449-450, 460-462.
- Fleck, L. 1979 *Genesis and Development of a Scientific Fact*, Chicago: The University of Chicago Press.
- Fodor, J.A. 1968 *Psychological Explanation*, New York: Random House.
- _____ 1975 *The Language of Thought*, New York: Crowell.
- _____ 1983 *The Modularity of Mind*, Cambridge, Mass./London: The MIT Press.
- Franchi, C. 1986 Reflexões sobre a hipótese da modularidade da mente, *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 9: 17-35.
- Fritsch, G. & Hitzig, E. 1870 Ueber die elektrische Erregbarkeit des Grosshirns, *Archiv für Anatomie, Physiologie und wissenschaftliche Medizin*.

- Gall, F.J. 1835 Gall's works, Boston (trad. W. Lewis).
- Garret, M.F. 1982 Production of speech: observations from normal and pathological language use, in Ellis (ed.) 1982, pp. 19-76.
- Geschwind, N. 1964 The paradoxical position of Kurt Goldstein in the history of aphasia, Cortex 1:214-224. [republicado em Geschwind 1974].
- _____ 1974 Selected Papers on Language and the Brain. Dordrecht/ Boston: D. Reidel.
- Goldstein, K. 1939 The organism, Boston: Beacon Press.
- _____ K. 1948 Language and Language Disturbances, N.Y.: Stratton.
- Goody, W. 1977 Introduction, in Riese 1977, pp. 9-13.
- Hacking, I. 1975 Why Does Language Matter In Philosophy? Cambridge: Cambridge University Press.
- Harré, R. 1972 The Philosophies of Science, Oxford/New York/Toronto/ Melbourne: Oxford University Press.
- Head, H. 1926 Aphasia and Kindred Disorders of Speech, N.Y.: McMillan.

Hécaen, H. 1977 *Áfasia y acrasias*, Buenos Aires: Paidós.

_____ & Dubois, J. (eds.) 1969 *La Naissance de la Neuropsychologie du langage, 1825-1845*, Paris: Flammarion.

Herrnstein, R.J. & Boring, E.G. 1971 *Textos básicos de história de psicologia*, S.P.: Edusp (ed. original: 1966).

Hobbes, T. 1651 *Leviathan*, in E.A. Burt (ed.) *The English Philosophers from Bacon to Mill*, N.Y.: The Modern Library, 1939.

_____ 1655 *De corpore*, in Mollesworth, W. (ed) *Thomas Hobbes opera philosophica sive latina scripsit*, Londres, 1839-1845.

Hook, S. (ed.) 1960 *Dimensions of Mind*, New York: New York University Press.

Hume, D. 1751 *Enquiry Concerning Human Understanding*, Londres [citado em Herrnstein & Boring 1971].

Jackson, J.H. 1874 *On the nature of the duality of the brain*, *Medical Press and Circular* 1: 19,41,63 [republished in Taylor 1958].

- Jakobson, R. 1969 Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia, in Jakobson, R. (1969) *Linguística e Comunicação*, S.P.: Cultrix.
- _____ & Halle, M. 1956 *Fundamentals of Language*, The Hague: Mouton.
- Kuhn, T.S. 1970 *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago/Londres: The University of Chicago Press, segunda edição.
- _____ 1979 Reflexões sobre meus críticos, in Lakatos & Musgrave (eds.), pp. 285-343.
- Kussmaul, A. 1876 *Die Störungen der Sprache*, Leipzig.
- Lakatos, I. & Musgrave, A. 1979 *A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento*, S.P.: Cultrix/Edusp.
- Lebrun, Y. & Hoops, R. 1974 *Intelligence and Aphasia*, Amsterdam: Swets & Zeitlinger.
- Leischner, A. 1982 *Áfasiyas y trastornos del lenguaje*, Barcelona: Salvat.
- de Lemos, C.T.G. 1980 *Linguagem interna: de Vygotsky a Luria*, manuscrito inédito.

- Lesser, R. 1979 Linguistic Investigation of Aphasia, London: E. Arnold.
- Levina, R.E. 1981 L.S. Vygotsky's ideas about the planning function of speech in children, in Wertsch (ed.) 1981.
- Lichtheim, L. 1985 On Aphasia, Brain: 433-484 [citado em Ellis et al. 1983]
- Lordat, L. 1943 Analyse de la parole pour servir à la théorie des divers cas d'alalie et de paralalie (de mutisme et d'imperfection du parler) que les nosologistes ont mal connus, Journal de la Société de Médecine Pratique de Montpelier, t. VII, pp. 333-353, 419-433, e t. VIII, pp. 1-17 [republicado em Hécaen & Dubois (eds.), pp. 130-167].
- Lorenz, M. 1961 Problems posed by schizophrenic language, Archives of General Psychiatry, 4, 603-610.
- Lotmar, F. 1919 Zur Kenntnis der erschwerten Wortfindung und ihre Bedeutung für das Denken der Aphasischen, Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie 5: 206.
- Luria, 1959 The directive function of speech in development and dissolution, Word 15: 341-351.
- _____ 1961 The Role of Speech in the Development of Normal and Abnormal Behavior, Oxford: Pergamon Press.

- 1966 Human Brain and Psychological Processes, New York/London: Harper & Row.
- 1971 Speech and the Development Psychological Processes in Children, London: Penguin [edici3n española: Lenguaje y Desarrollo Intelectual en el Niño, Madrid: Pablo del Rio, nd3]
- 1974a The neuropsychology of memory, N.Y.: Winston & Sons.
- 1974b Cerebro y Lenguaje. La Afasia Traumática: Síndromes, Exploraciones y Tratamiento, Barcelona: Editorial Fontanella.
- 1974c The Working Brain, London: Penguin.
- 1979 El Papel del Lenguaje en el Desarrollo de la Conducta, Buenos Aires: Editorial Cartago [original inglés: The Role of Speech in the Regulation of Normal and Abnormal Behavior, London: Pergamon Press, 1959]
- & Hutton, J.T. 1977 A Modern Assessment of the Basic Forms of Aphasia, Brain and Language 4: 129-151.
- & Tsevetkova, L.S. 1968 Towards the Mechanism of Dynamic Aphasia, Foundations of Language 4: 296-307.

- _____ & Yudovitch, F.J. 1959 Speech and the development of the mental processes of the child, London: Staple Press.
- Lyons, J. 1968 Introduction to Theoretical Linguistics, Cambridge: Cambridge University Press.
- Maimberg, B. 1971 As Novas Tendências da Linguística, S.P.: Edusp/Nacional.
- Manicas, P.T & Secord, P.F. 1983 Implications for psychology of the new philosophy of science, American Psychologist 38: 337-413.
- Marie, P. 1906 Revision de la question de l'aphasie. I. La troisième circonvolution frontale gauche ne joue aucun rôle dans la fonction de langage, Sem. Med. (Paris) 26: 241-247.
- Margolis, J. 1984 Philosophy of Psychology, Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Marx, M.H. & Hillix, W.A. 1978 Sistemas e teorias em psicologia, S.P.: Cultrix (ed. original: 1963).
- Marx, O.M. 1966 Aphasia studies and language theory in the 19th. century, Bulletin of the History of Medicine 40: 328-249.
- von Monakow, C. 1914 Die Lokalisation im Grosshirn, Wiesbaden: Bergmann.

- Nebes, R.D. 1975 The nature of internal speech in a patient with aphemia, *Brain_and_Language_2*: 489-497.
- Neuringer, C. 1982 The language of schizophrenic language. *Behavioral_and_Brain_Sciences*, 5, 608-609.
- Paul, H. 1880 *Prinzipien der Sprachgeschichte*, Tübingen.
- Piaget, J. 1926 *La Représentation du Monde chez l'Enfant*, Paris: Felix Alcan.
- Poeck, K. 1983 What do we mean by "aphasic Syndromes"? A neurologist's view, *Brain_and_Language_20*: 79-89.
- Possenti, S. 1986 *Discurso, Estilo e Subjetividade*, UNICAMP, tese de doutoramento (inérita).
- Putnam, H. 1960 Men and machines, in Hook (ed.) 1960.
- Reeves, J.W. 1969 *Thinking about thinking*, Londres: Methuen.
- Riese, M. 1936 Les discussions des problèmes des localisations cérébrales dans les sociétés savantes du XIXème. siècle et leurs rapports avec des vues contemporaines, *L'Hygiène Mentale_31* (6):137-158 (republicado in Riese 1977, pp. 53-69).

- _____ 1947 The early history of aphasia. *Bulletin of the History of Medicine* 21: 322-334 (republished in Riese 1977, pp. 41-521).
- _____ 1977 *Selected Papers on the History of Aphasia*, Amsterdam: Swets & Zeitlinger.
- Rosch, E. 1977 Human categorization, in Warner (ed.) 1977, pag.-72.
- _____ 1978 Principles of categorization, in Rosch & Lloyd (eds.) 1978, page 27-48.
- _____ & Lloyd, B.B. 1978 *Cognition and Categorization*, Hillsdale, N.J.: L. Erlbaum.
- Schaff, A. 1973 *Language and Thought*, New York: McGraw-Hill.
- Schank, R.C. & Abelson, R.P. 1972 Scripts, plans and Knowledge, *IJCAI_4*: 151-157.
- Schwartz, M.F. 1984 What the classical aphasia categories can't do for us, and why, *Brain and Language* 21: 3-8.
- Sokolov, A.N. 1972 *Inner Speech and Thought*, N.Y.: Plenum.
- Spoerl, H.D. 1936 Faculties vs. traits: Gall's solution, *Character and Personality* 4: 216-231.

- Stevan, S.R., Steklis, H.D. & Lancaster, J. 1976 *Origins and Evolution of Language and Speech*, Annals of the New York Academy of Science, vol. 280.
- Taine, H. 1944 *La inteligencia*, Buenos Aires: Ed. Albatroz (ed. original: 1870).
- Taylor, J. (ed.) 1958 *Selected Writings of John Hughlings Jackson*, London: Staple Press.
- Toulmin, S. 1979 é adequada a distinção entre ciência normal e ciência revolucionária?, in Lakatos & Musgrave (eds.), pp. 49-59.
- Trousseau, A. 1864 De l'aphasie, maladie décrite récemment sous le nom impropre d'aphémie, *Gaz. Méd.* 22: 13-14.
- _____ 1874 De l'aphasie, in *Clinique Médicale de l'Hôtel-Dieu de Paris* (republicado em Hécaen & Dubois (orgs.), pp. 193-266).
- Tsevetkova, L.S. 1968 [The neurolinguistic analysis of the so called dynamic aphasia. Report 1. The study of disruption of predicative function of speech in dynamic aphasia], in [Psychological studies], Moscou: Ed. Universidade de Moscou (citado em Akhutina 1978, em russo).

- _____ & Shagi, Y. 1969 [The study of inner speech disturbance in dynamic aphasia], in [Psychobiological studies], Moscou: Ed. Universidade de Moscou (citado em Akhutina 1978, em russo).
- Vygotsky, L.S. 1956 *Izbrannnye psichologicheskie issledovaniya* [Selected psychological investigations], Moscou: Nauka [citado em Akhutina 1978].
- _____ 1962 *Thought and Language*, Cambridge: The MIT Press.
- _____ 1978 *Mind in Society*, Cambridge: Harvard University Press.
- _____ 1981 The genesis of higher mental functions, in Wertsch (ed.) 1981.
- Wahnhoff, S. 1980 *Innere Sprachen. Psycholinguistische Untersuchungen an aphasischen Patienten*, Weinheim/Basel: Beltz Verlag.
- Warren, N. (ed.) 1977 *Advances in Cross-Cultural Psychology* I, London: Academic.
- Watson, J.B. 1919 *Psychology from the Standpoint of a Behaviorist*, Philadelphia: Lippincott.
- Wernicke, C. 1874 *Der aphasische Symptomencomplex*, Breslau: Cohn & Weigart [citado em Ellis et al. 1983].